

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM BIOÉTICA
ROSEL ANTONIO BERALDO

**O PROGRAMA DO DECRESCIMENTO NA PERSPECTIVA DA BIOÉTICA
GLOBAL DE POTTER E DA ENCÍCLICA *LAUDATO SI***

CURITIBA – PR
2017

ROSEL ANTONIO BERALDO

**O PROGRAMA DO DECRESCIMENTO NA PERSPECTIVA DA BIOÉTICA
GLOBAL DE POTTER E DA ENCÍCLICA *LAUDATO SI***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Bioética, Área de concentração: Fundamentos da Bioética, da Escola de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Bioética.

Orientador: Prof. Dr. Anor Sganzerla.

**CURITIBA – PR
2017**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Giovanna Carolina Massaneiro dos Santos – CRB 9/1911

B482p
2017

Beraldo, Rosel Antonio

O programa de decrescimento na perspectiva da bioética global de Potter e da Encíclica Laudato Si / Rosel Antonio Beraldo ; orientador: Anor Sganzerla. – 2017.

145 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017

Bibliografia: f. 130-145

1. Bioética. 2. Sustentabilidade. 3. Francisco, Papa, 1936-.
I. Sganzerla, Anor. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Bioética. III. Título.

CDD 20. ed. – 174.9574

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOÉTICA**

**DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº13/2017
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Bioética**

Em sessão pública às catorze horas do dia vinte e nove de março do ano de dois mil e dezessete, na sala 2 do mestrado, realizou-se sessão pública de Defesa da Dissertação: "O programa do decrescimento na perspectiva da bioética global de Potter e da Encíclica *Laudato Si'*" apresentada pelo aluno **Rosel Antonio Beraldo** orientação do(a) Professor(a) Doutor(a) **Anor Sganzerla** como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Bioética**, perante uma Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Anor Sganzerla
PUCPR (orientador e presidente).



Assinatura

Prof.ª Dr.ª Daiane Priscila Simão Silva
PUCPR (examinador interno).



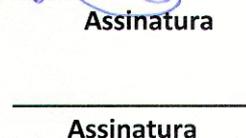
Assinatura

Prof. Dr. Mario Sergio Cunha Alencastro
UNINTER (examinador externo).



Assinatura

Prof. Dr. Mário Antonio Sanches
Suplente



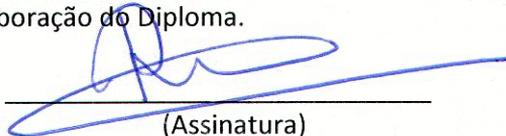
Assinatura

Início: 14:00 Término 15:30.

Conforme as normas regimentais do Programa de Pós-Graduação em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná o trabalho apresentado foi considerado APROVADO (aprovado/reprovado).

O (a) aluno (a) está ciente que a homologação deste resultado está condicionada: (I) ao cumprimento integral das solicitações da Banca Examinadora, que determina um prazo de 60 dias para o cumprimento dos requisitos; (II) entrega da dissertação em conformidade com as normas especificadas no Regulamento do PPGb/PUCPR; (III) entrega de documentação necessária para elaboração do Diploma.

Aluno (a): **Rosel Antonio Beraldo**



(Assinatura)



Prof. Dr. Mário Antonio Sanches

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Bioética

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor da História, pela vida, pela inteligência e força de vontade por me proporcionar ir à busca de uma alternativa para se viver dignamente neste Planeta Terra tão majestoso.

Agradeço a minha esposa Marcia Aparecida Mierzva e ao nosso maravilhoso filho, George Lucas Mierzva Beraldo, pelo suporte e por serem compreensivos nessa etapa tão intensiva.

Agradeço aos meus queridos pais Santo Olívio Beraldo (*in memoriam*) e Euza Beraldo, pessoas bondosas e humildes, que sempre tiveram amor à vida.

Agradeço de coração ao meu orientador, professor Doutor Anor Sganzerla, pela liberdade, incentivo à pesquisa e amizade.

Agradeço à coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES), pela concessão da bolsa integral de estudos, financiada através de verbas públicas advindas, principalmente, da contribuição, sobretudo do povo simples e tão sequioso de justiça social.

Agradeço as amigas Houda Izabela de Oliveira e Michele Ribeiro Vieira de Mello, pessoas de uma simpatia única, pelo incentivo e cooperação mútua.

Agradeço imensamente ao professor Mario Sanches e a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Bioética da PUC-PR que, de uma forma ou de outra, ajudaram nesta caminhada de aprimoramento mental, intelectual e humano.

Agradeço à Sandra, secretária do Programa de Pós-Graduação em Bioética da PUC-PR, pela sua enorme presteza em criar um ambiente sempre profícuo para todos.

Agradeço aos professores: Daiane Priscila Simão Silva e Mário Sérgio Alencastro por terem aceito o convite de participarem da minha defesa e por contribuírem com a pesquisa.

Agradeço ao grande amigo, D. Elredo, osb, monge beneditino, homem de Deus, que no silêncio e na oração, torce por mim, especialmente nos momentos mais difíceis.

Agradeço ao padre salesiano, Pedro Borges, que mesmo distante jamais deixou que nossa amizade esmorecesse.

Agradeço, enfim, a todos os personagens anônimos que foram tantos nestes últimos tempos, pessoas generosas, que, de coração, dispuseram-se a colaborar. A todos, meu 'Muito Obrigado'.

“Se, finalmente, pudésseis observar, do mundo da lua, como fez Menipo, as inúmeras agitações dos mortais, decerto acreditaríeis estar vendo uma densa nuvem de moscas ou de pernilongos brigando, insidiando-se, guerreando-se, invejando-se, espoliando-se, fornicando-se, nascendo, envelhecendo, morrendo. Não podeis sequer imaginar os horrores e as revoluções com que enche a Terra esse animalzinho, tão pequeno e de tão pouca duração, que vulgarmente se chama homem”.

(Rotterdam, Elogio da Loucura, 1509).

RESUMO

O tema do decrescimento representa um momento “novo” para o debate da bioética global. No entanto, embora no Brasil, o assunto ainda receba pouco destaque, em alguns países da Europa (principalmente na França, Espanha e Itália) e nos EUA, pesquisadores ligados às universidades e também estudiosos sem vínculo com a academia, têm investigado e debatido o tema como uma alternativa para fazer frente ao atual modelo de desenvolvimento sustentável. Encontram-se ecos da mensagem decrescentista ainda no século XIX, mas, é no último quarto do século XX, que este movimento ganhou amplitude. O ano de 1972 representa um marco para esse modo de pensar, quando um grupo de especialistas em diversas áreas criou o *Clube de Roma* e, conseqüentemente, a produção de um documento intitulado *Os limites do crescimento*. Diante desse contexto, esta pesquisa tem por objetivo analisar como o *Programa do decrescimento* está em sintonia com os referenciais da bioética global potteriana e com os ideais da Encíclica *Laudato Si* na perspectiva de garantir a dignidade da vida humana e extra-humana para além do tempo imediato. Para alcançar esse propósito, na primeira parte do trabalho apresentar-se-á os principais fundamentos do *Programa do decrescimento* priorizando a pauta dos 9r: reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar/reciclar e rearborizar. No segundo momento busca-se identificar como o *Programa do decrescimento* encontra sintonia com a bioética global de Potter e com a Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco na perspectiva de assegurar um desenvolvimento humano que possa ser sustentável e que respeite a dignidade humana bem como a vida extra-humana para além do tempo imediato.

Palavras-chaves: Decrescimento – Sustentabilidade – Potter – *Laudato Si* – Bioética.

ABSTRACT

The topic of decline represents a "new" moment for the debate on global bioethics. However, although in Brazil the subject is still underreported, in some European countries (mainly in France, Spain and Italy) and in the USA, university researchers and scholars with no link to the academy have investigated and debated the subject. As an alternative to address the current model of sustainable development. There are echoes of the decaying message still in the nineteenth century, but it was in the last quarter of the twentieth century that this movement gained breadth. The year 1972 represents a milestone for this way of thinking, when a group of specialists in several areas created the Club of Rome and, consequently, the production of a document entitled *The limits of growth*. Given this context, this research aims to analyze how the program of decay is in line with the referents of global potterian bioethics and with the ideals of the Encyclical *Laudato Si* in the perspective of guaranteeing the dignity of human life and extrahuman beyond time immediate. To achieve this purpose, the first part of the paper will present the main foundations of the program of reduction, prioritizing the agenda of the 9th: re-evaluate, reconfigure, restructure, redistribute, relocate, reduce, reuse / recycle and re-grow. In the second moment, it is sought to identify how the proposal of the decline is in tune with the global bioethics of Potter and with the Encyclical *Laudato Si* of the Pope Francisco with the perspective of ensuring a human development that can be sustainable and that respects the human dignity as well as the life Extra-human beyond the immediate time.

Keywords: Decrease – Sustainability – Potter – *Laudato Si* – Bioethics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1 O PROGRAMA DO DECRESCIMENTO NA EUROPA E NO BRASIL	9
1.1 FUNDAMENTOS DO PROGRAMA DECRESCENTISTA	14
1.1.1 Reavaliar	14
1.1.2 Reconceituar	20
1.1.3 Reestruturar	27
1.1.4 Redistribuir	36
1.1.5 Relocalizar.....	41
1.1.6 Reduzir	45
1.1.7 Reutilizar/reciclar	55
1.1.8 Rearborizar.....	58
2 O PROGRAMA DECRESCENTISTA PRESENTE NA BIOÉTICA GLOBAL DE POTTER E NA ENCÍCLICA LAUDATO SI DO PAPA FRANCISCO	61
2.1 O PROGRAMA DO DECRESCIMENTO NA BIOÉTICA GLOBAL DE POTTER.....	62
2.1.1 O reavaliar potteriano	64
2.1.2 O reconceituar potteriano	68
2.1.3 O reestruturar potteriano	72
2.1.4 O redistribuir potteriano	74
2.1.5 O relocalizar potteriano	76
2.1.6 O reduzir potteriano.....	79
2.1.7 O reutilizar/reciclar potteriano.....	85
2.1.8 O rearborizar potteriano	88
2.2 O PROGRAMA DO DECRESCIMENTO NA ENCÍCLICA LAUDATO SI DO PAPA FRANCISCO	90

2.2.1 O contexto da Encíclica <i>Laudato Si</i>	90
2.2.2 A Encíclica <i>Laudato Si</i> e a bioética global de Potter	92
2.2.3 O <i>Programa do decrescimento</i> exposto na <i>Laudato Si</i>	95
2.2.4 O <i>Programa do decrescimento</i> assumido na <i>Laudato Si</i>	110
2.2.5 Um conflito entre Potter e Francisco: a questão demográfica	120
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130

INTRODUÇÃO

Alguns dos problemas de nossos tempos parecem, à primeira vista, insolúveis devido à sua enorme magnitude, entre eles destacam-se a fome, a violência, a desigualdade social, o crescimento populacional, diminuição das reservas mundiais de combustíveis fósseis, meio ambiente em profunda deterioração, imigrantes e refugiados buscando uma nova vida¹ em terras longínquas, desemprego, recessões econômicas, fundamentalismo religioso, um modelo de desenvolvimento que destrói o meio ambiente², um sistema financeiro único marcado pela voracidade do lucro a curto prazo e uma crescente revolução tecnológica, entre outros. Tal realidade se agrava ainda mais quando esse modelo, para alcançar seus objetivos, desrespeita a dignidade humana e ignora os limites da natureza extra-humana³.

Embora o termo “crise da política mundial” sinalize que toda a humanidade sofre ou sofrerá as consequências de escolhas políticas e econômicas de nossos tempos, na prática os resultados mais duros têm recaído, sobretudo, nos mais fracos e vulneráveis, o que exige, desse modo, uma atenção especial porque suas vidas se encontram mais ameaçadas. Essa maneira de governar, no qual o Estado se exime da responsabilidade de políticas em vista à preservação do futuro da vida humana e extra-humana, deixando tudo para ser regulado pelo mercado, fez da humanidade uma vítima desse processo. Isso porque, à medida que a própria humanidade é conduzida a buscar resultados de políticas de modo imediato, contribui também para separar a ética da economia, quando, na prática, deveria ser o contrário, ou seja, a

¹ “A história da noção de vida mostra a dificuldade de se definir a vida. O que é o vivente? Responde a noética: tudo. A vida é uma característica cósmica inerente a tudo que existe, mesmo ao que parece inerte (o mesmo acontece com o pensamento aliás). Sendo assim, podemos falar de hilozoísmo (tudo que existe vive). Uma vez que haja evolução cósmica, há vida cósmica em via de se consumir e realizar” (HALÉVY, 2010, p. 335).

² “Os anos 70 e 80 ampliaram nosso conhecimento empírico sobre o funcionamento da biosfera e sobre os riscos possíveis de acidentes nucleares e químicos (*Three Mile Island, Tchernobyl e Bhopal*), de desastres provocados pelo homem (encolhimento do Mar de Aral e destruição ambiental na Europa do Leste), de aquecimento global da atmosfera e do efeito estufa, além das ameaças à segurança representadas pelos conflitos e disputas por recursos e pela guerra ecológica” (GLEICK, 1991, apud SACHS, 1993, p. 14).

³ O autor desta dissertação utiliza a expressão extra-humana “em sentido próximo ao entendimento daquilo que Descola, 1998 e Descola; Pálsson, 201, falam sobre os grupos ameríndios e suas relações ecológicas e sociais com outros entes, com as alteridades. Extra-humano indica, a meu ver, a possibilidade de participação, aliança e de um agregar outros entes naturais e sobrenaturais às relações humanas/sociais/políticas/culturais” (RAMOS, 2016, p. 166)

economia deveria se religar à ética, numa relação de cooperação, pois uma economia de mercado sem valores éticos pode ser portadora de altíssimos riscos.

A preocupação de como a sociedade deve crescer, prosperar e sobreviver dentro dos limites finitos da própria natureza, respeitando a dignidade humana têm marcado a pauta de órgãos internacionais, como também de grupos independentes ou mesmo de pessoas individualmente. A possibilidade de um novo estilo de vida, com novos métodos de produção e de consumo, que não comprometa o futuro da natureza humana e extra-humana passa a ser desejado por muitas pessoas. Enfim, vivemos um momento no qual muitos fazem um reexame da atividade humana sobre o planeta e sobre si mesmo. Nesse sentido, a bioética, tem sido uma ferramenta indispensável na promoção desse diálogo, em vista de encontrar novas alternativas.

Importante salientar, também, que a atual crise mundial não é o resultado de um desenvolvimento recente, mas de um modelo político de desenvolvimento de longa data. Desse modo, as grandes ideologias modernas dos últimos séculos, seja da parte dos capitalistas ou dos comunistas, demonstraram-se desgastadas e insuficientes para dar conta desse novo cenário. Não bastasse isso, as evidências mostram que o tão desejado progresso ilimitado tem perdido em muitos setores a sua credibilidade, porque, embora tenha trazido certos êxitos para uma parte da população, por outro lado, para a grande maioria o progresso do modelo desenvolvimentista trouxe consequências negativas. A ideia de que o progresso científico traria felicidade a todos parece a cada dia ser mais desacreditada.

No entanto, embora o atual modelo de desenvolvimento se apresente como a única alternativa de sobrevivência da humanidade, desde os anos 1970, alguns estudiosos⁴ preocupados com as consequências das ações humanas sobre o planeta, têm buscado alternativas ao desenvolvimento e não alternativas de desenvolvimento que garantam a continuidade da vida humana e extra-humana no futuro. Uma dessas alternativas foi nomeada de *Programa do decrescimento*⁵. Tal modo de pensar queria

⁴ Aqui, de início, indica-se aos leitores, outros pensadores em seus diferentes contextos que se ocuparam desta temática já no século XIX e ao longo do século XX, para mostrar claramente que o pensamento decrescentista não é algo recente. Entre os precursores do movimento decrescentista figuram: Henry David Thoreau (1817-1862), John Ruskin (1819-1900), William Morris (1834-1896), Lev Nikolayevich Tolstói (1828-1910), Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948), Joseph Chelladurai Kumarappa (1892-1960), Jean Baudrillard (1929-2007), Andre Gorz (1923-2007), Tom Rolt (1910-1974), Vandana Shiva (1952), Ernst Friedrich "Fritz" Schumacher (1911-1977), Tim Jackson (1957-?) (nota do autor).

⁵ "A palavra decrescimento tem como principal meta enfatizar fortemente o abandono do objetivo do crescimento ilimitado, objetivo cujo motor não é outro senão a busca do lucro por parte dos detentores

denunciar que os níveis de consumo e exploração do meio ambiente são insustentáveis e que é necessária uma redução ou até mesmo, em alguns casos, a diminuição da produção, bem como do consumo, principalmente nos países mais abastados Além disso, esse *Programa de decrescimento* tentou mostrar desde o seu surgimento que o atual modelo de desenvolvimento, não é fruto de insucessos casuais, mas do sucesso tecnológico, o que nos obriga a repensar o estilo de vida da humanidade⁶.

O *Programa do decrescimento*, no entanto, não está em oposição ao que classificamos de desenvolvimento sustentável, ou seja, “satisfazer as necessidades presentes da humanidade, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”⁷ (PESSINI; BARCHIFONTAINE *et al*, 2015, p. 133). Tal conceito de desenvolvimento sustentável fixou-se, em especial, no ano de 1987 com o chamado *Relatório Brundtland*⁸ e, posteriormente, foi assumido na ECO 92⁹, no Rio de Janeiro¹⁰, tornando-se, dali em diante, ponto de referência para a maioria dos países. Passados trinta anos do *Relatório Brundtland*, o desenvolvimento

do capital, com consequências desastrosas para o meio ambiente e, portanto, para a humanidade” (LATOUCHE, 2009, p. 04, *sic*).

⁶ “Reconhecemos as ameaças tanto aos limites internos das necessidades humanas básicas como aos limites externos dos recursos físicos do Planeta. Mas também acreditamos que um novo sentido de respeito aos direitos fundamentais do homem e à preservação do nosso Planeta está-se desenvolvendo por trás das furiosas cisões e confrontos de nossos dias. Temos fé no futuro da humanidade neste Planeta. Acreditamos na possibilidade de modos de vida e sistemas sociais mais justos, menos arrogantes em suas exigências materiais, mais respeitadores do ambiente planetário. O caminho à nossa frente não se assenta nem no desespero da simples contemplação da ruína nem no otimismo leviano de ajustes tecnológicos sucessivos. Baseia-se sim, na delimitação cuidadosa e desapaixonada dos limites externos, na busca conjunta de modos de satisfazer os limites internos dos direitos humanos fundamentais, na construção de estruturas sociais que os expressem e no paciente trabalho de invenção de técnicas e estilos de desenvolvimento que enriqueçam e preservem nossa herança planetária” (UNEP, 1981, *apud* SACHS, 1993, p. 13).

⁷ No original: “*Sustainable development is development that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs*”. Esta é a definição contida na página 54, da versão original do Relatório Brundtland, relatório esse que pode ser acessado na íntegra no seguinte endereço: <https://ambiente.files.wordpress.com/2011/03/brundtland-report-our-common-future.pdf>.(nota do autor).

⁸ “Relatório *Brundtland* ou Nosso Futuro Comum: Publicado em 1987, concebe o desenvolvimento sustentável como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”. No início da década de 1980, a ONU retomou o debate das questões ambientais. Indicada pela entidade, a primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, chefiou a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, para estudar o assunto” (IHU On-Line, 2016, p. 42/43).

⁹ “Em 1992, realizou-se, no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Cúpula da Terra. A Agenda 21 estabelecia os objetivos a serem alcançados e os meios a serem mobilizados até o ano 2000 para promover um desenvolvimento sustentável” (PASSET, 2003, p. 95).

¹⁰ “Uma visão limitada da Cúpula da Terra, tomado como evento per se, levou muitos críticos a concluir que o evento foi em grande parte sobretudo um exercício retórico, destinado rapidamente, como tantas outras conferências das Nações Unidas, ao esquecimento” (SACHS, 1993, p. 59).

sustentável proposto originalmente tem hoje novos desafios, ou seja, ele tem um longo caminho até 2030, data simbólica escolhida pela ONU¹¹ para que as nações estejam em posições favoráveis de propiciarem aos seus habitantes, condições satisfatórias para uma existência sustentável.

A pergunta “que tipo de futuro teremos”? também foi o ponto de partida da bioética de Potter¹². Preocupado com o atual modelo de desenvolvimento, e suas consequências, Potter pensa na bioética inicialmente como uma alternativa de guiar a humanidade, o que ficou conhecido como ponte para o futuro. Para o pensador, o desenvolvimento da ciência e da técnica não podem andar separados dos parâmetros da ética, por isso da bioética como “ponte” ou mesmo como a “ciência da sobrevivência”. Nesse sentido, a bioética potteriana não está em desarmonia com as conquistas tecnológicas alcançadas pela humanidade. Sua meta inicial é de promover um diálogo entre a cultura da ciência e da humanidade. Do diálogo entre as duas culturas, que Potter apresenta em sua obra inicial *Bioética: ponte para o futuro*, o autor amplia seu pensamento para a *Bioética global* na qual leva para o centro do debate da bioética além da pessoa humana, também a vida cósmica, a ecologia, o futuro da natureza e da natureza humana.

Nesse cenário de incertezas e de ameaças à vida, Potter conclamava que se “pensasse a bioética como uma nova ética científica que combinasse a humildade, a responsabilidade e a competência, em uma perspectiva interdisciplinar e intercultural que potencializasse o sentido de humanidade” (POTTER, 1998, p. 370-374). Assim, a bioética global procura cumprir seu papel de refletir sobre tais perigos em relação à vida e de propor alternativas de modo a garantir a proteção e a dignidade da mesma. Nesse sentido, embora a grande maioria das políticas mundiais esteja comprometida com a lógica do capital e do mercado, cresce também uma nova consciência de que algo precisa ser feito em relação ao atual modelo de desenvolvimento, de modo que se possa assegurar à nossa Casa¹³ Comum¹⁴ uma dignidade ímpar para além do tempo presente.

¹¹ Organização das Nações Unidas (nota do autor).

¹² “Van Rensselaer Potter (1911-2001), bioquímico americano, engajado na luta contra o câncer” (IHU On-line, 2014, p. 29).

¹³ A expressão “Casa Comum” é encontrada principalmente na extensa obra de Leonardo Boff, dentre a qual destacamos: “A Terra na palma da mão: uma nova visão do planeta e da humanidade”, Editora Vozes, 2016; em Afonso Murad (org.) “Ecoteologia: um mosaico, Editora Paulus, 2016 e de modo implícito vem na “Carta da Terra”, na obra de MiKhail Gorbachev. “Meu manifesto pela Terra”, Editora Planeta, 2003 (nota do autor).

¹⁴ Casa Comum significa o planeta inteiro (nota do autor).

O Papa Francisco¹⁵, com sua Encíclica¹⁶ *Laudato Si'*¹⁷, também demonstra preocupação com o futuro da vida humana e extra-humana no atual modelo de desenvolvimento. Para o Pontífice precisamos pensar o planeta como uma *Casa comum*, o que faz com que não tenhamos na atualidade diferentes crises, ou seja, uma crise social, outra ambiental, mas sim uma única e complexa crise sócio ambiental. E, para buscar uma alternativa para a atual crise, é necessária uma abordagem integral de nosso modo de produção e de ação humana sobre nós mesmos e sobre a natureza, a fim de que com isso seja possível combater a pobreza, devolver a dignidade dos excluídos, cuidar da natureza e garantir a sua continuidade no futuro.

Diante desse cenário em que a ideia de progresso e de desenvolvimento tem ameaçado a vida humana e extra-humana, esta pesquisa quer saber: como o *Programa do decrescimento* está em sintonia com os referenciais da bioética global potteriana e com os ideais da Encíclica *Laudato Si* na perspectiva de garantir a dignidade da vida humana e extra-humana para além do tempo imediato?

Para alcançar tais metas, esta pesquisa se desenvolverá em dois momentos: no primeiro momento serão apresentados os principais fundamentos e teses do *Programa do decrescimento* enfatizando as suas principais características: reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar e rearborizar. Para tal análise serão utilizados os principais representantes teóricos do

¹⁵ "Papa Francisco (1936): Argentino, filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo". (IHU On-Line, 2016, p. 26).

¹⁶ Etimologicamente, a palavra foi empregada para designar "cartas circulares" enviadas pelos bispos a seus colegas de uma mesma região, para assegurar a unidade doutrinal. A partir de Bento 14, em sua "*Epistola Encyclica commonitoria ad omnes episcopos*" (Carta circular de advertência a todos os bispos), de 3 de dezembro de 1740, esse termo se restringiu às mensagens dirigidas pelo papa, em forma de carta, a toda a Igreja Católica, "aos patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e outros ordinários (comuns) em paz e em comunhão com a Sé apostólica". As encíclicas pertencem ao gênero das "cartas apostólicas", distinguindo-se, porém, pela universalidade de seus destinatários. O texto oficial das encíclicas é publicado em latim nos "*Acta Apostolicae Sedis*" (Atos da Sé Apostólica), embora seja publicado no diário "*Osservatore Romano*" (Observador Romano), que, às vezes, publica simultaneamente a tradução italiana oficial. O título das encíclicas, também em latim, é tirado das primeiras palavras do texto oficial. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/papa-enciclica.shtml>. Acesso em 05/03/2017 (nota do autor).

¹⁷ "*Laudato Si'* (português: Louvado sejas; subtítulo: "Sobre o Cuidado da Casa Comum"). Encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e o desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada 24/05/2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social" (IHU On-line, 2016, p. 36).

Programa decrescentista, a saber: Ivan Illich, Nicholas Georgescu Roegen e Serge Latouche. Na segunda parte do trabalho, a meta será identificar como a bioética potteriana e a Encíclica *Laudato Si*, embora distanciadas pelo tempo de 45 anos, possuem pontos em comum com a proposta do *Programa do decrescimento*. Para tanto, serão utilizadas a obra principal de Potter, “Bioética: ponte para o futuro”, bem como a Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco.

Embora os ideais de Potter não sejam os mesmos do Papa Francisco é possível identificar objetivos comuns em suas obras e em seus projetos, na medida em que ambos visam salvaguardar a vida por inteiro, e para tanto questionam o modelo de desenvolvimento e sugerem um programa do decrescimento a fim de assegurar a vida em sua totalidade no futuro. Não por acaso, ambos os autores resgatam o pensamento de Teilhard de Chardin¹⁸, o qual buscou construir uma ponte entre a vida, a ciência e o sagrado.

¹⁸ “Teilhard de Chardin (1881-1955): jesuíta, paleontologista e filósofo francês. Ajudou a descobrir o homem de Pequim, um tipo primitivo de ser humano. Contudo, a sua grande fama deve-se à teoria que pretende unificar a evolução cósmica e o cristianismo. Tornou-se jesuíta em 1899 e foi ordenado padre em 1911. Ensinou por algum tempo, no Instituto Católico de Paris. Sua teoria da evolução, apresentada em conferências, foi considerada pouco ortodoxa em relação à doutrina católica do pecado original. Em consequência, as autoridades da Igreja proibiram-no de continuar ensinando em Paris. Teilhard viveu, então, na China, de 1923 a 1946, onde foi consultor do órgão oficial de pesquisas geológicas. Começou sua pesquisa de fósseis em 1923. Escreveu muito enquanto estava na China, mas a maioria das obras era controversa e só foi publicada após sua morte. Teilhard colocou a humanidade no centro do universo, e o cristianismo no centro da história do homem. Alguns teólogos louvaram o extremo otimismo de Teilhard, que contrabalançava o medo e o desânimo no mundo” (CADERNOS IHU EM FORMAÇÃO, 2006, p. 88, *sic*).

1 O PROGRAMA DO DECRESCIMENTO NA EUROPA E NO BRASIL

Praticamente tudo faz parte do debate bioético hoje, mas para que esta troca de ideias seja profícua ela precisa ser contextualizada, seja no tempo ou no espaço para que possíveis mal entendidos possam ser mais facilmente compreendidos e esclarecidos. Assim também se dá com o *Programa do decrescimento*; suas origens podem ser constatadas ainda em meados do século XIX e com maior força, ele emerge a partir do fim da 2ª Guerra Mundial¹⁹ (1939-1945), através de “relatórios e obras que direta ou indiretamente questionavam o crescimento, por exemplo: “*Road to Survival*”²⁰ (Vogt, 1948, *Our Plundered Planet*”²¹ (Osborn, 1948) e, *The Population Bomb* (Ehrlich²² & Ehrlich, 1968)” (FLIPO, 2012, p. 253). A conclusão a que esses documentos chegaram é que cedo ou tarde, os seres humanos irão se debater com o problema do crescimento²³, qualquer que seja o cenário, ou ainda “um apocalipse gradual decorrente do perigo crescente dos riscos do progresso técnico global e seu uso inadequado” (ALENCASTRO, 2009, p. 14).

As reações a esses estudos foram imediatas causando oposição aos mesmos, em 1973 a Universidade de *Sussex*²⁴ alegou que esses relatórios estavam pondo em risco o futuro da tecnologia e de terem posto em dúvida a ação de diversos produtos entre eles os agrotóxicos e pesticidas usados na agricultura. O economista americano William Nordhaus (1941-?), afirmava nesse período “que a energia nuclear poderia alimentar os automóveis durante pelo menos cem milhões de anos” (NORDHAUS, 1973, *apud* FLIPO, 2012, p. 254). Os pensadores decrescentistas perguntavam-se, se tal atitude não era no mínimo arriscada?

¹⁹ “Segunda Guerra Mundial: conflito iniciado em 1939 e encerrado em 1945. Mais de 100 milhões de pessoas, entre militares e civis, morreram em decorrência de seus desdobramentos. Opôs os Aliados (Grã-Bretanha, Estados Unidos, China, França e União Soviética) às Potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). O líder alemão Adolf Hitler pretendia criar uma “nova ordem” na Europa, baseada nos princípios nazistas da superioridade alemã, na exclusão eliminação física incluída de minorias étnicas e religiosas, como judeus e ciganos, além de homossexuais, na supressão das liberdades e dos direitos individuais e na perseguição de ideologias liberais, socialistas e comunistas. Essa ideologia culminou com o Holocausto”. (IHU On-Line, 2017, p. 15).

²⁰ “Estrada para a sobrevivência”, numa tradução literal (nota do autor).

²¹ “Nosso Planeta saqueado”, numa tradução literal (nota do autor).

²² “A bomba populacional”, numa tradução literal (nota do autor).

²³ “Todavia foram surgindo evidências de que o intenso crescimento econômico ocorrido durante a década de 1950 em diversos países semi-industrializados (entre os quais o Brasil) não se traduziu necessariamente em maior acesso de populações pobres a bens materiais e culturais como ocorrera nos países considerados desenvolvidos” (VEIGA, 2008, p. 19).

²⁴ Universidade localizada na cidade de Brighton, Inglaterra (nota do autor).

Com o exemplo de Nordhaus, outros economistas seguiram seu conselho e apregoaram que o crescimento é sempre a solução e não o problema, o que de certa maneira continua ainda nos dias de hoje. Porém essas alegações “promissoras” do progresso não convenceram a ala decrescentista, que se preocupava com o destino da humanidade e também em 1973 a revista francesa *La Nef* publicou uma edição intitulada “*Les objecteurs de croissance, prospérité oui, mais à quel prix?*”²⁵, assinada por personalidades como Jacques Attali, Jean Pierre Chevènement, René Dumont, Michel Rocard, Bertrand de Jouvenel e Lionel Stoléru” (FLIPO, 2012, p. 255). Com o avanço nas décadas de 1980 e 1990 da globalização, neoliberalismo, a economia de mercado, programas econômicos austeros para a grande maioria dos países em via de desenvolvimento, acabaram por deixar o *Programa do decrescimento* em segundo plano, por outras palavras, isso significou que:

O terreno ficou livre para que prosperassem os valores antiéticos. Proliferaram antivalores como o consumismo desenfreado, o de pisar no pescoço de quem quer que seja para avançar, a manipulação constante das pessoas e até uma aura de legitimidade para a corrupção desde que efetivada com habilidade (SEN & KLIKSBURG, 2010, p. 317).

A chegada do terceiro milênio muda a situação e o *Programa do decrescimento* encontra novos motivos e perspectivas para se expandir, entre os eventos que deram novo impulso ao *Programa do decrescimento* estão: os atentados de 11/09/2001²⁶ ao *World Trade Center* nos Estados Unidos, a guerra do Iraque, a chegada dos países emergentes no cenário internacional (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul)²⁷,

²⁵ “Os objetivos do crescimento, prosperidade sim, mas a que custo?, numa tradução livre (nota do autor).

²⁶ “11 de setembro de 2001: membros do grupo islâmico Al-Qaeda seqüestraram quatro aeronaves, fazendo duas colidirem contra as duas torres do World Trade Center, em Manhattan, Nova Iorque, e uma terceira contra o quartel general do departamento de defesa dos Estados Unidos, o Pentágono, na Virgínia, próximo à capital dos Estados Unidos, Washington. O quarto avião sequestrado foi intencionalmente derrubado em um campo próximo a Shanksville, Pensilvânia, após os passageiros enfrentarem os terroristas. Esse foi o primeiro ataque letal de uma força estrangeira em território americano desde a Guerra de 1812. O saldo de mortos aproxima-se de 3 mil pessoas” (IHU On-Line, 2006, p. 14).

²⁷ Também conhecido pela sigla “BRICS: em economia, BRICS é um acrônimo que se refere aos países membros fundadores: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Juntos formam um grupo político de cooperação. Os membros estão todos em um estágio similar de mercado emergente, devido ao seu desenvolvimento econômico. Apesar do grupo ainda não ser um bloco econômico ou uma associação de comércio formal, como no caso da União Europeia, existem fortes indicadores de que os cinco países têm procurado formar uma aliança, e assim converter “seu crescente poder econômico em uma maior influência geopolítica. Desde 2009, os líderes do grupo realizam cúpulas anuais” (IHU On-Line, 2014, p. 21).

critica-se a especulação financeira internacional, bem como o aquecimento global que toma ares cada vez mais ameaçador para todos.

Vários sites e revistas se especializaram no tema decrescimento, várias marchas a favor do *Programa decrescentista* foram realizadas em países europeus. O *Programa do decrescimento* “produz numerosos debates, cuja finalidade gira em torno de uma reapropriação simbólica do nosso ambiente, [...] o decrescimento é uma noção, um questionamento, uma palavra bomba” (FLIPO, 2012, p. 256). O *Programa do decrescimento* é uma proposta ampla e profunda, ele inaugura um grande manancial de ideias novas e diferentes daquelas que aí estão, para o *Programa do decrescimento* “não é possível que um mundo com tantas possibilidades haja tanta dor diariamente para tantas pessoas. A economia não está funcionando como deveria, ou seja, para todos os seres humanos” (SEN & KLIKSBURG, 2010, p. 402), ou ainda, o fato de que os seres humanos “não são aliens acoplados a uma máquina sem vida, mas cidadãos de uma comunidade biótica²⁸ abundante de vida. A existência humana está, portanto, intrinsecamente ligada à sobrevivência da natureza (ALENCASTRO, 2009, p. 170).

Pensar e escrever sobre os limites do ser humano e do planeta a partir da ótica do *Programa do decrescimento* pode ser tão antigo como a vida. Na atualidade, a temática da finitude dos recursos naturais, bem como a capacidade regenerativa do Planeta estão entre os principais assuntos dos pensadores decrescentistas, acadêmicos, empresários ou da população em geral. Refletir sobre o amanhã se tornou uma obrigação inter e multidisciplinar de primeira grandeza; para o teólogo Hans Kung²⁹, isso mostra que:

As grandes ideologias modernas que nestes últimos dois séculos funcionaram como explicações científicas totais e como semi religiões, hoje estão desgastadas. Porém não só a ideologia do desenvolvimento revolucionário do leste soviético está desgastada; também a ideologia do desenvolvimento evolutivo tecnológico do ocidente está em crise. Esta ideologia se desenvolveu na modernidade com base num novo tipo de fé na razão e na consciência de liberdade. Com isso indubitavelmente alcançou

²⁸ “Relativo ou pertencente à vida ou aos seres vivos; o que permite viver. A palavra vem do grego *biotikós*: relativo à vida” (JUNGES, 2010, p. 136).

²⁹ “Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes religiões” (IHU On-Line, 2014, p. 12).

grandiosas vitórias. Porém, tudo deverá continuar eternamente assim? Sem limites? Crescimento? Progresso ilimitado? (KUNG, 2001, p. 28).

O *Programa do decrescimento* apesar de ter suas raízes na Europa, bem como a maioria de seus autores, em especial, da França, Espanha e Itália, vem com o passar do tempo ganhando novos adeptos em várias partes dos demais continentes, inclusive na América Latina e no Brasil. Para Kanashiro a “concepção do decrescimento é ainda muito pouco conhecida no Brasil, [...], mesmo assim um movimento intelectual recente tem surgido em torno dela e ganha força com a adesão de alguns economistas ecológicos e ecólogos políticos” (KANASHIRO, 2010, apud FRANCO, 2012, p. 270). Os autores europeus do *Programa decrescentista* e seus epígonos, em síntese afirmam que:

Trata essa nova utopia de reduzir o padrão de consumo dos ricos, aumentar o dos pobres e modificar o de todas as pessoas. Mudar a forma de produzir e de consumir, redirecionar o modelo societal e enfim, mudar a cultura, os valores e as ideias dominantes na sociedade produtivista, de consumo de massa. Poderíamos se a aproximação fosse possível³⁰, dizer que em grande parte os defensores do movimento *décroissance* pregam uma reforma intelectual e moral, que lembra a palavra de ordem de Gramsci nos inícios do século XX (NASCIMENTO & GOMES, 2009, apud FRANCO, 2012, p. 272).

O número de pessoas no Brasil que tratam abertamente sobre o *Programa do decrescimento* são um número muito restrito. O atual senador Cristovam Buarque³¹ é uma dessas pessoas que diante da tribuna do senado federal em 2010 reconheceu que:

Ninguém diz que o crescimento é o problema, porque isso levaria a defender a posição que certamente é um desastre eleitoral: a ideia, que começa a tomar conta de diversos grupos intelectuais europeus, ainda não grupos políticos, da defesa de decrescimento feliz. É assim que eles chamam:

³⁰ “O desenvolvimento requer que removam as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência excessiva de Estados repressivos. A despeito de aumentos sem precedentes na opulência global, o mundo atual nega liberdades elementares a um grande número de pessoas, talvez até mesmo à maioria. [...] a pobreza econômica que rouba das pessoas a liberdade de saciar a fome, de obter uma nutrição satisfatória ou remédios para doenças tratáveis, a oportunidade de vestir-se ou morar de modo apropriado, de ter acesso a água tratada ou saneamento básico” (SEN, 2010, p. 16/17).

³¹ “Cristovam Buarque (1944): é um engenheiro mecânico, economista, educador, professor universitário e político brasileiro filiado ao Partido Popular Socialista (PPS). É o criador da Bolsa-Escola, que foi implantada pela primeira vez em seu governo no Distrito Federal. Foi reitor da Universidade de Brasília de 1985 a 1989. Foi governador do Distrito Federal de 1995 a 1998. Foi eleito senador pelo Distrito Federal em 2002. Foi Ministro da Educação entre 2003 e 2004, no primeiro mandato de Lula. Foi reeleito nas eleições de 2010 para o Senado pelo Distrito Federal, com mandato até 2018. É autor de diversos livros” (IHU On-Line, 2017, p. 15).

decrecimento feliz. A ideia de que é possível e até necessário reduzir o crescimento da produção material para que as pessoas possam viver mais felizes [...] e volto a dizer: não vi um candidato que seja tocar, nem de leve, em tema perigoso eleitoralmente, mas necessário, do ponto de vista do Brasil: essa ideia que toma conta da Europa aos poucos, nos meios intelectuais, de decrecimento como objetivo, decrecimento ampliando o bem estar, decrecimento da produção, aumentando a satisfação das pessoas, aumentando a felicidade (BUARQUE, 2010, *apud* FRANCO, 2012, p. 276-277).

No atual cenário brasileiro³², bem como da bioética global³³, não há um debate sistematizado sobre o *Programa do decrecimento*, “não há ainda um posicionamento genuinamente brasileiro a respeito do decrecimento [...], uma ideia relativamente nova para o Brasil e que se choca frontalmente com a ideologia quase hegemônica que ocupa o pensamento dos brasileiros” (FRANCO, 2012, p. 283). No conjunto, o *Programa do decrecimento* defendido pelo pequeno grupo de brasileiros, possui quatro pilares em seu processo, que são: “um desenvolvimento que seja economicamente viável; socialmente justo; ambientalmente sustentável; e politicamente livre e participativo” (DOWBOR, 2011, p. 16), ou ainda nas palavras do senador Cristovam Buarque, para o Brasil atual, “progresso é ter o que comer, ter escola, ter saúde e que o crescimento econômico é uma necessidade, mas não é suficiente” (BUARQUE, 2011, p. 07).

O *Programa do decrecimento* neste terceiro milênio, em especial com um olhar sobre e para o Brasil mostra que “temos que mudar muito mais ainda para que tudo isso se torne um dado da consciência coletiva! Mas é o que deve ser. E o que deve ser tem força de realização” (BOFF³⁴, 2014, p. 114), pois de certo modo, tanto na Europa, como no Brasil, a problemática ambiental, “contemporânea colocou em xeque teorias clássicas, pois são teoricamente insuficientes para resolver os dilemas que ora são colocados em discussão. As questões concernentes à sobrevivência do planeta exigem reformulações” (ALENCASTRO, 2009, p. 19). O *Programa decrecentista* almeja assim que o tempo atual seja um período de profunda e consistente responsabilidade, em especial por aqueles que virão depois de nós, sejam

³² “Outra característica surpreendente é o contraste entre o caráter conscientemente não ético da economia moderna e sua revolução histórica” (SEN, 1999, p. 18).

³³ O autor desta dissertação até o presente momento não encontrou nenhum estudo ligando a Bioética Global ao Programa do decrecimento, o que o leva a ser um pioneiro nesta área (nota do autor).

³⁴ O autor desta dissertação ainda não encontrou a expressão “Decrecimento” nas obras de Leonardo Boff, entretanto ele utiliza em diferentes momentos os “Rs” aqui abordados, como por exemplo em “Ethos Mundial: um consenso mínimo”, Editora Sextante, 2003; “Sustentabilidade: o que é, o que não é”, Editora Vozes, 3ª Edição, 2014 (nota do autor).

humanos ou extra-humanos. Em última instância o *Programa do decrescimento* quer que esse tempo seja marcado não só pela riqueza, produção, acúmulo, miséria, conflitos e barbáries, mas por uma intensa solidariedade e em particular que cada ser humano procure “deixar de lado um estilo de vida e um modo de produção que prejudique profundamente a natureza” (KUNG, 2001, p. 101). A humanidade pela ótica do *Programa do decrescimento* é convidada a restabelecer a desconfiança a tudo aquilo que está ligado ao dinheiro.

1.1 FUNDAMENTOS DO PROGRAMA DECRESCENTISTA

1.1.1 Reavaliar

Serge Latouche³⁵ (1940), teórico do “decrescimento feliz”, da abundância frugal, tem buscado em suas reflexões levar a humanidade a uma sociedade mais solidária e não poupando qualquer espectro político, tanto à direita quanto a esquerda com as quais tem dialogado em suas alocações e escritos. Sua análise e posterior reflexão em relação ao desenvolvimento começa a partir de 1968, quando retorna de uma viagem ao Laos³⁶, são suas palavras sobre este momento vivenciado: “entendi que o desenvolvimento econômico iria destruir toda aquela população, seja pelos comunistas ou pelos americanos. E comecei a refletir sobre o que era o desenvolvimento econômico”. (LATOUCHE, 2011, p. 43). É nesse período, também, que ele encontra, na obra de Ivan Illich³⁷, a confirmação do seu projeto, Serge

³⁵ “Serge Latouche é economista, sociólogo, antropólogo e professor emérito de Ciências Econômicas na Universidade de Paris-Sul (1984). É presidente da Associação dos Amigos da Entropia e presidente de honra da Associação Linha do Horizonte. É doutor em Filosofia, pela Universidade de Lille III (1975), e em Ciências Econômicas, pela Universidade de Paris (1966), diplomado em Estudos Superiores em Ciências Políticas pela Universidade de Paris (1963). Latouche é um dos históricos contribuidores da revista do movimento intitulado M.A.U.S.S. (sigla para Movimiento AntiUtilitarista nas Ciências Sociais), além de ser professor emérito também da Faculdade de Direito, Economia e Gestão Jean Monnet (Paris-Sul), no Instituto de Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social (IEDs) de Paris” (CADERNOS IHU IDEIAS, 2012, p. 20).

³⁶ País do sudeste asiático (nota do autor).

³⁷ “Ivan Illich nasceu em Viena, em 1926. Estudou Filosofia e Teologia na Universidade Gregoriana de Roma. Obteve o Ph. D. em História na Universidade de Salzburgo. Transferiu-se, em 1951, para os Estados Unidos onde trabalhou como coadjutor numa paróquia de irlandeses e portorriquenhos, na cidade de Nova York. De 1956 a 1960 foi nomeado Vice-Reitor da Universidade Católica de Porto Rico, onde organizou um centro de treinamento intensivo para padres americanos que trabalhavam na América Latina. Pensador e autor de uma série de críticas às instituições da cultura moderna, escreveu sobre educação, medicina, trabalho, energia, ecologia e gênero. Faleceu em 2002”. (IHU On-line, 2011, p. 43).

Latouche como tantos outros depois, estão empenhados em romper com a atual sociedade altamente produtivista e destrutiva ao mesmo tempo.

O *Programa do decrescimento* no contexto da bioética global, bem como os objetivos do desenvolvimento sustentável é atual, e se pode dizer que o “debate sobre a teoria do decrescimento é não apenas oportuno, mas também essencial para desmistificar o fetiche do crescimento ilimitado [...] e o fetiche da exploração ilimitada dos recursos naturais” (ALVES, 2011, p. 45). A perspectiva decrescente trazida à comunidade, “é uma revolução considerável cujos efeitos mal começamos antever” (PASSET, 2014, p. 65). Além disso, o *Programa do decrescimento* e os objetivos do desenvolvimento sustentável, cada um a seu modo mostram que a saída mais sensata ou a “solução passa pela revisão radical do nosso modelo de desenvolvimento e da sereia que o estimula, o consumismo” (ALVES, 2011, p. 45).

Outro fator a ser considerado é que esse novo modo de pensar vem ganhando corpo entre especialistas de outras áreas, mostrando, assim, que o *Programa do decrescimento* busca garantir a qualidade de vida das pessoas e a preservação do meio ambiente, sem, entretanto, continuar a reproduzir a lógica do crescimento infinito do consumo. Hoje não só os defensores do decrescimento³⁸ alegam que é impossível haver crescimento econômico mantendo a sustentabilidade econômica ao infinito, ou seja, que “a economia é um subsistema do ecossistema³⁹ e o ecossistema é finito, não cresce e é materialmente fechado” (DALY, 2007, p. 41).

Então, o crescimento meramente econômico não tem sido um processo permanente como muitos governantes desejam, as últimas conferências mundiais⁴⁰, em especial a COP-21⁴¹ de 2015 sobre o meio ambiente e direitos humanos tem tido

³⁸ Neste ponto indicamos as obras de: James Lovelock, “Gaia: alerta final”, 2010, Editora Intrínseca, 262p; Hervé le Bras, “Os limites da planeta: mitos da natureza e da população”, 1994, Editora Instituto Piaget, 326p; Ricardo Abramovay, Mauro Zilbovicius, Glauc Arbix, “Razões e ficções do desenvolvimento”, 2001, Editora Unesp, 374p. (Nota do autor).

³⁹ “No sentido estrito, o ecossistema de um sistema qualquer é a parte do meio ambiente com a qual ele interage e como tudo, interage com tudo” (HALÉVY, 2010, p. 326).

⁴⁰ As palavras de Joseph Stiglitz são pontuais nesse assunto: No original: “*Negli ultimi anni, incontrandosi a Davos, i leader del mondo economico e imprenditoriale hanno classificato la disuguaglianza tra i maggiori rischi per l'economia globale, riconoscendo che si tratta di questione economica oltre che morale.*” Disponível em: <http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2017/01/16/la-rabbia-e-gia-esplosa-urgenti-nuove-regole-su-tasse-bonus-e-lobby10.html?ref=search> e também traduzido para o português no seguinte endereço: <http://www.ihu.unisinos.br/564058-a-unica-prosperidade-sustentavel-e-a-prosperidade-compartilhada-artigo-de-joseph-stiglitz>. Acesso em 18/01/2017.

⁴¹ A COP é a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática. É a autoridade máxima para a tomada de decisões sobre os esforços para controlar a emissão dos gases do efeito estufa. Em 2015, a COP tem sua 21ª edição (daí COP 21), a ser realizada em Paris, França, em dezembro. O objetivo é revisar o comprometimento dos países, analisar os

grande repercussão. Entretanto, revelaram-se fracas no seu conjunto, não conseguindo agregar ao seu redor pessoas suficientemente comprometidas para admitirem que o problema é grave e que a natureza humana e extra-humana pode perecer, caso se continue a depredação da biosfera⁴². A crise financeira que eclodiu em 2007/2008, tanto na Europa como nos Estados Unidos foi decorrente de falhas estruturais tanto da zona do euro, como do mercado hipotecário⁴³ e também “de se tentar forçar o crescimento para além dos limites físicos e econômicos. À medida que o crescimento fica fisicamente mais difícil, tentamos continuar crescendo em termos monetários” (DALY, 2007, p. 42).

Assim começam as observações dos pensadores decrescentistas em relação ao atual desenvolvimento sustentável, este tem sido o campo preferencial dos estudos dos adeptos do *Programa do decrescimento*. Segundo o *Programa do decrescimento*, a palavra desenvolvimento pode conter, em seu interior, nuances sutis pouco visíveis para os mais otimistas. O desenvolvimento sustentável tem buscado nas últimas décadas, a criação de um consenso, porém não tem permitido com clareza, que se vejam as reais dificuldades da humanidade e da natureza, pois para seus defensores, este desenvolvimento em alguns casos transmite a ideia de que ele “é um novo tipo de desenvolvimento capaz de manter o progresso humano não apenas em alguns lugares e por alguns anos, mas em todo o planeta e até um futuro longínquo” (CAMARGO, 2012, p. 71). Em outros termos, isso mostra que, em algumas circunstâncias, o desenvolvimento sustentável não permite que se vislumbrem os problemas globais, pois há dificuldades tanto nos países dito ricos como nos países em desenvolvimento; “o desenvolvimento sustentável tira de nós toda e qualquer perspectiva de saída, ele nos promete desenvolvimento por toda a eternidade” (LATOUCHE, 2006, p. 05), por isso ele precisa ser constantemente revisto e ampliado o seu leque de atuação.

Antes, a humanidade precisaria estar ciente de que nem sempre o mais desenvolvido é o melhor, ou seja:

inventários de emissões e discutir novas descobertas científicas sobre o tema. Foi criada na ECO-92 e teve sua primeira edição em 1995, em Berlim na Alemanha. Desde então, reuniões da COP ocorrem anualmente. (IHU On-Line, 2016, p. 11).

⁴² “Refere-se a uma compreensão da Terra entendida como uma totalidade coerente e interligada de elementos vitais” (JUNGUES, 2010, p. 136).

⁴³ “Instituições de crédito hipotecário concederam um número cada vez maior de empréstimos, para um número crescente de famílias, sem realmente verificar sua solvência” (GIRAUD, 2015, p. 12).

O bem e a felicidade podem ser atingidos com menor despesa. Redescobrir que a verdadeira riqueza consiste no pleno desenvolvimento das relações sociais de convívio, em um mundo são, e que esse objetivo pode ser alcançado com serenidade, na frugalidade, na sobriedade, até mesmo em uma certa austeridade no consumo material, ou seja, aquilo que alguns preconizaram sob o slogan gandhiano ou tolstoísta de simplicidade voluntária (LATOUCHE, 2006, p. 06).

Nas atuais circunstâncias, para adotar-se como modelo uma sociedade de “decrescimento sereno e realizá-la, é necessário, literalmente, sair da economia. Isso significa voltar a questionar a dominação da economia sobre o resto da vida, na teoria e na prática, mas sobretudo em nossas cabeças” (LATOUCHE, 2006, p. 06). O tempo presente vem sendo respaldado pelas “mudanças negativas, visível a olho nu e sistematicamente detalhada, depois dos anos 1960 de forma inequívoca pelas tecnociências e divulgada de forma diária pela mídia a partir dos anos 1990” (MACHADO, 2014, p. 17).

O *Programa do decrescimento* para a bioética global seria então uma proposta, uma tomada de consciência, jamais uma imposição, uma ditadura, uma revolta. Este caminhar em “direção a uma sociedade de decrescimento, deveria ser organizada não apenas para preservar o meio ambiente, mas também e, talvez antes de qualquer coisa, para restaurar um mínimo de justiça social” (LATOUCHE, 2006, p. 08).

Afirma-se que a sociedade industrial contraiu uma pesada dívida para com a natureza; ela levou o mundo para uma espiral contínua de produtos obsoletos, montanhas de lixo, cidades sem conforto, desertificação, isso dito de outro modo significa que, “a ação humana exerce tamanha pressão sobre as funções naturais do planeta que a capacidade dos ecossistemas de responder às necessidades das gerações futuras já não pode ser considerada como algo certo” (KEMPF, 2010, p. 22). Entretanto, não raro, as pessoas desejam simplesmente uma “melhoria da qualidade de vida e não a um crescimento ilimitado do PIB⁴⁴. Reclamamos para nós a beleza das cidades e das paisagens, a pureza dos lençóis freáticos e o acesso à água potável, a transparência dos rios e a saúde dos oceanos” (LATOUCHE, 2006, p. 09).

Sob o ponto de vista do *Programa do decrescimento*, constata-se que “nossas sociedades estão enfermas de enfoques meramente econômicos, o crescimento gera um sem número de desigualdades e de injustiças” (LATOUCHE, 2006, p. 10). Não bastasse isso, os sistemas de governo, em que cada um se situa, pouco tem ajudado

⁴⁴ Produto Interno Bruto (nota do autor).

para se encontrar novos caminhos mais saudáveis. Tal realidade vista por outro ângulo significa, que “pela primeira vez na história do planeta uma espécie viva está ameaçando seriamente a existência de todas as demais” (LISBOA, 2009, p. 38).

O *Programa decrescentista*, em sua crítica ao modelo vigente de desenvolvimento e crescimento econômico, pode receber acusações de que é uma posição catastrófica. Mas, ao contrário, o *Programa do decrescimento* é uma concepção que visa alertar, apoiando-se, para isso, nos dados coletados dos eventos cotidianos em que as diferentes populações humanas e extra-humanas estão inseridas e caso não venham a ser tomadas providências adequadas, muitos poderão experimentar uma ditadura forçada e as consequências serão imprevisíveis. Em outras palavras:

O decrescimento, única alternativa possível contra o desenvolvimento da miséria e contra a destruição do Planeta, visa a entregar às gerações futuras um planeta, no qual não somente será possível viver, mas onde será bom viver. O decrescimento não propõe viver menos, mas melhor, com menos bens e mais elos (LATOUCHE, 2006, p. 10).

Disso depreende-se que as diversas revoluções industriais e tecnológicas que têm se sucedido nas últimas décadas têm forçado a mudança de comportamento e hábitos das pessoas, significa dizer também que, “o avanço tecnológico é marcado por impasses, a sociedade do consumo privilegia como valor supremo, os produtos mais baratos e de melhor qualidade” (DUPAS, 2014, p. 62). Bastaram poucos anos para que uma parcela da sociedade já vislumbrasse as consequências de todo o progresso industrial e tecnológico: grandes “unidades de produção, engrenagens crescentemente sofisticadas e complexas, dejetos em expansão, crescimento incontrolável das cidades, entronização da ciência, predomínio de todos os valores vinculados às ideias de lucro e consumo” (SALE, 1999, p. 38). Tais alterações provocaram transformações⁴⁵ no meio ambiente em geral de todas as criaturas, portanto, “há necessidade de que todos os países do mundo se engajem num esforço global⁴⁶ para evitar que a mudança de clima atinja níveis perigosos para todos” (FILHO, 2006, p. 50).

⁴⁵ Sobre este ponto valemo-nos do estudo de Franz Josef Bruseke, “A técnica e os riscos da modernidade”, 2001, Editora UFSC, 216p. (nota do autor).

⁴⁶ “O ecocídio da economia é seu desconhecimento da natureza, sua precipitação para a morte entrópica do planeta por sua autocomplacência no progresso e sua embriaguez de crescimento. A crise ambiental atual mostra essa negação dos limites da produção que em vez de ressignificar a vida econômica, persiste em sua compulsão à repetição numa obsessão pelo crescimento infinito. Neste

É diante deste cenário que se julga ser necessário que o conceito de desenvolvimento sustentável precisa ser revisitado⁴⁷ e entendido de uma outra forma mais ampliada, incluindo, em seus pontos, aspectos do *Programa do decrescimento*. Em outros termos, “a opção que temos pela frente é entre dois futuros. Se não fizermos nada para mudar os atuais modelos indiscriminados de desenvolvimento, vamos comprometer a longo prazo a segurança da Terra e de seu povo” (NEUTZLING, 2006, p. 75). A sociedade nem sempre faz bom uso da tecnologia e esta tem, em alguns casos, agido contra a natureza, “a humanidade entrou em crise com a tecnologia e para corrigir os erros usa mais tecnologia” (STEFFEN, 2006, p. 103). Portanto, reavaliar conceitos não é abolir os mesmos, o desenvolvimento sustentável continua válido, porém necessita de uma readequação diante das transformações que vêm ocorrendo globalmente.

Sendo assim, a realidade factual com que a bioética global se defronta hoje, é multidimensional. Isso se leva a pensar que a existência de um só tipo de desenvolvimento só pode vir a gerar novas desigualdades. Por isso, de acordo com o pensamento de Serge Latouche, reavaliar hoje significa, “rever os valores nos quais acreditamos, sobre os quais organizamos nossa vida, e mudar aqueles que devem ser mudados” (LATOUCHE, 2006, p. 10), nessa reavaliação “percebe-se de imediato quais valores cumpre promover, aqueles que deveriam predominar em relação aos valores dominantes atuais” (LATOUCHE, 2009, p. 43).

O reavaliar também mostra em outras palavras que “o altruísmo deveria passar à frente do egoísmo, a cooperação, à frente da competição desenfreada, o prazer do lazer e o *ethos* da ludicidade, à frente da obsessão pelo trabalho” (LATOUCHE, 2006, p. 10) e “a importância da vida social, à frente do consumo ilimitado, o local sobre o global, a autonomia sobre a heteronomia” (LATOUCHE, 2009, p. 43-44), “o gosto pela bela obra, à frente da eficiência produtivista, o razoável, à frente do racional etc” (LATOUCHE, 2006, p. 10). Em um tempo onde a contestação à globalização⁴⁸ tornou-

sentido, o ecocídio não aparece como a manifestação primeira de uma pulsão de morte, mas como a imposição da racionalidade econômica que desconhece e nega a lei limite da natureza” (LEFF, 2015, p. 192).

⁴⁷ “A história nos pregou uma peça cruel. O desenvolvimento sustentável é evidentemente incompatível com o jogo sem restrições das forças do mercado. Os mercados são por demais míopes para transcender os curtos prazos e cegos para quaisquer considerações que não sejam lucros e a eficiência smithiana de alocação de recursos” (SACHS, 2002, p. 55).

⁴⁸ Também conhecido como “Movimento *no-global* ou movimento *anti-globalizzazione*: são expressões nascidas na imprensa italiana para indicar um conjunto de grupos internacionais, organizações não governamentais, associações e indivíduos que partilham a crítica do sistema econômico neoliberal.

se mais incisiva, reavaliar é ter “preocupação com a verdade, senso de justiça, responsabilidade, [...], elogio da diferença, dever de solidariedade, vida espiritual, eis os valores que devemos reconquistar a qualquer preço, pois são a base e nossa salvaguarda para o futuro” (LATOUCHE, 2009, p. 44). “Para avaliar o progresso não basta conhecer aquilo que ele nos proporciona, é preciso além disso ter em conta aquilo que ele nos priva” (LATOUCHE, 2006, p. 144). Reavaliar, portanto, em última instância, pode vir a significar:

Uma revolução cultural no verdadeiro sentido do termo. Mas [...], para que haja essa revolução é preciso que aconteçam mudanças profundas na organização psicossocial do homem ocidental, na sua atitude a respeito da vida, em suma no seu imaginário. É preciso que a ideia de que a única finalidade da vida é produzir e consumir mais; ideia simultaneamente absurda e degradante seja abandonada, é preciso que seja abandonado o imaginário capitalista de um pseudocontrole pseudorracional de uma expansão ilimitada (CASTORIADIS, 2005, *apud* LATOUCHE, 2006, p. 144-145).

Portanto, para poder se reavaliar com critérios bioéticos globais e também responsáveis, “convém, sobretudo passar de uma crença na dominação da natureza para a busca de uma inserção harmoniosa. Substituir a atitude do predador pela do jardineiro” (LATOUCHE, 2009, p. 45), isso porque, numa perspectiva de bioética global, pode muito bem significar que “a fantasia tecnicista e prometeica de uma artificialização do universo é uma forma de recusa do mundo e do ser” (LATOUCHE, 2009, p. 45). Resta a sociedade compreender como ela chegou a este ponto e como ela pode sair desta situação.

1.1.2 Reconceituar

Outro autor que tematiza questões pertinentes à bioética global atual, embora pouco conhecido, é Nicholas Georgescu Roegen⁴⁹. Suas reflexões estão voltadas

Fato esse que apareceu pela primeira vez por volta de 1999, por ocasião da Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio, em Seattle, Estados Unidos” (IHU On-Line, 2016, p. 39).

⁴⁹ “Nicholas Georgescu-Roegen (1906-1994): foi um matemático e economista heterodoxo romeno cujos trabalhos resultaram no conceito de decrescimento econômico. É considerado o fundador da bioeconomia (ou economia ecológica). Graduado em Estatística pela Universidade de Paris, exerceu importantes cargos públicos em seu país. Em 1946 migrou para os Estados Unidos, onde já havia estudado com Joseph Schumpeter, que o direcionou para os estudos de economia. Foi professor de economia na Universidade Vanderbilt, em Nashville, Tennessee. Sua obra principal é *The Entropy Law and the Economic Process*, publicada em 1971. Nesse livro, com base na segunda lei da termodinâmica, a lei da entropia, Georgescu-Roegen aponta para a inevitável degradação dos recursos naturais em decorrência das atividades humanas. Criticou os economistas liberais neoclássicos por

também para as questões bioéticas contemporâneas, preocupando-se, sobretudo, com o tema do decrescimento, para Roegen, decrescer é uma condição vital para se assegurar a sobrevivência da vida humana e extra-humana de todas as espécies, em outras palavras, “o decrescimento é mais atual do que nunca” (GRINEVALD; RENS, 1994, apud ROEGEN, 2008, p. 30).

Nicholas Georgescu Roegen entende que os seres humanos com suas constantes revoluções tecnológicas e industriais, acabaram se convertendo em agentes transformadores⁵⁰, com uma grande força que, neste momento, é capaz de modificar por completo toda a estrutura do planeta⁵¹. Em sintonia com o Clube de Roma⁵², Nicholas Georgescu Roegen foi um dos pioneiros do *Programa do decrescimento*, para ambos ele é algo inevitável, um caminho sem volta. Ele e outros estudiosos de sua época procuraram mostrar que a comunidade internacional deve, com urgência, retornar suas esperanças “para os recursos renováveis, pois estes são os únicos capazes de nos garantir o futuro, já que cedo ou tarde os outros se esgotarão, quaisquer que sejam os progressos das ciências e técnicas” (FLIPO, 2012, p. 265).

Hoje, o que se chama crescimento “tem sido visto como um fim em si mesmo e reivindicado sem ser qualificado e sem que se perceba que sua medida oficial, o

defenderem o crescimento econômico material sem limites, e desenvolveu uma teoria oposta e extremamente ousada para a época: o decrescimento econômico” (IHU On-line, 2016, p. 48).

⁵⁰ Sobre o poder transformador da tecnologia em nossos dias, sugerimos a leitura de três autores: Rachel Carson, “Primavera Silenciosa”, 2016, Editora Gaia, 327p.; Kim Vicente, “Homens e máquinas: como a tecnologia pode revolucionar a vida cotidiana”, 2005, Editora Ediouro, 383p, Svetlana Aleksievitch, “Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear”, 2016, Editora Companhia das Letras, 383p. (nota do autor).

⁵¹ Aqui uma alusão ao Antropoceno o qual não é objeto de estudo desta dissertação, entretanto julgamos necessário faz menção a ele salientando que o Antropoceno é um “termo usado por alguns cientistas para descrever o período mais recente na história do Planeta Terra” (IHU On-Line, 2016, p. 46) e seu idealizador é “Paul Josef Crutzen (1933): químico holandês, laureado com o Nobel de Química de 1995, por seu estudo sobre a formação e decomposição do ozônio na atmosfera. Membro da Pontifícia Academia das Ciências em 25 de junho de 1996. É professor do Instituto Max Planck de Química em Mainz, Alemanha. O asteróide 9679 Crutzen é denominado em sua homenagem. Ele cunhou o termo Antropoceno e desenvolveu a teoria a que este corresponde” (IHU On-Line, 2017, p. 09).

⁵² “Clube de Roma: é um grupo de pessoas ilustres que se reúnem para debater um vasto conjunto de assuntos relacionados a política, economia internacional e sobretudo, ao meio ambiente e o desenvolvimento sustentável. Foi fundado em 1966 pelo industrial italiano Aurelio Peccei e pelo cientista escocês Alexander King. Tornou-se muito conhecido a partir de 1972, ano da publicação do relatório intitulado Os Limites do Crescimento, elaborado por uma equipe do MIT, contratada pelo Clube de Roma e chefiada por Dana Meadows. O relatório, que ficaria conhecido como Relatório do Clube de Roma ou Relatório Meadows, tratava de problemas cruciais para o futuro desenvolvimento da humanidade tais como energia, poluição, saneamento, saúde, ambiente, tecnologia e crescimento populacional, foi publicado e vendeu mais de 30 milhões de cópias em 30 idiomas, tornando-se o livro sobre ambiente mais vendido da história”. (IHU On-Line, 2016, p. 42).

Produto Interno Bruto (PIB) não é um bom indicador nem da própria riqueza” (CECHIN, 2012, p. 350). Este não leva em conta todos os danos perpetrados ao meio ambiente, pois estes não tem um preço mensurável, estejam onde estiverem.

Atualmente, as análises dos pensadores decrescentistas tem recaído sobre o fato de os seres humanos poderem se autodestruir e junto destruírem as outras formas de vida; no fundo o consenso desses pensadores é que são os seres humanos que estão dismantelando a Casa Comum sob diferentes perspectivas; “o que está em jogo portanto, nessa discussão é a conservação dos serviços ecossistêmicos vitais para a humanidade” (CECHIN, 2012, p. 351). Georgescu Roegen, juntamente com um “contingente apreciável de acadêmicos preocupados com o futuro e com a rapidez das transformações do planeta, não se importam em rever conceitos” (ARAIA, 2011, p. 28),

Desse modo, a análise de Nicholas Roegen “sobre o processo produtivo pode iluminar esse debate e permite uma avaliação crítica ao consenso dos economistas do que é estar em uma trajetória sustentável” (CECHIN, 2012, p. 353). Em Georgescu Roegen os progressos técnicos, alcançados neste tempo, de fato podem dar um aumento substancial àquele capital construído; sua melhora tem sido elogiada e incontestável. Porém, não se pode ter, sob vários aspectos, uma eficiência de produção plena. Ele entende que “à medida que se chega mais perto desse limite a dificuldade e o custo de cada avanço tecnológico aumentam” (CECHIN, 2012, p. 355).

Georgescu Roegen enfatiza que a sociedade, deixando de lado aqueles limites físicos e naturais da Terra, traz à tona “a ideia de que a humanidade poderá passar bem sem os recursos naturais, contanto que haja uma compensação no que diz respeito ao aumento do capital manufaturado e/ou do capital humano” (CECHIN, 2012, p. 355). Desse modo, Georgescu Roegen argumenta que tal visão “é uma economia dos anjos que não precisa de matéria ou energia. É a ideia de que no limite, recursos naturais não são necessários para a produção econômica” (CECHIN, 2012, p. 356).

Para Georgescu Roegen, uma grande parte dos filósofos, cientistas e economistas “do século XIX estavam fascinados com os sucessos extraordinários da mecânica racional em astronomia e consideravam a célebre apoteose da mecânica

de Laplace⁵³ como sendo o evangelho insuperável do conhecimento científico” (ROEGEN, 2008, p. 67). Para Roegen, esses mitos⁵⁴ tiveram:

Sempre um papel primordial na vida do homem. Na verdade aderir a um mito, agir de acordo com ele, é o que distingue o homem entre todos os seres vivos. Muitos mitos traem a maior loucura do homem: o seu impulso interior para acreditar que está acima de todas as coisas no universo real e que os seus poderes não conhecem limites (ROEGEN, 2008, p. 69).

Os mitos são, ainda hoje, utilizados, em especial no campo publicitário. Eles dão a ideia de que o “progresso técnico vai permitir toda e qualquer substituição necessária e que a eficiência no uso da energia poderá desconectar o crescimento econômico do uso de energia e materiais” (CECHIN, 2012, p. 357).

Outra crença é aquela que faz os seres humanos acreditarem que sempre encontrarão novas fontes de energias para movimentarem a sua máquina predatória. Uma tese levada a cabo por alguns cientistas como, por exemplo, Klaus Schwab⁵⁵ (2016), é que o “poder da técnica é sem limites⁵⁶, seríamos sempre capazes não só de encontrar um substituto para tomar o lugar de um recurso que se tornou raro, mas ainda de aumentar a produtividade de todo o tipo de energia e de matéria” (ROEGEN, 2008, p. 86). Essa visão pode ser considerada utópica, “sustentar ainda por cima que o mundo pode efetivamente subsistir sem recursos naturais é ignorar a diferença que existe entre o mundo real e o jardim do Éden⁵⁷” (ROEGEN, 2008, p. 88). Não raro nos dias de hoje, há uma ilusão difundida “de que quanto mais a biosfera terrestre é aniquilada ou irreparavelmente danificada, os seres humanos podem magicamente se

⁵³ “Pierre Simon Laplace (1749-1827): matemático, astrônomo e físico francês que organizou a astronomia matemática, resumindo e ampliando o trabalho de seus predecessores nos cinco volumes do seu *Mécanique Céleste* (Mecânica celeste) (1799-1825). Esta obra traduziu o estudo geométrico da mecânica clássica usada por Isaac Newton para um estudo baseado em cálculo, conhecido como mecânica física. Ele também formulou a equação de Laplace. A transformada de Laplace aparece em todos os ramos da física matemática campo em que teve um papel principal na formação. O operador diferencial de Laplace, da qual depende muito a matemática aplicada, também recebe seu nome” (IHU On-Line, 2015, p. 25).

⁵⁴ “O mito é uma metáfora expressa na forma de uma narrativa cuja interpretação simbólica fornece por analogia chaves de conhecimento (sobretudo metafísicas ou éticas). Cada tribo humana cria mitos próprios (mais ou menos numerosos, mais ou menos ricos) que fundam sua cultura, suas crenças e suas normas específicas. Os mitos fundadores de uma tribo são os que lhe dão sentido” (HALEVY, 2010, p. 330).

⁵⁵ “Klaus Schwab nasceu em Ravensburg em 1938 e vive em Genebra, na Suíça. Formado em engenharia e economia, em 1971 fundou o Fórum Econômico Mundial, uma organização internacional para cooperação público-privada, da qual é o presidente executivo” (SCHWAB, 2016, contra capa).

⁵⁶ Para esta temática, julga-se oportuno trazer ao leitor a obra, “História da arrogância: psicologia e limites do desenvolvimento humano”, de Luigi Zoja, 2000, Editora Axis Mundi, p. 226 (nota do autor).

⁵⁷ Gn 2, 4b-25 (nota do autor).

dissociar dela e transferir suas interdependências à mecosfera⁵⁸ do capitalismo global” (CRARY, 2014, p. 110).

Georgescu Roegen ainda chama a atenção para as mudanças sofridas pela natureza no século XX, entre as quais pode-se citar o esgotamento, presenciado diuturnamente das matérias-primas, ele também resgata as intervenções proferidas pelo Clube de Roma através do *The Limits to Growth* (Os Limites do Crescimento), relatório esse proferido por cientistas qualificados. Segundo ele, apesar de algumas pequenas controvérsias, o conteúdo deste documento é primoroso. Seu grande mérito é ter mostrado ao mundo as consequências a longo prazo do que se é ter uma sociedade unicamente centrada na industrialização. Para o autor romeno:

Seria loucura ignorar as advertências gerais que esse relatório comporta, no que se refere ao crescimento da população, da poluição e ao esgotamento dos recursos, porque na verdade qualquer desses fatores é suscetível de arrastar uma perda de fôlego da economia mundial (ROEGEN, 2008, p. 95).

Ao atentar-se para todos os limites existentes no âmbito do planeta Terra, pode-se concluir que a sociedade deve buscar meios de que “se deve estabilizar ou diminuir o nível de consumo de recursos naturais, isso pressupõe uma mudança de valores e atitudes que parece ir na contramão do comportamento dos agentes econômicos de hoje” (CECHIN, 2012, p. 359). Além disso, as sociedades que agora despontam como emergentes em termos consumistas deveriam aceitar certas “restrições ambientais que envolvam sacrifícios em benefício de populações de outros países e/ou de gerações de um futuro longínquo, é necessário um sentimento altruísta que induza tais atitude solidárias” (CECHIN, 2012, p. 359). De um ponto de vista do *Programa do decrescimento*, tal questão mostra-se complexa por ser:

⁵⁸ “Deleuze e Guattari denominam mecosfera (ou rizosfera) o agregado de agenciamentos máqunicos, que, por sua vez, efetuam máquinas abstratas. São basicamente essas duas estruturas encarregadas de transportar (fazer circular) o conteúdo enunciativo de um estrato ao outro, razão pela qual se localizam em uma dimensão interestrática, de descodificação, de tal sorte que “os signos não constituem apenas uma rede infinita, a rede dos signos é infinitamente circular. O enunciado sobrevive ao seu objeto: o nome, a seu dono. Seja passando para outros signos, seja posto em reserva por um certo tempo, o signo sobrevive a seu estado de coisas como a seu significado, salta como um animal ou como um morto para retomar seu lugar na cadeia e investir um novo estado, um novo significado do qual é extraído mais uma vez”. (DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, vol. 2, p. 52) (Disponível em: <http://legio-victrix.blogspot.com.br/2016/01/gustavo-aguiar-o-capitalismo-como.html>. Acesso em 24/04/2017) (nota do autor). Ainda sobre a mecosfera, os interessados podem acessar na íntegra o texto “Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/253cadernosihuideias.pdf>. Acesso em 24/04/2017 (nota do autor).

Difícil imaginar que esse tipo de solidariedade com as futuras gerações possa se manifestar com facilidade, se no presente ela não se manifesta sequer em favor dos seres humanos que estão sofrendo com a privação das liberdades mais elementares: acesso à água, alimentos, educação, serviços públicos de saúde, oportunidades econômicas, participação na vida da comunidade (CECHIN, 2012, p. 360).

Difícil é não perceber, hoje, que “há uma tendência de agir de maneira míope, visando um interesse de curto prazo, já que quem sofrerá as consequências são indivíduos que sequer serão conhecidos por aqueles de hoje” (CECHIN, 2012, p. 360). Georgescu Roegen, ao enfrentar a importância de se buscar uma solução para a questão do esgotamento dos recursos naturais, enfatiza que a solução “se encontra no campo da ética e não no da economia” (CECHIN, 2012, p. 360). Ou seja, Roegen denota que tudo dependerá das posturas éticas que o atual modelo imperante de sociedade assumir bem como aquelas àquelas que virão a ser assumidas, “por isso na hora de prescrever uma política para a economia de recursos, as recomendações devem minimizar futuros arrependimentos e não maximizar as utilidades” (CECHIN, 2012, p. 360).

Num passado não muito distante⁵⁹ aos seres humanos foi dito que o novo sistema financeiro implantado seria uma força dinâmica, inovadora, que traria a paz, bem como a estabilidade entre as nações. Além disso, nos prometeram um crescimento sem fim num planeta que já era sabidamente finito, “essa política tornou-se sistemática com a concomitante chegada ao poder de Ronald Reagan⁶⁰ nos Estados Unidos e Margaret Thatcher⁶¹ no Reino Unido” (MIYET, 2014, p. 82).

Hoje, o atual modelo de sociedade tem dificuldade em pensar sobre as suas atitudes. “Enquanto o planeta continua descobrindo estupefato a amplitude e a permanência da crise financeira na qual o mundo ocidental mergulhou, é essencial questionar-se sobre as causas fundamentais dessa derrocada” (MYET, 2014, p. 81). A sociedade não percebe que “a mudança de valores acarreta outro olhar sobre o mundo e, portanto, outra maneira de apreender a realidade” (LATOUCHE, 2009, p. 45). “Reconceituar ou redefinir/redimensionar impõe-se, por exemplo, para os conceitos de riqueza e de pobreza, mas também para o par infernal fundador do imaginário econômico: escassez/abundância, que urge definir” (LATOUCHE, 2006, p.

⁵⁹ Estamos nos referindo ao início da década de 1980 (nota do autor).

⁶⁰ Ronald Wilson Reagan, 40º presidente dos estados Unidos, seu mandato presidencial foi de 20 de janeiro de 1981 a 20 de janeiro de 1989 (nota do autor).

⁶¹ Margaret Hilda Thatcher, foi primeira-ministra do Reino Unido de 1979 a 1990 (nota do autor).

11). Ao se desvincular da ética⁶², “a economia transforma a abundância natural em escassez pela criação artificial da falta e da necessidade, mediante a apropriação da natureza e de sua mercantilização” (LATOUCHE, 2009, p. 46).

Uma reconceituação global pode mostrar que “o mundo que legamos aos nossos filhos e pelo qual eles são fabricados, está dilacerado pela violência, pelas guerras, por uma competição econômica sem piedade” (LATOUCHE, 2006, p. 146), um mundo que usa mal o progresso a seu dispor. O que a experiência tem mostrado é que, mesmo sob um regime político corrupto, há controvérsias e nele gesta-se um mundo diferente, as mudanças necessárias já estão ali vislumbradas. Mas, do ponto de vista do *Programa do decrescimento*, no “entanto estas só podem intervir depois de uma decisão voluntarista do gênero” (LATOUCHE, 2006, p. 152), como bem o demonstrou Castoriadis:

A família, a linguagem e a religião das pessoas não se transformam por meio de leis e decretos, ainda menos pelo terror. Isso faz-se pela autotransformação. Todas as tentativas para mudar radicalmente maneiras de pensar e modos de vida, sempre mais ou menos impostas pela força tiveram resultados aterrorizantes (CASTORIADIS, 2005, *apud* LATOUCHE, 2006, p. 152).

Para François Brune, será praticamente impossível se viver em um “outro sistema sem abandonar os comportamentos reflexos criados pelo sistema atual, isto é, os esquemas mentais e as atitudes compulsivas do animal consumidor que a publicidade enraizou no mais profundo do nosso ser” (BRUNE, 2005, *apud* LATOUCHE, 2006, p. 162). Por isso, um pensamento complementar urge nesse momento ímpar da bioética global. Como bem observou Alain Gras, “que se aproveite o nosso avanço em relação ao resto do planeta para dar o exemplo de uma tomada de consciência do desregramento do nosso modo de vida” (GRAS, 2003, *apud* LATOUCHE, 2006, p. 163). Portanto, o reconceituar, na ótica decrescentista, anteporá a todos que:

Não sendo o progresso, o crescimento ou o consumo, escolhas da consciência, mas uma droga à qual estamos todos habituados e à qual é impossível renunciar voluntariamente, uma catástrofe “prática” pode ajudar a abrir os olhos dos adeptos fascinados. Só um fracasso histórico da civilização baseada na utilidade e no progresso pode provavelmente fazer com que se

⁶² “Eu diria que a natureza da economia moderna foi substancialmente empobrecida pelo distanciamento crescente entre economia e ética” (SEN, 1999, p. 23).

redescubra que a felicidade do homem não é viver muito, mas sim viver bem (LATOUCHE, 2006, p. 163).

Em um mundo conturbado como este atualmente, não haveria nada de demasiado, olhando-se a partir da reconceitualização, que seria “indispensável reduzir o peso de nosso modo de vida sobre a biosfera, a pegada ecológica⁶³, cujo excesso é uma dívida não só para com as futuras gerações e todo o cosmos” (LATOUCHE, 2012, p. 15), mas também para com toda a natureza extra-humana que se faz presente sob múltiplos aspectos.

1.1.3 Reestruturar

Desde o início, a bioética global esteve ligada a questão do desenvolvimento integral do meio ambiente. Isso é evidenciado sobremaneira no sentido que ela salienta que a “bioética devia trazer-nos a sabedoria necessária para aprender a usar as grandes potencialidades associadas ao conhecimento humano para conseguir o bem comum” (QUINTANAS, 2014, p. 29). A bioética global é uma ética em favor da vida, ou seja, é uma ética que “pretende cuidar da vida no contexto de uma sociedade que está dominada pelas consequências e pela interação entre a revolução científica da época moderna e a revolução industrial” (QUINTANAS, 2014, p. 32), a bioética, além disso, lembra a todos que em muitas situações, essa mesma revolução científica e suas técnicas sofisticadas “invade progressivamente a vida e tende a converter-se na gestora, supostamente eficiente da vida humana inteira, em todas as ordens” (CONILL, 2014, p. 35).

Por isso, “não é de hoje e nem de ontem que nossa sociedade foi avisada do perigo, isto foi feito há várias décadas, de fato, Rachel Carson⁶⁴ lançou o alerta em *Le printemps silencieux* em 1962” (KEMPF, 2012, p. 230). Desde então, sociedades, desenvolvidas ou não, tem enfrentado ondas de desarmonias, sejam elas climáticas, ambientais ou sociais em seu interior. O mundo tecnificado oscila entre medos e

⁶³ É uma expressão traduzida do inglês *ecological footprint* e refere-se em termos de divulgação ecológica à quantidade de terra e água que seria necessária para sustentar as gerações atuais tendo em conta todos os recursos materiais e energéticos, gastos por uma determinada população (SANTOS, 2016, p. 62).

⁶⁴ “Rachel Louise Carson (1907–1964): zoóloga, bióloga e escritora americana, cujo trabalho principal, *Silent Spring*, é geralmente reconhecido como o principal impulsionador do movimento global sobre o ambiente”. (IHU On-Line, 2014, p. 30).

angústias⁶⁵, fragilizando uma parte considerável da vida: medo de eventos extremos, medo de faltar alimentos, uma possível guerra de proporções desconhecidas em busca de água. Entretanto, de modo paradoxal, “essa perda pode agir em favor da salvação. Quanto mais nos conscientizarmos dos perigos a que somos arrastados mais poderemos reagir e encontrar energia para combatê-los” (MORIN, 2014, p. 114).

Toda essa angústia constatada em muitos casos hoje tem sido quase sempre, fruto do “nosso paradigma civilizacional que se propôs explorar e sugar com violência tecnológica a totalidade dos bens e serviços do Planeta Terra” (BOFF, 2016, p. 117). Por todos os lados, a Terra não foi respeitada; um modelo de desenvolvimento insensível, que tem levado vulnerabilidades, não só as os seres humanos, mas toda a natureza extra-humana⁶⁶. O que se presencia em uma sociedade calcada no não cuidado, na vulnerabilidade e miséria de seus cidadãos?

Um imenso desperdício é gerado, porque a dilapidação material da oligarquia em si refém da competição ostentadora serve de exemplo para toda a sociedade. Cada um no seu nível, no limite das suas rendas tenta adquirir os bens e sinais mais valorizados. Mídia, propaganda, filmes, novelas e revistas de famosos são as ferramentas de difusão do modelo cultural dominante (KEMPF, 2012, p. 232).

Nesse sentido, um reinventar-se seria muito salutar, ou seja: é preciso “renovar a economia através da noção de utilidade humana, em substituição à obsessão da produção material, privilegiando o elo social ao invés da satisfação individual” (KEMPF, 2012, p. 233). Em outras palavras, este cenário mostra que “por um lado, os resultados e produtos da ciência evidenciam a sua capacidade potencial de resolver problemas, mas, por outro lado, a ciência mostra-se impotente diante, sobretudo, de problemas econômicos e ambientais” (FLACH e LEAL, 2014, p. 47).

Essa contradição é perceptível, muitas formas de desajustes têm sido evidenciadas, “o cataclismo de 2008, a maior crise do sistema globalizado da economia e das finanças, foi fruto de avidez e de mentiras dos grandes conglomerados e das bolsas, especialmente de *Wall Street* e de Londres” (BOFF,

⁶⁵ “Na velocidade de seu desenvolvimento tecnológico, o mundo moderno aumenta a diferença global entre a linguagem de riscos quantificáveis no qual pensamos e agimos, e o mundo de insegurança quantificável que igualmente criamos. Com nossas decisões passadas sobre energia atômica e nossas decisões presentes sobre o uso de tecnologia genética, genética humana, nanotecnologia e ciência informática, desencadeamos consequências imprevisíveis, incontrolláveis e certamente até incommunicáveis que ameaçam a vida na Terra” (BECK, 2006, p. 06).

⁶⁶ “A corrida armamentista até o ano de 1995, “custou aos Estados Unidos cinco trilhões de dólares [...]” (RHODES, 2008, p. 07-08).

2016, p. 115). Os seus idealizadores estavam convencidos na sua crença na razão instrumental. Então, dessa crença desvirtuada “a crise econômico-financeira que afligiu grande parte das economias mundiais a partir de 2008 criou a possibilidade de os muitos ricos ficarem tão ricos como jamais na história do capitalismo” (BOFF, 2016, p. 142).

Após Hans Jonas (1903-1993), não é mais possível ter uma confiança exclusiva na técnica, pois este dogma, no mais das vezes, “deu origem a outros desenvolvimentos falaciosos que são particularmente perigosos para um mundo que experimenta hoje dificuldades econômicas e demográficas (portanto políticas) sem precedentes” (ROEGEN, 2008, p. 147). Nessa mesma linha, escreveu o economista, Luiz Gonzaga Beluzzo:

O sonho ocidental de construir o habitat humano somente à base da razão, repudiando a tradição e rejeitando toda a transcendência, chegou a um impasse. A razão ocidental não consegue realizar concomitantemente os valores dos direitos humanos universais, as ambições do progresso da técnica e as promessas do bem-estar para todos e para cada um (BELUZZO, 2014, *apud* BOFF, 2016, p. 125).

As revoluções científicas que os seres humanos usufruíram de modo mais intenso no curto século XX, tais como a industrial, a econômica, a genômica, nuclear, biotecnológica, nanotecnológica, tiveram sempre o escopo de se mostrarem como portentosas e ilimitadas, seus projetos de dominação da própria vida humana e, também, das demais formas de vida. Esse desejo de imortalidade foi elevado a um grau tal que seus defensores afirmavam, entre outras coisas, que:

A ciência conseguirá eliminar todas as dificuldades técnicas, de tal maneira que com uma abundância de energia teremos capacidade de reciclar quase todos os resíduos, de extrair, de transportar e de devolver à natureza todos os materiais numa forma aceitável, num montante aceitável e num local limpo, para que o ambiente físico continue a ser natural e suporte o crescimento e o desenvolvimento contínuo de todas as formas de vida (SEABORG, 1972, *apud* ROEGEN, 2008, p. 147).

Hoje, entretanto, as crenças de outrora tão arraigadas no imaginário científico, estão agora sendo postas em xeque⁶⁷. A sustentabilidade nessa crença ilimitada de

⁶⁷ O leitor interessado neste tópico pode conferir o artigo, “Oxfam: 06 falsas premissas que impulsionam a desigualdade”, nos seguintes endereços eletrônicos: <http://www.ihu.unisinos.br/564063-oxfam-6-falsas-premissas-que-impulsionam-a-desigualdade> e <http://www.cartacapital.com.br/economia/oxfam-6-falsas-premissas-que-impulsionam-a-desigualdade>, o primeiro publicado em 18/01/2017 e o segundo no dia 17/01/2017. Acesso em 18/01/2017 (nota do autor).

poder vem sofrendo críticas. Aqui, merece a incisiva advertência de Eric Hobsbawm, no epílogo de sua obra seminal a “Era dos extremos, o breve século XX”:

Sabemos que por trás da opaca nuvem de nossa ignorância e da incerteza de resultados detalhados, as forças históricas que moldaram o século continuam a operar. Vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo que dominou os dois ou três últimos séculos. Sabemos, ou pelo menos é razoável supor que ele não pode prosseguir ad infinitum. O futuro não pode ser uma continuação do passado e há sinais tanto externamente quanto internamente de que chegamos a um ponto de crise histórica. As forças geradas pela economia tecnocientífica são agora suficientemente grandes para destruir o meio ambiente, ou seja, as fundações materiais da vida humana. As próprias estruturas das sociedades humanas, incluindo mesmo algumas das fundações sociais da economia capitalista, estão na iminência de ser destruídas pela erosão do que herdamos do passado humano. Nosso mundo corre o risco de explosão e implosão. Tem de mudar. Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até este ponto [...]. Contudo uma coisa é clara. Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para uma mudança da sociedade é a escuridão (HOBBSAWM, 2005, p. 562, *sic*).

A presente *policrise*⁶⁸ tem estimulado um interesse pela natureza e por aquilo que dela faz parte e acaba, muitas vezes, não entrando no plano custo/benefício. Por outras palavras, “o capitalismo, ou melhor, a transformação da terra, da mão-de-obra e do dinheiro em mercadorias significa subordinar a própria substância da sociedade às leis do mercado” (BELLUZZO, 2005, p. 24). Muitos adeptos do programa ilimitado calcado na técnica, tem ignorado ou mesmo recusado aceitar o fato de “que para obter um certo produto é preciso também esgotar uma certa quantidade de matéria utilizável, toda tecnologia deve ser sustentada continuamente por fluxos de energia” (ROEGEN, 2008, p. 155).

Por diversas razões, a técnica tem sido eleita por uma maioria, como uma benção, tamanha a obsessão que nutrem por seus artefatos, “só a espécie humana se tornou capaz de utilizar ferramentas, para produzir ferramentas, para produzir ferramentas” (ROEGEN, 2008, p. 156). Talvez, se a humanidade tivesse tido a coragem de se afastar das deslumbrantes máquinas que tanto a faz crer em demasia em uma solução mágica para todos os problemas, haveria uma chance de se resolver

⁶⁸ Termo cunhado pelo filósofo Edgard Morin (nota do autor).

muitos problemas, ficando com aquilo que importa, com aquelas invenções que são benfazejas a todos.

O dom de Prometeu⁶⁹, dado aos seres humanos fez com que esses acelerassem cada vez mais o seu desenvolvimento técnico. Então, não causa espanto que “com o desenvolvimento industrial sempre crescente as florestas do mundo ocidental começaram a desaparecer a passos largos” (ROEGEN, 2008, p. 156). Hoje, a busca por novos ‘Prometeus’ continua para se resolverem os principais desafios da atualidade, na era presente, há taumaturgos demais para soluções de menos: “o reator nuclear comum não é um dom prometéico, infelizmente o reator está rodeado de riscos graves ainda não suficientemente avaliados” (ROEGEN, 2008, p. 158), Chernobyl⁷⁰ e Fukushima⁷¹ são fantasmas recentes que rodeiam toda e qualquer imaginação, isso porque em muitas situações os seres humanos são levados a crer que o:

Altíssimo investimento dos poderosos interesses que financiam a produção da inovação, o aumento da população e esgotamento das reservas naturais funcionam como impulsos para esse movimento porque a técnica mesma acredita que os eventuais problemas criados por ela poderiam ser por ela sanados (OLIVEIRA, 2014, p. 96).

O planeta transformou-se, pela ação humana, num grande canteiro de obras; a missão precípua é obter lucro; não há nenhuma economia em relação aos bens disponibilizados pela natureza. O sol acaba não se pondo em nenhuma nação; não há descanso; tudo deve ser retirado e transformado em lucro. Por essa lógica, a bioética global vem constatando que:

O Planeta Terra está num estado de superexcitação em que o demais fincou pé em todos os lugares, reinando senhoril. Há uma excessiva distância entre aqueles que tem dívidas, dificuldades financeiras e preocupações de sobrevivência demais e aqueles que tem bens, poder, dinheiro, terras, facilidades, comodidades e mobilidade demais. Para os primeiros, sobrevivência, superendividamento, supercansaço, sobrecarga; para os segundo, superaquecimento, supernutrição, consumo excessivo,

⁶⁹ “Na mitologia grega Prometeu é um titã, filho de Jápeto e irmão de Atlas, Epimeteu e Menoécio. Foi um defensor da humanidade, conhecido por sua astuta inteligência, responsável por roubar o fogo de Zeus e o dar aos mortais. Zeus teria então punido-o por este crime, deixando-o amarrado a uma rocha por toda a eternidade enquanto uma grande águia comia todo dia seu fígado que crescia novamente no dia seguinte. O mito foi abordado por diversas fontes antigas (entre elas dois dos principais autores gregos, Hesíodo e Ésquilo), nas quais Prometeu é creditado ou culpado por ter desempenhado um papel crucial na história da humanidade” (IHU On-Line, 2016, p. 41).

⁷⁰ Acidente nuclear ocorrido em 26 de abril de 1986 (nota do autor).

⁷¹ Desastre nuclear ocorrido na central nuclear de Fukushima, no dia 11 de março de 2011, em decorrência de um terremoto e, logo em seguida, um tsunami (nota do autor).

encarecimento, saturação, em resumo, overdose, os obesos do eu (indivíduos e instituições) acariciam o próprio umbigo e reatualizam seus sites (PERROT, 2009, p. 83).

O filósofo de *Monchengladbach*⁷², Hans Jonas, em sua obra magna⁷³, pergunta-se, de modo inquieto, sobre aquilo que deveria ou poderia fazer cada um entender a “necessidade de nos abstrairmos desse fascínio de uma visão de uma humanidade sempre incompleta, que trabalha sem parar, de maneira obsessiva e às cegas, para uma realização projetada para o futuro” (PERROT, 2009, p. 97). Essa busca pode se revelar um erro fatal, segundo Perrot, essa visão predominante como se tudo na vida e na “história fossem apenas uma estrada de mão única a ser tomada: para a frente. Voltar para trás no tempo é impossível, mas podemos tomar estradas secundárias, de itinerários inéditos” (PERROT, 2009, p. 97).

Falar em alternativas para quem está fixo numa única visão parece temerário. Entretanto, é isso o que a sociedade precisa hoje: uma conversão de rota, um ajuste em seu itinerário, pois “não há como negar que individualmente o poder da ação humana muito aumentou e que fazemos parte e influenciemos o universo mesmo em nossa fragilidade e vulnerabilidade” (SGANZERLA, 2015, p. 168). Nesse aspecto:

Poderíamos dizer que Jonas pretende, nesse sentido, uma humanização da técnica que passa pela recusa de uma visão fatalista e também da mera posição tecnofóbica, preferindo uma argumentação a favor de maior controle do ser humano sobre a tecnologia, justamente para evitar que ela se torne algo autônomo e neutro, marcado pela fatalidade (OLIVEIRA, 2014, p. 91).

Sob a perspectiva global, “seja como for, uma política salutar de conservação não é uma tarefa para uma só nação, nem sequer para várias nações. Necessita da cooperação estreita de todas as nações” (ROEGEN, 2008, p. 159). Além disso, “esse caminho a ser inventado pode ter início com o contra-ataque a certos valores-culto da modernidade, com a ajuda de práticas e de experiências a serem criadas” (PERROT, 2009, p. 99).

Política, filosofia e bioética possuem um traço característico entre ambas: cada uma ao seu estilo, de alguma maneira, busca ocupar-se com o todo. Nesse sentido,

⁷² Cidade alemã onde Hans Jonas nasceu (nota do autor).

⁷³ *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, 1979, traduzido para o português sob o título “O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para civilização tecnológica”. Tradução do original em alemão por Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-RIO, 2006, p. 353 (nota do autor).

uma solidariedade global pode ser perfeitamente viável atualizando-se o imperativo de Hans Jonas; o que segundo Peter Sloterdijk, tal máxima jonasiana em nossa época deveria ser a seguinte:

Aja de tal maneira que as consequências da sua ação favoreçam, ou pelo menos não entrem, o advento de um sistema de solidariedade global. Aja de tal maneira que a prática da pilhagem e da externalização em vigor até agora possa ser substituída por um *ethos* da proteção global. Aja de tal maneira que as consequências da sua ação não gerem novas perdas de tempo na negociação dessa virada já agora indispensável no interesse de todos (SLOTERDIJK, 2014, p. 62).

Hoje faz-se mister uma nova civilização que esteja imbuída de novos princípios não exploratórios dos seres humanos, nem da natureza e, muito menos, daqueles que não de vir. Se, porventura, Nicholas Georgescu Roegen estivesse vivo, provavelmente teria muitos outros motivos para reafirmar seu posicionamento em relação ao que o atual sistema hegemônico financeiro vem fazendo com a vida de todos os seres vivos e ao planeta Terra. Mais uma vez, precisa ficar claro que “não se trata de conforme dito acima de ser contra o progresso, mas de evitar os riscos que possam ameaçar a autenticidade da vida” (SGANZERLA, 2015, p. 176).

A partir da visão de Georgescu Roegen, depreende-se que a bioética global pode ter um cunho interdisciplinar, uma vez que ela “não é uma filosofia global, nem uma ética geral e muito menos uma ciência. Ela se situa na confluência do saber tecnocientífico com as ciências humanas” (PEGORARO, 2002, p. 75). Ademais, a bioética global possui um cariz para múltiplas direções, ou seja, ela “situa-se no espaço aberto de uma sociedade pluralista, onde se confrontam concepções diferentes e até irredutíveis umas às outras, onde se fala linguagens conflitantes sobre um mesmo assunto” (PEGORARO, 2002, p. 75).

A bioética global possuindo tal vertente interdisciplinar, não quer dizer que esteja alienada aos dramas que afligem o moderno mundo de hoje, antes, “ela precisa conviver com os marcos teóricos e práticos, está longe de ser uma teoria ética precisa, com objetivos bem determinados” (PEGORARO, 2002, p. 76). A todo instante a bioética global é convidada a sair de si e repensar os seus fundamentos e em que direção ela está indo, pois o átimo exige tal olhar pluridimensional, isso em função dos avanços que são verificados nos mais variados campos da ciência.

Também tem se confirmado que a bioética global é um campo de estudos variados, ela vem se defrontando com planos muitos mais engenhosos do que se

poderia supor no seu início, em 1970. Não raro a globalidade da “bioética designa um conjunto de questões éticas, que coloca em jogo os valores, originado pelo poder cada vez maior da intervenção tecnocientífica no ser vivo (especialmente, mas não exclusivamente no homem)” (HOTTOIS, 1990 apud PEGORARO, 2002, p. 78).

Outrossim, “as multidões não dispõem de elementos mínimos para avaliar o que está sendo apresentado e muito menos para posicionar-se de maneira participativa e responsável pelo processo histórico” (MOSER, 2004, p. 420). Por isso, o diálogo com outros saberes é de vital importância no atual processo civilizatório, momento esse que “sabe-se muito bem o que se quer, sabe-se como fazer acontecer, sabe-se o que vai acontecer; não se sabe as consequências de tudo isso” (MOSER, 2004, p. 422), nesse mesmo sentido, na “atualidade podemos muito mais do que sabemos, isto é, o poder da ação técnica é maior do que nossa capacidade de previsão” (SGANZERLA, 2015, p. 190).

Eis, então, que a questão econômica é um assunto candente para a bioética global. A economia tornou-se em muitas situações um fator de risco enorme que paira hoje sobre a sociedade toda. Dialogar com esta área do conhecimento, mas não só com esta, é importante; há necessidade de se procurar mudar o rumo do atual sistema financeiro, é urgente e necessário, caso contrário, de pouco valerão todas as conquistas técnicas alcançadas até agora.

Segundo Serge Latouche, “a descolonização do imaginário produz uma mudança dos valores, das crenças, das mentalidades e dos hábitos de vida para afrontar a vida prática através de outros conceitos” (LATOUCHE, 2006, p. 165). Desse modo, cabe ressaltar que neste momento, diante uma onda que procura a uniformização de pensamento, reestruturar quer mostrar que é:

Adaptar o aparelho de produção e as relações sociais em função da mudança de valores. Essa reestruturação será tanto mais radical quanto mais abalado terá sido o caráter sistêmico dos valores dominantes. É da orientação para uma sociedade de decrescimento que se trata aqui (LATOUCHE, 2006, p. 166).

Falar em reestruturação é mostrar que a verdadeira face do decrescimento “não é nem um impossível regresso ao passado nem uma adaptação ao capitalismo, é

antes uma superação (se possível em boa ordem) da modernidade⁷⁴ (LATOUCHE, 2006, p. 170). Noutra linguagem, significa que, para se estancar os danos ambientais, não se implicará em uma parada brusca na produção de víveres para a espécie humana. É apenas uma nova forma de se relacionar com o todo, que implica, necessariamente, um melhor aproveitamento, bem como um uso mais moderado dos bens que a natureza oferece, porém, tendo em conta a sua finitude. “Sair do desenvolvimento, da economia e do crescimento não implica portanto renunciar a todas as instituições sociais que a economia anexou, [...], implica sim inseri-las numa lógica diferente” (LATOUCHE, 2006, p. 172).

Entretanto, esse reestruturar parece não ser ponto pacífico para os defensores do decrescimento, pois a transição para uma sociedade decrescentista “colocará certamente problemas enormes de reconversão do aparelho produtivo. Contudo o decrescimento é também uma aposta na engenhosidade humana para encontrar soluções quando chegar o momento” (LATOUCHE, 2006, p. 173). Portanto, não se descarta uma mudança do imaginário humano, contudo, essa mudança ou “revolução não significa guerra civil nem efusão de sangue. A revolução é uma mudança de determinadas instituições centrais da sociedade através da atividade da própria sociedade” (LATOUCHE, 2006, p. 173).

Talvez seja difícil atualmente quebrar certos encantos que o progresso inculcou nas mentes humanas por longo tempo. Nesse sentido, a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 permanece ainda hoje como uma fonte inspiradora de esperança para que a história humana possa se reestruturar de maneira mais digna. Aqueles direitos afirmados na Declaração em muitos casos ainda hoje permanecem letra morta, apesar de haverem sido registrados progressos notáveis em muitas áreas, o mundo atual é marcado fortemente por contrastes.

As últimas décadas de forte impulso ao crescimento não trouxeram equivalência em termos de progresso para que os direitos humanos fossem realmente efetivados. Reestruturar é um desafio àquela presunção de que o crescimento infinito sem uma maior e adequada atenção à igualdade e aos objetivos do desenvolvimento sustentável pode realmente levar prosperidade a todos. O reestruturar no programa do decrescimento em última instância nos leva a fazer a seguinte pergunta: O que a

⁷⁴ “Movimento cultural, iniciado no século XVIII, que deu origem à mentalidade atual centrada no indivíduo e na autonomia, que serviram de base para o surgimento da sociedade democrática e da civilização urbano-industrial” (JUNGES, 2010, p. 138).

prosperidade pode vir a significar num mundo habitado por mais de nove bilhões de pessoas⁷⁵, as quais por sua vez vivem sob constante ameaça de falta de recursos e uma constante crise climática?

1.1.4 Redistribuir

Reestruturar as diversas formas de relacionamentos sociais é já uma forma de redistribuição. Ao longo dos últimos anos, o desenvolvimento sustentável, apesar de grandes avanços, nem sempre teve seu equivalente em termos de crescimento. Por isso, a bioética global constata, hoje, que é uma de suas tarefas vir em seu auxílio para uma nova retomada de consciência. Infere-se disso que a bioética global não é mais uma ética no tempo, restrita a uma só disciplina, ela tem acolhido múltiplos enfoques, sendo que “um de seus elementos originais reside na simultaneidade de atitudes individuais, ações comunitárias e políticas institucionais em âmbito local, regional, nacional e planetário” (MURAD, 2016, p. 24).

Ressalta-se que o atual modelo econômico vigente tem dado sinais de enfraquecimento⁷⁶, porém, ativo e sustentando o antropocentrismo⁷⁷ alegando o “advento do sujeito autônomo e pela universalização da ciência aplicada, gesta-se uma visão linear e otimista da história, com a ilusão do progresso infinito e do desenvolvimento ilimitado” (MURAD, 2016, p. 26). Por isso, hoje, há uma busca por alternativas de se conviver diferentemente, procurando, em cada situação, a interligação das partes com o todo e, principalmente, perceber que a máquina do atual modelo econômico dominante tem sido responsável pela *policrise* atual.

De acordo com o relatório de 2015 sobre a riqueza mundial do *Credit Swisse*, “metade de todos os ativos do mundo é hoje controlada por 1% da população mundial,

⁷⁵ “A explosão demográfica é uma questão ineludível na perspectiva da sustentabilidade. A população mundial chegará mais de 6 bilhões antes do término do século XX e poderia alcançar 8 bilhões e 500 milhões até o ano 2025, estabilizando-se entre os 8 e 14 bilhões de habitantes já avançado o século XXI. As análises demográficas adquirem grande importância para a prospectiva ambiental, embora seja apenas para precisar as tendências do crescimento demográfico e para o plano de políticas populacionais” (LEFF, 2015, p. 301).

⁷⁶ “Para Francois Vatin, existiria já em Adam Smith uma teoria do decrescimento. Ele reporta-se ao primeiro livro, capítulos VIII e IX, de *A Riqueza das Nações*, onde Smith evoca um ciclo de vida das sociedades que as faz passar do crescimento acelerado (caso das colônias da América do Norte) para o decrescimento (caso de Bengala), passando pelo estado estacionário (caso da China)” (VATIN, 2005, p. 101, apud, LATOUCHE, 2006, p. 13).

⁷⁷ “Mentalidade que, em suas reflexões e ações, refere toda a realidade ao ser humano, entendendo que os interesses humanos estão acima de qualquer outro interesse” (Junges, 2010, p. 135).

enquanto a metade mais pobre da população mundial possui em conjunto menos de 1% da riqueza global” (SCHWAB, 2016, p. 95), “possivelmente, nunca tínhamos esperado tal nível de desigualdade no planeta” (GIRAUD, 2014, p. 11). Mais que isso, importa mostrar também que:

O aumento das desigualdades provoca a desumanização: a miséria afunda os mais pobres num inferno e a ultrarriqueza isola os mais ricos num gueto separado do resto da humanidade, em pânico de perderem o seu conforto, incapazes de participar de um projeto histórico e político que ultrapasse as dimensões que são próximas da sua vida de luxo. Praticar a justiça é uma libertação não somente das vítimas como também dos carrascos (GIRAUD, 2014, p. 12).

A teoria que preconiza o mercado como o solucionador de todos os problemas, tem sido posta em xeque e recebido críticas de vários setores, apurou-se, a sua incapacidade em querer se pretender achar que os mercados seriam sempre eficientes, “sabe-se, em economia, depois dos anos 1980⁷⁸ que, mesmo estando repletos de senhores hiper-rationais, os mercados financeiros geriram de maneira bastante ineficaz o risco e o capital” (GIRAUD, 2014, p. 12, sic). Sabendo-se que, em muitos casos, o que os mercados fizeram foi espoliar, desagregar a sociedade, bem como retirar maciçamente os bens naturais, ocasionando devastações em muitas áreas do planeta.

Hoje, liberdade, igualdade e fraternidade já não satisfazem uma compreensão bioética global para entender o todo, pois, na maioria das vezes, o “neoliberalismo⁷⁹ destrói as nossas liberdades. É uma economia essencialmente fundada sobre a dívida, [...] se queremos sair do servilismo, temos de sair do neoliberalismo” (GIRAUD, 2014, p. 13). Não bastasse isso, “após uma série de avanços técnicos nas diversas áreas de atuação do homem no mundo, a tendência é que ocorra a estagnação produtiva, pois as forças vitais da natureza, após longo período de exploração, evidenciam a sua exaustão” (BITTENCOURT, 2016, p. 15).

⁷⁸ Sobre a década de 1980, os interessados podem conferir Bernard Miyet, “Década de 1980: o desmantelamento da governança mundial”, 2014, Editora Civilização Brasileira, p. 81-100, *In*: GOLDMANN, Sacha. (org.) O mundo não tem mais tempo a perder: apelo por uma governança mundial solidária e responsável. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 2014. 81-100p. (nota do autor).

⁷⁹ “O neoliberalismo econômico constitui em nossos dias a doutrina que diante de certo fracasso do liberalismo clássico e da necessidade de reformar alguns de seus modos de proceder, admite uma certa intervenção do Estado na economia, mas sem questionar os princípios da concorrência e da livre empresa” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 168).

Portanto, falar de uma bioética global sob o ponto de vista econômico parece ser, hoje, uma via em expansão. É preciso deixar claro que essa bioética global com um viés decrescentista:

Ela não é nem marxista, nem neoliberal. O seu objeto é a realidade de um Planeta que nós estamos em vias de destruir. E não temos outro. A maior parte dos economistas dos dias de hoje já compreendeu que a transição ecológica é inseparável de uma transição social: em particular, não chegaremos a iniciar esta transição de forma eficaz enquanto uma minoria muito pequena continue a monopolizar o essencial da riqueza e dela servir-se para destruir o ambiente e esgotar os nossos recursos (GIRAUD, 2014, p. 14).

A bioética global traz em seu conjunto novos indicadores para melhor se avaliar a vida num todo e o *Programa do decrescimento*, bem como os objetivos do desenvolvimento sustentável, aliados a ela podem mostrar, diante dos fatos existentes a crise de confiança que atravessa o atual sistema neoliberal. Este havia prometido a eficiência do mercado, um progresso irrestrito, desenvolvimento e cooperação entre as nações. Por essas promessas não terem sido plenamente efetivadas nos últimos tempos, tem se ampliado a discussão em torno do desenvolvimento sustentável e seu projeto de sustentabilidade. Várias áreas do conhecimento têm refletido a respeito do que venha a ser essa sustentabilidade; aqui adotamos o conceito de sustentabilidade formulado por Leonardo Boff, o qual aponta que:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução (BOFF, 2014, p. 107).

Isso porque parte da estrutura terrestre encontra-se fissurada ou dito de outro modo, o diálogo entre os seres humanos e a natureza diminuiu e diante desta situação fica evidente, que “só criaremos sustentabilidade [...] se assumirmos seriamente o princípio do cuidado e da precaução e desenvolvermos realmente um sentimento de mútua pertença e de responsabilidade universal” (BOFF, 2014, p. 116). Uma consciência planetária voltada ao decrescimento pode mostrar, assim, a importância da interdependência de cada ser com o todo, uma ação efetuada por um ser tem consequências sobre todos. Diante das adversidades encontradas no cotidiano e por uma volta a um convívio harmonioso trazido pelos pensadores decrescentistas, os

seres humanos deveriam ter em mente uma consciência mais global, uma “redescoberta de que o mundo se torna um todo, o ser humano é membro da Terra e deve assumir a responsabilidade pelo futuro do planeta habitável” (MURAD, 2016, p. 38). Outro fator de estímulo para a formação de uma consciência planetária é o que está contido no preâmbulo da Carta da Terra⁸⁰, senão, veja-se:

Para evoluir devemos reconhecer que em meio a grande diversidade de culturas e de formas de vida, formamos uma só humanidade e uma só comunidade sobre a Terra, compartilhando um destino comum. Devemos unir nossos esforços para dar à luz a uma sociedade sustentável, fundada no respeito à natureza, direitos universais do ser humano, justiça econômica e cultura da paz (GORBACHEV, 2003, p. 121).

As fontes de esperança têm surgido em diferentes setores da sociedade, diversos aspectos positivos têm sido trazidos, debatidos e sugeridos. É o assim chamado inédito viável de Paulo Freire sendo colocado em prática, “crescem iniciativas de *open innovation*⁸¹ de partilha de saberes e de conhecimentos. A mente humana que porta o pior perigo para o cenário mundial traz também as melhores esperanças” (MURAD, 2016, p. 45).

Nesse cenário, aliando-se novos olhares sobre o decrescimento, desenvolvimento sustentável, a sustentabilidade e a consciência planetária, torna-se possível, então, trazer para a bioética global o programa decrescentista também fundado sobre a redistribuição, a qual pode possibilitar um novo modelo possível de gestão das relações interplanetárias, pois hoje o “crescimento só é um negócio rentável com a condição de que o seu peso e o seu preço recaiam sobre a natureza, sobre as gerações futuras, sobre a saúde dos consumidores” (LATOUCHE, 2006, p. 138). Tal prospecto mínimo para a sociedade atual vai de encontro àquela *hybris*⁸², isto é, a desmedida do sistema que se traduz em ‘pôr, em tudo, o “super”’, como se apresenta:

Superatividade, superdesenvolvimento, superprodução, superabundância, superbombeamento, superpesca, superpastagem, superconsumo, superembalagens, super-rendimentos, supercomunicação, supercirculação,

⁸⁰ A parte aqui utilizada está na obra “Meu manifesto pela Terra”, de Mikhail Gorbachev, 2003, p. 121 (nota do autor).

⁸¹ “Inovação aberta”, em tradução livre (nota do autor).

⁸² “Nome que designa em grego toda espécie de desmedida, de exagero ou de excesso no comportamento de uma pessoa: orgulho, insolência, arrebatamento, etc.: bastante empregado na filosofia moral, esse termo se opõe a medida, equilíbrio” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 137).

supermedicalização, superendividamento, superequipamento (BESSET, 2005, *apud* LATOUCHE, 2006, p. 139, *sic*).

O *Programa decrescentista* não faz parte de nenhum programa de governo. Na verdade os programas políticos em todo o planeta fundam-se muito mais no incentivo ao crescimento e ao progresso, o que existe de fato são espaços de reflexão e debate e modos ainda pouco expressivos de prática do *Programa decrescentista*, mas apesar de pouco aceito o programa decrescentista não é por isso impossível ou inviável. Ainda que o *Programa decrescentista* não esteja sendo legitimado por instâncias superiores, concordamos que ele pode vir a fazer parte dos objetivos do desenvolvimento sustentável, bem como da bioética global e ambos servem como contraponto às sociedades que pregam um crescimento infinito.

Para que uma sociedade pautada no decrescimento exista de modo viável, “é necessário literalmente sair da economia. Isso significa voltar a questionar a dominação da economia⁸³ sobre o resto da vida em teoria e em prática, mas, sobretudo em nossas cabeças” (LATOUCHE, 2004, p. 04, *sic*), evidentemente este novo caminho não se fará sem causar perplexidade para sua implementação, pois:

Toda proposta [...] é ao mesmo tempo necessária e problemática. O decrescimento per se não é realmente uma alternativa concreta, é antes de mais nada uma matriz que autoriza uma serie de alternativas. Trata-se portanto, de uma proposta necessária para reabrir o espaço da inventividade e da criatividade do imaginário, bloqueado este pelo totalitarismo economicista, desenvolvimentista e progressista (LATOUCHE, 2004, p. 04).

Para uma bioética global em expansão atualmente, tanto o mercado quanto o lucro não podem mais serem os fundamentos de um sistema excludente e que alguns poucos açambarcam tudo aquilo que a biosfera oferece à humanidade. Nesse sentido, redistribuir, imagina-se uma partilha o quanto mais possível igualitária, “das riquezas e do acesso ao patrimônio cultural, a redistribuição diz respeito ao conjunto dos elementos do sistema: a terra, os direitos sobre o que é tirado da natureza, o emprego, os rendimentos, as reformas” (LATOUCHE, 2006, p. 174). Redistribuir, em outras palavras é, também, “romper com fio da história interrompida pela colonização, o

⁸³ “Gostaria de mostrar que a economia [...] pode tornar-se mais produtiva se der uma atenção maior e mais explícita às considerações éticas que moldam o comportamento e o juízo humanos” (SEN, 1999, p. 25).

desenvolvimento e a globalização, reencontrar uma identidade cultural própria, [...], recuperar as técnicas e saberes tradicionais⁸⁴” (LATOUCHE, 2004, p. 05).

Difícil haver um sistema de governo democrático sem que haja uma igualdade mínima de condições, inverossímil haver paz entre as nações caso não se respeite os modos de vida de cada povo em particular, é utopia haver solidariedade se as grandes nações não se sentirem em dívida com as mais vulneráveis, “no fim das contas, redistribuir as cartas e redefinir as regras do jogo econômico e social faz parte da reestruturação e da mudança do imaginário” (LATOUCHE, 2006, p. 178).

Redistribuir também significa pensar o que se define por desenvolvimento hoje, não há um só modelo desenvolvimentista válido para todos, atualmente o modelo econômico vigente está sendo contestado, pois não tem respondido a contento diante das realidades díspares existentes. Também amplamente conhecido é o fato de que as pretensas desregulamentações (eufemismo para as demissões e eliminação de cláusulas sociais protetivas) que tem sido implementadas nos últimos tempos, tem resultado em novos problemas para a vida em geral e que acabam fazendo parte da bioética global. Mais nem sempre significa ser o melhor.

Redistribuir e redefinir faz parte da reestruturação e da mudança de mentalidade. É antes de tudo mudar aquela lógica imperante de distribuir mais dinheiro para se produzir mais, para se comprar mais e rapidamente e assim entulhar os espaços com mais objetos obsoletos. O dinheiro em última instância precisa ser reapropriado, ou seja, introduzir maior flexibilidade na maneira de como se deve usá-lo e conseqüentemente gastá-lo.

1.1.5 Relocalizar

A mudança é essencial, pois ao que parece uma sociedade calcada única e exclusivamente no consumo parece estar fadada ao fracasso, já dismantelar esse atual sistema também não é tarefa das mais simples. Tem se mostrado muito difícil as pessoas abrirem mão do materialismo e consumo, entretanto, um exame mais acurado pode nos mostrar que se pode viver mais com menos, isto é, um outro mundo

⁸⁴ “Os saberes técnicos e as práticas tradicionais são parte indissociável dos valores culturais de diferentes formações sociais; constituem recursos produtivos para a conservação da natureza e capacidades próprias para a autogestão dos recursos de cada comunidade. Desta maneira, satisfazem suas necessidades básicas e orientam seu desenvolvimento dentro de estilos étnicos e formas diversas de significação cultural” (LEFF, 2015, p. 141-142).

é perfeitamente possível, por outras palavras “o desregramento material da sociedade de consumo está exaurindo os recursos naturais e colocando uma carga insustentável sobre os ecossistemas do planeta, é essencial estabelecer limites claros” (JACKSON, 2013, p. 195).

O ponto inicial deste realocar consiste sobremaneira numa mudança de visão. Os seres humanos necessitam reaprender a viver e conviver naqueles limites que o planeta Terra, finito nos deixou. Mais e melhor tem se mostrado ao longo do tempo uma ideia falsa que não contribui para a melhoria da sociedade. Falta à atual sociedade participar com mais afinco ali onde ela se faz presente. É necessário então uma reconstrução da prosperidade de baixo para cima, isto significa revitalizar, ou seja, “o progresso depende crucialmente da construção de alternativas críveis. A tarefa é criar capacitações reais para que as pessoas floresçam de modos menos materialistas” (JACKSON, 2013, p. 215). Assim a realocização representa um dos meios estratégicos mais importantes. É o pensar globalmente e agir localmente.

Hoje a realocização tem tido uma grande aceitação e é um tema recorrente, viver e trabalhar na sua própria região tem sido uma bandeira partilhada por diversos grupos de pessoas. No jargão decrescentista criou-se até o vocábulo *gloca*⁸⁵, ou seja, esse processo “impulsiona por vezes um ressurgimento cultural que pode provocar sinergias econômicas. Os lazeres, a saúde, a educação, o ambiente, a habitação e os serviços às pessoas gerem-se necessariamente com efeito ao nível microterritorial da bacia de vida” (LATOUCHE, 2006, p. 182).

Nas últimas décadas tem surgido a agricultura familiar, as associações de consumidores, cooperativas, creches, bancos éticos, pequenas empresas de economia solidária, com fins não lucrativos ou não exclusivamente baseados apenas no lucro. Se essas políticas locais não forem bem geridas correm o risco de cedo ou tarde acabarem caindo nas mãos do mercado internacional e como consequência o seu desaparecimento. O desenvolvimento local não pode usar a mesma lógica do desenvolvimento a qualquer custo, ou seja, aquele desenvolvimento que destrói o ambiente local em nome do progresso; suprimir uma escola no interior, um posto médico numa vila mais remota, tudo em nome da modernidade “é contribuir para a

⁸⁵ “O recuo relativo do nacional no norte e das suas tutelas, gerado pela mundialização, reativa o regional e o local. Fabricou-se o vocábulo *gloca* para designar essa nova articulação do global e do local. A maior parte das vezes essa instrumentalização do local pelo global serve de alibi para a continuação da desertificação do tecido social e limita-se a ser um penso colado sobre uma ferida aberta ou por outras palavras, um discurso de ilusão e de diversão” (LATOUCHE, 2006, p. 263).

morte do local e sabotar os esforços daqueles que resistem e lutam para voltar a dar um sentido aos lugares⁸⁶ (LATOUCHE, 2006, p. 185).

Usar os saberes populares e locais, bem como aqueles recursos disponíveis significa ir contra a história atual. É sabido que hoje muitas áreas locais estão degradadas. Quase sempre as atividades produzidas no local visam aproximar as pessoas, travar relações de reciprocidade e confiança, ou seja, essas atividades na maioria das vezes buscam o reconhecimento e a valorização do patrimônio comum e evitar o isolacionismo de seus membros. O agir local constitui-se assim num caminho para a solução dos conflitos globais.

Uma tomada de consciência⁸⁷ das grandes contradições globais pode assim suscitar um agir local que acaba então trazendo a baila um novo processo de mudança. Embora a globalização como se conhece hoje tenha pontos positivos a serem considerados, ela não é de aceitação unânime⁸⁸, pois em alguns casos ela se impôs de forma mais ou menos violenta, ocasionando rupturas nas culturas locais. Por isso hoje, para Latouche, o relocalizar, significa, “produzir localmente no que for essencial os produtos destinados à satisfação das necessidades da população, em empresas locais financiadas pela poupança coletada localmente” (LATOUCHE, 2009, p. 49). Também se quer dizer que tudo aquilo que se possa “produzir na escala local para necessidades locais deve ser produzido localmente. Isso resultará em que: toda decisão econômica que possa ser tomada na escala local deva ser tomada localmente” (LATOUCHE, 2006, p. 12).

Hoje, com a expansão global financeira, tem surgido novos flagelos para milhões de seres humanos que se julgava estarem extintos a tempos. Grandes

⁸⁶ “No movimento ambientalista articulam-se as lutas das comunidades indígenas, das organizações camponesas, operárias e populares, com as causas da classe média urbana, as associações de base e os grupos ecologistas. Neste processo de recomposição social surgem novas organizações profissionais, órgãos não governamentais, grupos privados e associações civis que buscam oportunidades de participação nos espaços econômicos e políticos abertos pela problemática ambiental. Este processo vai abrindo novas frentes de luta, novas estratégias políticas, novas fórmulas de negociação e novas táticas de concentração entre o Estado e a sociedade” (LEFF, 2015, p. 103).

⁸⁷ Referência ao “*Occupy*”: série de protestos mundiais iniciados no dia 15 de outubro de 2011, a partir da ocupação de Wall Street, nos Estados Unidos, dando origem ao movimento *Occupy*. O movimento se espalhou por várias cidades do mundo, organizado por coletivos locais, organizações de bairro ou movimentos sociais, os quais propunham alternativas de desenvolvimento voltadas à preservação do planeta e ao consumo consciente de produtos, opondo-se à especulação financeira e à ganância econômica” (IHU On-line, 2015, p. 100).

⁸⁸ Alusão ao “*Brexit*”: a saída do Reino Unido da União Europeia (UE) é apelidada de *Brexit*, palavra originada na língua inglesa resultante da fusão das palavras *Britain* (Grã-Bretanha) e *exit* (saída). A saída da Grã-Bretanha da UE tem sido um objetivo político perseguido por vários indivíduos, grupos de interesse e partidos políticos, desde 1973, quando o Reino Unido ingressou na Comunidade Econômica Europeia (CEE), a precursora da UE” (IHU On-line, 2016, p. 38).

empresas têm abandonado seus países de origem e transferiram sua produção e maquinaria para lugares distantes. Não demorou muito para que surgissem novos problemas, tanto para as populações que perderam seus postos de trabalhos e padrão de vida, como aquelas que recepcionaram as novas fábricas. O impacto tem sido considerável, sejam eles humanos ou ambientais, a alta taxa de competitividade entre os mercados tem marginalizado muitas populações locais. A vida em primeiro lugar passa pelo ambiente local; nem todos têm a possibilidade de estar ou comprar em lugares diferentes, hoje o renascimento local é:

Reconstruir sistemas ambientais e territoriais devastados e contaminados pela presença humana [...]. Esse processo que não poderia ser promovido por instâncias tecnocráticas necessita de novas formas de democracia que favorecem o autogoverno das comunidades estabelecidas. A possibilidade de reabilitar e de reabitar os lugares só se realizará quando os indivíduos que vivem nesses lugares puderem de novo ocupar-se deles cotidianamente, secundados por uma nova sabedoria ambiental, técnica e governamental (LATOUCHE, 2006, p. 188-189).

Sob a perspectiva da realocização, esta não significa fechamento, isolamento do mundo prático ou rejeição do global, antes de tudo, essa perspectiva visa que as antigas relações sejam refeitas, sejam ampliadas. Que haja um interesse por aquilo que a comunidade local pode oferecer ao mundo, isso para se experimentar “práticas de reforço democrático capazes de resistir à dominação liberal. Por outras palavras, trata-se de laboratórios de análise crítica e de autogoverno para a defesa dos bens comuns” (LATOUCHE, 2006, p. 191). Em síntese, pode-se afirmar que uma:

Estratégia do renascimento local não consiste portanto em construir e em desenvolver um oásis no deserto do mercado mundial, mas em multiplicar as experiências de reterritorialização e em alargar progressivamente a rede dos organismos sãos para fazer recuar o deserto ou fecundá-lo (LATOUCHE, 2006, p. 193).

Eis que realocar, “refere-se a empregar novos parâmetros de identificação geográfica dependendo dos ecossistemas e sua capacidade de oferecer serviços ecológicos” (BARRERA, 2016, p. 84, sic) que realmente valorizem as formas de vida existentes. O local não deve ser visto como um mundo fechado, mas antes uma rede de relações virtuosas e solidárias, em outros termos, o local serve de laboratório para uma análise crítica para se defender os bens comuns.

1.1.6 Reduzir

O bom senso de hoje não é o mesmo de um passado recente. É, portanto, necessário construir o bom senso de amanhã, é uma nova cultura que a sociedade precisa inventar e onde um dos pilares do programa do decrescimento será a sobriedade e a redução. O *Programa do decrescimento* vem sendo defendida por diferentes autores⁸⁹. Embora tais estudiosos tenham pontos de vista diferentes, é possível encontrar neles pontos em comum que podem servir de auxílio para a proposta dessa nova forma de pensar as estruturas que sustentam a vida atual. Esses precursores do decrescimento tendem a ver, no atual sistema político e econômico, empecilhos para um desenvolvimento sustentável integral. Contam, em seus campos de estudos, uma “crítica não marxista das instituições que fundamentam a economia contemporânea: a escola, a saúde, o meio ambiente, as cidades, o desenvolvimento, o consumo de energia” (IHU ON-LINE, Editorial, 2002, p. 01). Esses temas, com o passar dos anos, tornaram-se mais conhecidos e fazem parte, hoje também da bioética global. Eis porque seu pensamento é atual para o debate e lançam luzes ao enfrentamento das incertezas em que o mundo se encontra atualmente.

O tema decrescimento, não foi empregado por Ivan Illich, em sua obra “não há uma apresentação sistemática da utopia concreta daquilo que seria uma sociedade de decrescimento. Se Illich é mesmo um dos pais do decrescimento talvez o seja à sua revelia” (LATOUCHE, 2012, p. 04). Ivan Illich é crítico do seu tempo, constatam-se, em sua obra, temas hoje muito em voga na bioética global, entre os quais se destacam: o modelo de vida apregoado na atualidade, a insustentabilidade do atual modelo hegemônico financeiro, as vulnerabilidades humanas e extra-humanas, as desigualdades⁹⁰, temas esses que ganharam notoriedade a partir de 1970.

⁸⁹ Com relação ao *Programa do decrescimento*, esta pesquisa se ateve a três nomes principais: Serge Latouche, Nicholas Georgescu Roegen e Ivan Illich (nota do autor).

⁹⁰ A ONG britânica *Oxfam* divulgou dados que de acordo com a revista "Forbes", as seis pessoas mais ricas do Brasil são: Jorge Paulo Lemann, sócio da Ambev (dona das marcas Skol, Brahma e Antarctica) e dono de marcas como Budweiser, Burger King e Heinz, Joseph Safra, dono do banco Safra, Marcel Herrmann Telles, sócio da Ambev e dono de marcas como Budweiser, Burger King e Heinz, Carlos Alberto Sicupira, sócio da Ambev e dono de marcas como Budweiser, Burger King e Heinz, Eduardo Saverin, cofundador do Facebook, João Roberto Marinho, herdeiro do grupo Globo. A fortuna somada desses seis empresários era de US\$ 79,8 bilhões (cerca de R\$ 258 bilhões) em 2016, de acordo com a "Forbes". (Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/564028-seis-homens-tem-a-mesma-riqueza-que-100-milhoes-de-brasileiros-juntos-diz-ong>). Acesso em 17/01/2017 (nota do autor).

Para Ivan Illich, “os projetos de crescimento⁹¹ se transformam rapidamente em ruínas e detritos no meio dos quais precisamos aprender a viver” (LATOUCHE, 2012, p. 05). É o que se constata hoje com o elevado número de refugiados, poluições de toda ordem, morte da biodiversidade, alteração climática, o mau desenvolvimento do modo de organização da escola, da medicina, do sistema de transporte, a não funcionalidade de muitas cidades e até mesmo a ausência de alteridade entre as pessoas. Esses pontos, para Illich, mostram que “o decrescimento insiste justamente na necessária reavaliação, ou seja, na necessidade de mudar os valores que alicerçam a sociedade de consumo” (LATOUCHE, 2012, p. 07).

Para Ivan Illich era preciso agir rapidamente sobre a real situação do planeta. Segundo ele, cada pessoa, de um modo consentido livremente, deveria impor a si mesma um limite, um freio voluntário ao crescimento exagerado pela busca de meios tecnoburocráticos para tornar a vida menos problemática. O autor reconhece as objeções que podem ser dirigidas a ele acusando seu projeto de utópico, mas, ao mesmo tempo, reconhece a urgência de se rever o modelo de crescimento levado a cabo nos dias atuais e que potencializam a crise. Afirma o autor, “tal programa ainda pode parecer utópico atualmente (1973), mas se deixarmos que a crise se agrave, ele logo parecerá de um realismo extremo” (ILLICH, *apud* LATOUCHE, 2012, p. 09). Não bastasse isso:

A limitação necessária de nosso consumo e da produção assim como o fim da exploração da natureza e do trabalho pelo capital não significam para ele um retorno a uma vida de privação e labor. Ao contrário, se formos capazes de renunciar ao conforto material, significa uma liberação da criatividade, uma renovação da vida social e a possibilidade de levar uma vida digna. (LATOUCHE, 2012, p. 10).

⁹¹ Neste ponto a guisa de conhecimento, os interessados neste tema podem ler duas entrevistas referentes aos impactos trazidos pela Usina de Belo Monte, a primeira com a antropóloga Sônia Magalhães, intitulada “Belo Monte: A sociedade brasileira não tem consciência do seu custo social e ambiental”, disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/563723-belo-monte-promove-diaspora-ao-nao-reconhecer-os-povos-tradicionais-entrevista-especial-com-sonia-magalhaes> e a segunda com o procurador da república Ubiratan Cazetta, sob o título “Belo Monte e a lógica do capital e dos jogos políticos que sufocam a vida”, disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/563723-belo-monte-promove-diaspora-ao-nao-reconhecer-os-povos-tradicionais-entrevista-especial-com-sonia-magalhaes>. Ambas acessadas em 17/01/2017 (nota do autor).

A nova proposta trazida por Illich, “reintroduz o espírito do dom no comércio social⁹², ao lado da lei da selva e reata assim com a *philia* (a amizade⁹³) aristotélica⁹⁴” (LATOUCHE, 2012, p. 10). Em Ivan Illich, muitas ferramentas do nosso cotidiano são conviviais, estreitam as relações. É o caso de uma bicicleta, de uma máquina de costura, enquanto outras ferramentas não são e jamais o serão. Isso, porque “certas ferramentas sempre são destrutivas” (ILLICH, apud LATOUCHE, 2012, p. 11), mesmo que venham a fazer parte de diferentes instituições, estejam essas a serviço do bem ou não; “quaisquer que sejam as mãos que as detenham, sejam a máfia, os capitalistas, uma firma multinacional, o Estado ou até mesmo um grupo de trabalhadores” (LATOUCHE, 2012, p. 11). Equilibrar os desejos em um mundo onde a vida circula juntamente com a técnica tem sido um desafio constante para a bioética global; encontrar uma saída para o modo de vida tradicional a que a sociedade se acostumou exige maior deliberação e responsabilidade de todos.

Limitar as horas de trabalho também é uma preocupação legítima de Ivan Illich, tanto que o artigo 24 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 traz essa possibilidade: “todo ser humano tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e férias periódicas remuneradas” (DUDH, 1948, art. 24)⁹⁵. Isso porque, na atualidade, a sobrecarga de trabalho em diferentes ocupações tem sido uma das maiores causadoras de distúrbios físicos e mentais de

⁹² Hoje conhecido como “Comércio justo (em inglês: *fair trade*): é um dos pilares da sustentabilidade econômica e ecológica (ou econológica, como vem sendo chamada). Trata-se de um movimento social e uma modalidade de comércio internacional que busca o estabelecimento de preços justos, bem como de padrões sociais e ambientais equilibrados nas cadeias produtivas, promovendo o encontro de produtores responsáveis com consumidores éticos” (IHU On-Line, 2016, p. 56).

⁹³ Amizade: (lat: *amicitia*: amizade). Sentimento recíproco entre duas pessoas desprovido de caráter sexual e estabelecendo-se sob o signo da igualdade e do respeito aos mesmos direitos e deveres (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2015, p. 08).

⁹⁴ Relativo a “Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental”. (IHU On-line, 2016, p. 26).

⁹⁵ Hoje já se fala da possibilidade de fins de semana com três dias. É o que sugere o professor Alex Williams da Universidade de Londres, para tanto remetemos o leitor ao seu artigo publicado no jornal El País no dia 13/09/2016 e traduzido para o português no seguinte endereço: <http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias/560059-como-os-fins-de-semana-de-tres-dias-podem-contribuir-para-salvar-o-mundo>. Na mesma perspectiva remetemos nossos leitores ao artigo do pesquisador português Manuel Carvalho da Silva, publicado em Sul 21, no dia 13/01/2016 e disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/550846-reduzir-o-tempo-de-trabalho-e-das-batalhas-mais-dificeis-e-um-debate-inevitavel>. Acesso em 17/01/2017 (nota do autor).

um número considerável de trabalhadores, o que, por sua vez, traz novos desafios, quer para a medicina, o direito, quer para a bioética em geral.

A sociedade acostumou-se a beber de diferentes fontes (espirituais, psicológicas ou filosóficas), pensando assim estar sempre prosperando, quer materialmente, quer espiritualmente, o gosto pela inovação embotou a mente de uma parcela considerável da humanidade. Então, “para realizar a necessária descolonização do imaginário e ganhar a aposta do decrescimento, pensamos que seja amplamente possível contar com o que designamos por pedagogia das catástrofes⁹⁶” (LATOUCHE, 2012, p. 12). Tal pedagogia, em outros termos, lembra nesses tempos de incertezas, que:

Os desarranjos inelutáveis da megamáquina (contradições, crises, riscos tecnológicos importantes, panes), fontes de sofrimentos insuportáveis, são infortúnios que só podemos lamentar. No entanto, são também ocasiões de conscientização, de questionamento, de recusa ou mesmo de revoltas. Como afirma Hans Jonas, “é melhor dar ouvidos à profecia da infelicidade do que àquela da felicidade”. [...] O verdadeiro problema, [...] é o fato de que não conseguimos dar um peso de realidade suficiente ao futuro e, em particular, ao futuro catastrófico. A catástrofe [...], tem algo terrível que é o fato de que não só não acreditamos que ela aconteça, embora tenhamos todos os motivos para saber que acontecerá, mas também, quando acontece, é vista como resultante da ordem normal das coisas. [...] Ela não era considerada possível antes de acontecer, mas ali está ela integrada, sem formalidade, no ‘mobilário ontológico’ do mundo, para adotar um termo do jargão dos filósofos (LATOUCHE, 2012, p. 12-13).

Assim, uma bioética global pode e tem o dever de mostrar que outros caminhos alternativos são possíveis. Ela soou o alarme já em 1970 e outros mais recentemente, têm mostrado da “impossibilidade de um crescimento infinito num mundo finito e a necessidade de fazer uma bioeconomia⁹⁷ no seio da biosfera” (LATOUCHE, 2012, p.

⁹⁶ “Jean-Pierre Dupuy encontrou um nome para o que estava para acontecer: “a irrupção do possível no impossível”. E ele alertou: para prevenir uma catástrofe, é preciso antes acreditar na possibilidade de catástrofe. É preciso acreditar que o impossível é possível. Que o possível sempre prega peças, incansavelmente dentro da carapaça de proteção da impossibilidade que ele espera para irromper. Nenhum perigo é tão sinistro e nenhuma catástrofe bate tão forte quanto aquelas que são vistas como de probabilidade negligenciável; pensar nelas como improváveis ou não pensar nelas de jeito nenhum é a desculpa para não fazer algo para pará-las antes que cheguem ao ponto em que o improvável torna-se realidade e de repente é tarde demais para amortecer seu impacto, deixá-la em paz para prevenir sua chegada. E, no entanto, é o que estamos fazendo (não fazendo, na verdade) diariamente, sem pensar. “A atual situação nos mostra”, observa Dupuy que o anúncio de uma catástrofe não produz nenhuma mudança visível, nem em nossa conduta, nem em nosso modo de pensar. Mesmo quando são informadas, as pessoas não acreditam naquilo que aprenderam”. Ele cita Corinne Lepage: “A mente rejeita (tal anúncio), dizendo a si mesma que isso simplesmente não é possível”. E conclui: “O mais incrível obstáculo para a prevenção de uma catástrofe é a descrença” (BAUMAN, 2006, p. 15).

⁹⁷ “Nome dado à disciplina que se esforça, na continuidade de Nicholas Georgescu Roegen, por pensar a economia dentro da biosfera, isto é aberta à lógica dos seres vivos” (LATOUCHE, 2006, p. 261).

15). A proposta decrescentista em Ivan Illich tem o condão de ser “uma proposta necessária para reabrir o espaço da inventividade e da criatividade do imaginário bloqueado pelo totalitarismo economicista, desenvolvimentista e progressista” (LATOUCHE, 2012, p. 15).

Em Ivan Illich, as instituições desagregaram-se; estas teriam se desviado de seus ideais primitivos, ligando-se, de modo puramente mercadológico, ao sistema dominante de hoje: “Illich mostra que a desvitalização tem origem em uma autonomização das burocracias que gangrenam e desviam as instituições de suas metas iniciais” (FLIPO, 2012, p. 263). Em outras palavras, Illich mostra que a felicidade de uma minoria é obtida à custa de milhões de desafortunados; que uma grande parcela de correntistas sustenta o projeto de uma ínfima minoria. Enfim, essa desordem planejada tem o objetivo de ter um exército de reserva para todos os tipos de situação, os quais são chamados a qualquer hora do dia ou da noite.

Em seu estilo provocativo, Ivan Illich ao lado de Nicholas Georgescu Roegen são atuais, pois muitas situações que ambos presenciaram de modo embrionário, “são hoje temas recorrentes uma vez que se evoquem os avanços científicos e tecnológicos, o desenvolvimento da informática e seus efeitos na vida cotidiana, na saúde, na educação e nos transportes” (GAJARDO, 2010, p. 23). Além disso, ambos os autores, colocam em questão a necessidade do debate público sobre as crises existentes na contemporaneidade. Os trabalhos de Roegen podem colaborar com a bioética global à medida que permitem uma, “avaliação crítica dos mitos de salvação ecológica que representam o excesso de otimismo de segmentos da sociedade, assim como uma elucidação dos reais dilemas com os quais a humanidade se defronta” (CECHIN, 2012, p. 361).

Os efeitos do otimismo que anima o desenvolvimento técnico-científico acumulam-se ao longo do tempo e, conseqüentemente, exercem sérias influências sobre as futuras gerações. Aqui entra em cena a reflexão sobre o direito das gerações futuras a viver em um ambiente digno, o que é cada vez mais negado pela ação do sistema econômico hegemônico.

Nicholas Georgescu Roegen, a exemplo de Hans Jonas, advogou em favor das gerações futuras do seguinte modo: “reeducarmo-nos de maneira a sentirmos alguma simpatia pelos seres humanos futuros da mesma maneira que estamos interessados no bem estar dos nossos vizinhos contemporâneos” (ROEGEN, 2008, p. 111). Roegen afirma ainda acerca da natureza:

Não há nenhuma lei em biologia que afirme que uma espécie deva defender a existência das outras à custa da sua própria existência. O melhor que podemos razoavelmente esperar é aprender a abstermo-nos de causar danos inúteis e a proteger o futuro da nossa espécie protegendo as espécies que nos são benéficas, mesmo à custa de certos sacrifícios (ROEGEN, 2008, p. 112).

Roegen, ao longo de seu trabalho, “mostrou-se crítico tanto com a possibilidade de crescimento econômico irrestrito quanto com as ideias presentes em algumas posições ambientalistas para melhorar o ambiente” (CECHIN, 2012, p. 361). Hoje as práticas humanas requerem uma profunda reconversão; atualmente, mais que agredir, usurpar e extrair aquilo que a Terra oferece de modo gratuito, tudo precisa ser repensado. Por isso, a seguir, é apresentado, de forma simplificada o seu programa mínimo de oito pontos, um programa salutar e um freio ao crescimento, os quais, com ligeiras adaptações, estão em sintonia com a bioética global e os objetivos do desenvolvimento sustentável.

Em primeiro lugar, Roegen admite que “seria preciso proibir totalmente não somente a própria guerra, mas a produção de todos os instrumentos de guerra” (ROEGEN, 2008, p. 113)⁹⁸. Essa parada imediata na fabricação de artefatos mortíferos, “libertará ainda forças de produção fantásticas em favor da ajuda internacional, sem com isso baixar o nível dos países interessados” (ROEGEN, 2008, p. 113). Esse ponto encontra-se totalmente ausente nos objetivos do desenvolvimento sustentável.

Já em segundo lugar, apregoa que é “preciso ajudar as nações subdesenvolvidas a chegar tão depressa quanto possível a uma existência digna de ser vivida, mas não luxuosa” (ROEGEN, 2008, p. 113). Em terceiro lugar, “a humanidade deveria diminuir progressivamente a sua população até um nível em que uma agricultura orgânica fosse suficiente para alimentá-la convenientemente” (ROEGEN, 2008, p. 114).

Em quarto lugar, surge uma tendência comum tanto em Nicholas Georgescu Roegen, como em Ivan Illich e em Serge Latouche: trata-se de se livrar dos modismos, como por exemplo jogar fora roupas ou móveis domésticos, quando ainda podem ser usados. Este modismo ele define como uma “doença do espírito, por fora um casaco

⁹⁸ Menciono também o livro de P. D. Smith, “Os homens do fim do mundo: o verdadeiro Dr. Fantástico e o sonho da arma total”, 2008, Editora Companhia das Letras, 572p., onde narra minuciosamente a corrida armamentista, a ambição dos Faustos modernos e a inconsequência dos novos Prometeus (nota do autor).

ou um móvel quando são capazes de proporcionar os serviços que temos o direito de esperar deles” (ROEGEN, 2008, p. 114). Da mesma forma, ele considera um crime grave o fato das pessoas, a cada ano ou dois, trocarem regularmente seus automóveis. Na sua visão, “é mais importante ainda que os consumidores se reeduquem no desprezo pela moda. Os construtores serão então obrigados a concentrar-se na durabilidade” (ROEGEN, 2008, p. 114).

Num quinto momento, Roegen alerta para o fato de que “convém evitar cuidadosamente e se necessário regular estritamente todo o desperdício de energia como o excesso de climatização, de velocidade, de iluminação” (ROEGEN, 2008, p. 114). Já em sexto lugar, para Georgescu Roegen, os seres humanos deveriam se livrar dos modismos, “é uma doença jogar fora um casaco ou um móvel enquanto ainda podem ser usados, trocar de carro todo ano então é um crime bioeconômico” (ROEGEN, 2008, p. 114). “Se os consumidores se reeducassem para desprezar a moda, os produtores focariam na durabilidade” (CECHIN, 2012, p. 362).

Em sétimo lugar o autor declara que “é necessário que as mercadorias duráveis se tornem ainda mais duráveis, sendo concebidas como reparáveis” (ROEGEN, 2008, p. 114). Finalizando em oitavo lugar, Georgescu Roegen faz menção ao fato de que a sociedade precisa se questionar sob aquele desejo irrefletido “que consiste em barbear-se mais depressa para ter mais tempo para trabalhar num aparelho que barbeia ainda mais depressa” (ROEGEN, 2008, p. 114). Para ele, agindo-se desse modo, “devemos habituar-nos à ideia de que toda a existência digna de ser vivida tem como condição prévia indispensável um tempo suficiente de lazer utilizado de maneira inteligente” (ROEGEN, 2008, p. 115; CECHIN, 2012, p. 362).

O *Programa do decrescimento* de Nicholas Georgescu Roegen com ligeiras modificações possui uma aproximação com os objetivos do desenvolvimento sustentável, com a bioética global e ainda com a encíclica *Laudato Si*; ambos os textos têm a característica central de serem agentes transformadores, sendo que os objetivos do desenvolvimento sustentável são mais diplomáticos, enquanto os outros três expressam uma radicalidade, em especial aquela radicalidade com relação ao consumo excessivo.

O próprio Roegen admite que seu programa teria dificuldades de ser aceito e colocado em prática pela comunidade internacional, para ele, “talvez o destino do homem seja ter uma vida breve, mas febril, excitante e extravagante em vez de uma existência longa, vegetativa e monótona” (ROEGEN, 2008, p. 115). Georgescu

Roegen não foi adepto de ideias simplistas que mitigam os problemas humanos, nesse sentido, a sociedade atual deveria ser permeada por um retorno à reflexão ética. Ou seja, Roegen distancia-se daquelas posições de que o “progresso tecnológico e o mecanismo de preços⁹⁹ pudessem resolver todos os problemas, a ética e os valores de uma sociedade é que determinam o comportamento dos indivíduos” (CECHIN, 2012, p. 362) e daquelas “sociedades orientadas para o futuro, que veem o futuro precisamente como um território a ser conquistado ou colonizado” (GIDDENS, 2000, p. 33).

Nicholas Roegen voltou-se para a área econômica e afirmou a importância de que os “economistas saíssem do seu isolamento e que conversassem com especialistas de outras áreas para assim assumirem o seu papel na gestão do lar Terra” (CECHIN, 2012, p. 363). Assim, após a morte de Nicholas Georgescu Roegen, o termo decrescimento ganhou espaço em diversos países, em especial na França, onde os seus principais pensadores sustentam a ideia de libertar do imaginário humano hoje predominante, que é a área econômica. Desse modo, pode-se afirmar que o *Programa do decrescimento* para Roegen “é um projeto positivo de sociedade baseado numa crítica radical, não só ecológica, mas principalmente cultural do estado de coisas atual” (CECHIN, 2012, p. 365).

Antes de morrer, Georgescu Roegen também proferiu sua desconfiança para com o agora universalmente aclamado desenvolvimento sustentável¹⁰⁰. Para ele este novo movimento não poderia ser levado a sério dada a sua ambiguidade, chegando o mesmo:

Considerar o Desenvolvimento Sustentável como um tipo de consolo útil apenas para desviar a atenção dos verdadeiros problemas como a diferença existente entre os países ricos e pobres, os problemas da poluição e a futura sobrevivência da espécie humana. A expressão esconderia a falsa ideia de

⁹⁹ “A necessidade de ir além das regras de mercado tem sido muito discutida recentemente no contexto da proteção do meio ambiente. Tem havido algumas providências e muitas propostas para a regulamentação e provisão governamental de incentivos apropriados por meio de impostos e subsídios. Mas existe também a questão do comportamento ético, relacionada às normas que favorecem o meio ambiente. Essa questão enquadra-se com perfeição no tipo de considerações amplamente discutidas por Adam Smith em Teoria dos Sentimentos Morais, embora a proteção do meio ambiente não fosse um problema específico em destaque naquela época (nem um problema ao qual Smith tenha dado explicitamente grande atenção) (SEN, 2010, p. 342).

¹⁰⁰ “O lema do desenvolvimento sustentável em muito se assemelha aos seus predecessores “direitos humanos” e “justiça social”, noções que tem em comum a “maldição” do elefante: tão difícil de definir quanto fácil de ser visualmente reconhecido, pois esforços normativos de conceituá-los não conseguem superar certas dúvidas” (VEIGA, 2010, p. 37).

que o crescimento econômico pode ser sustentado indefinidamente, promovendo um otimismo insensato, porém lucrativo (CECHIN, 2012, p. 366).

A contribuição de Nicholas Roegen para o horizonte da reflexão bioética global é importante, uma vez que recoloca a importância de uma atitude fundada em um “ceticismo para o debate sobre desenvolvimento e sustentabilidade ambiental, introduzindo a preocupação com o tamanho físico da economia em relação ao ecossistema em que está inserida” (CECHIN, 2012, p. 367). Também mostrou que seu pensamento voltado para a vida significou uma quebra de paradigmas para a época, “uma vez que admitiu que o processo de produção econômica vem necessariamente acompanhado da geração de resíduo e poluição, sejam estes fenômenos locais ou globais, como as mudanças climáticas antropogênicas” (CECHIN, 2012, p. 367). Para os novos tempos que se avizinhavam, Georgescu Roegen advogou para a humanidade o seguinte mandamento: “Amarás a tua espécie como a ti mesmo” (ROEGEN, 2008, p. 140). Entretanto, segundo ele:

Apesar de tudo, este mandamento não pode por fim a luta que a humanidade trava contra o ambiente e contra si mesma. O dever dos universitários é contribuir para atenuar essa luta e não enganar os outros com ideias que escapam ao poder da ciência dos homens. Com humildade, tal é a responsabilidade que ensina a Bioética de Van Rensselaer Potter (ROEGEN, 2008, p. 140, *sic*).

Georgescu Roegen nota assim a importância da proposta decrescentista, “que ela mostra que o nível de produção e consumo atual do mundo é insustentável e precisa ser reduzido. Seria melhor fazê-lo de forma intencional e projetada do que ter de encará-lo por desastre” (CECHIN, 2012, p. 367). A nova era industrial se apropriou do conceito valor-coisa, “essa visão de mundo acabou em muitos casos conduzindo a uma atitude reificante que incluiu a redução das pessoas a coisas como parte da compulsão geral para a aquisição e o controle dos bens físicos” (MARIOTTI, 2001, p. 02). Desse modo é possível afirmar que qualquer “teoria econômica dominante se afasta da conduta humana real, ao contrário do que se propõe. Isso equivale a dizer que ela tem apenas parcialmente a ver com o ser humano, apesar de ter sido criada por ele” (MARIOTTI, 2001, p. 04). Assim, “tempos de crise sistêmica como os nossos favorecem uma revisão de conceitos e a coragem para projetar outros mundos possíveis que realizam o que Paulo Freire chamava de o inédito viável” (BOFF, 2016, p. 55).

Portanto, a redução procurada é antes de tudo um aumento na saúde, do bem estar, da alegria de viver. Uma profunda revisão do atual modelo de como a humanidade usa a sua “pegada ecológica, implica redimensionar o nosso modo de vida o que não se faz unicamente com uma cura de emagrecimento por causa da nossa reconhecida obesidade, mas também com uma mudança das nossas necessidades” (LATOUCHE, 2006, p. 195). Desse modo, é importante e “portanto necessário construir o bom senso de amanhã orientando-nos na boa direção. É uma nova cultura que precisamos de inventar um dos pilares da qual será a sobriedade” (LATOUCHE, 2006, p. 195-196, sic).

Redução, antes de mais nada, “significa em primeiro lugar diminuir o impacto sobre a biosfera de nossos modos de produzir e de consumir. Trata-se inicialmente de limitar o consumo excessivo e o incrível desperdício de nossos hábitos” (LATOUCHE, 2009, p. 49), citando Paul Aries, Serge Latouche tem enfatizado que “o decrescimento não é certamente fazer menos a mesma coisa. A redução procurada é também um aumento de saúde, de bem estar, de alegria de viver” (ARIES, 2005, *apud* LATOUCHE, 2006, p. 196). Em um mundo de desejos diferenciados, “outras reduções são desejáveis desde a dos riscos sanitários até a dos horários de trabalho” (LATOUCHE, 2009, p. 50).

Não seria exagero afirmar que “reduzir o tempo de trabalho enfim é um elemento essencial que também encontraremos na política de luta contra o desemprego, trata-se por certo de distribuir o trabalho para que todos os que assim quiserem possam ter um emprego” (LATOUCHE, 2009, p. 52-53). A tradição moderna impôs aos seres humanos uma verdadeira compulsão pelo trabalho e eficiência. Quem não cumpre estes requisitos é tido como improdutivo, ineficiente ou mesmo fracassado. Portanto:

Antes de mais nada trata-se de se desintoxicar do vício do trabalho [...]. Não construiremos uma sociedade serena de decrescimento sem recuperar as dimensões recalcadas da vida: o prazer de cumprir seu dever de cidadão, o prazer das atividades de fabricação livre, artística ou artesanal, a sensação do tempo recuperado para a brincadeira, a contemplação, a meditação, a conversação ou até simplesmente para a alegria de estar vivo (LATOUCHE, 2009, p. 53-54).

Nas circunstâncias atuais, este propósito para reduzir não está isento de debates acalorados e não livres de possíveis ajustes. Por outro lado, essa “redução insere-se assim no processo de desarmamento cultural através do qual o ocidente

poderia reconciliar-se com a humanidade e mesmo com o resto da criação” (LATOUCHE, 2006, p. 199), seria mais correto falar em sensatez, pois, assim, “o primeiro passo nesse caminho é mudar a maneira como vemos a energia: mais sóbrios nos nossos comportamentos, mais eficazes nas nossas utilizações, mais renováveis na nossa produção” (LATOUCHE, 2006, p. 207). A palavra sensatez implicaria que “a sobriedade não é austeridade nem sequer racionamento, ela obedece ao imperativo de basear o nosso futuro em necessidades energéticas menos bulímicas, mais bem controladas, mais equitativas” (LATOUCHE, 2006, p. 207), reforçando, isso não é voltar ao passado, pelo contrário:

Mudar as regras do jogo e reduzir o consumo de energia implica uma mudança total das atitudes, cujas dimensões individual e coletiva estão extremamente ligadas. A sobriedade dos cidadãos é simultaneamente um exemplo e uma incitação para a comunidade. Mas a mudança de lógica do sistema é indispensável (LATOUCHE, 2006, p. 208).

Reduzir o consumo também significa menos produção de lixo que esse consumo traz, em muitos lugares esse fenômeno tornou-se um escândalo de grandes proporções e a um custo ainda maior. O *Programa decrescentista* utópico ou não, procura mostrar que o processo de se reduzir em vários setores da sociedade, precisa ser visto como algo plausível e necessário, e também como uma forma de higiene mental, pois, assim, todos de um modo ou de outro “seremos obrigados a colocar questões fundamentais as do sentido da vida e de uma nova cultura, a de uma organização que não seja restritiva nem anárquica, a abertura de um espaço com uma nova criatividade” (LATOUCHE, 2006, p. 211). Importante também mostrar que os objetivos do atual desenvolvimento sustentável estão em perfeita sintonia com a redução proposta pelo *Programa decrescentista*.

1.1.7 Reutilizar/reciclar

O respeito pela biosfera e pelos seres humanos pode e deve inculcar em nós a modificar a nossas atitudes com relação ao uso dos objetos. Hoje, deveríamos consumir os objetos com sobriedade para que estes pudessem durar mais, mas para que isso realmente ocorra deverão existir regras que garantam a duração útil de determinado objeto posto à venda e que por sua vez tenham condição de ser reparados.

Aprender a consertar objetos não significa ter um sentimento de autodesvalorização. “A cultura da reutilização deve sobretudo, ter repercussões sobre as empresas que terão de renunciar a fabricar sistematicamente produtos descartáveis que causam desperdício e inflação de lixo” (LATOUCHE, 2006, p. 216). Não faltam hoje sugestões dinâmicas para a reutilização e reciclagem, no fundo falta uma vontade política vigorosa, isso porque os hábitos consumistas estão profundamente arraigados na mente das pessoas.

Quem na atual sociedade moderna não se viu perante a impossibilidade de consertar seus objetos de uso doméstico, tais como máquina de lavar roupa, televisores, notebooks, que no mais das vezes são no máximo programados para durar dois anos, quando não menos. O reutilizar difere da reciclagem no sentido que, “quando se deixa de poder utilizar um objeto por ele estar demasiado gasto, em vez de o transformar em lixo que vai ocupar espaço ou até poluir se procede à recuperação dos seus componentes” (LATOUCHE, 2006, p. 217).

Um outro problema central da atualidade é a da produção de lixo, ao mesmo tempo em que “nenhuma pessoa de bom senso contesta a necessidade de reduzir o desperdício desenfreado, de combater a obsolescência programada dos equipamentos e de reciclar os resíduos não reutilizáveis diretamente” (LATOUCHE, 2009, p. 54). A busca pela sobriedade não vinculada aos interesses crescentistas, “deveria ser organizada não apenas para preservar o meio ambiente, mas também, e talvez sobretudo para restaurar o mínimo de justiça social sem o qual o Planeta é condenado à explosão” (LATOUCHE, 2006, p. 13).

Não obstante, as muitas campanhas feitas, tanto a reutilização como a reciclagem ainda são limitadas e não se encontram na agenda do dia por parte dos governos. Tais práticas, ao serem adotadas seriamente, deveriam ter como mote principal a visão de que:

O respeito pela biosfera e pelos outros pode e deve incitar-nos a modificar a nossa atitude a respeito das coisas. Ao contrário da sociedade de consumo, que nos habituou a deitar fora produtos ainda perfeitamente utilizáveis com o pretexto que estão ultrapassados, é preciso consumir com respeito, tratando bem os objetos para os fazer durar mais tempo (LATOUCHE, 2006, p. 216).

De modo prático, “o que falta são incentivos para que empresas e consumidores tomem a via virtuosa, contudo é fácil concebê-los, o que falta é a vontade política de os pôr em ação” (LATOUCHE, 2009, p. 55). Contudo, tem surgido

muitas campanhas localizadas dessa tentativa, “reciclar os desperdícios da nossa atividade é também uma forma de pagar a nossa dívida para com a natureza, é por isso que os custos da reciclagem deveriam estar a cargo dos seus responsáveis” (LATOUCHE, 2006, p. 218).

Todas as práticas coletivas ou mesmo individuais deveriam envolver a precaução, a atenção, a responsabilidade, o cuidado, optar-se por estilos de vida mais comedidos que agridam o menos possível não só a natureza, mas todos os que habitam a Casa Comum. Isso, em outras expressões, significa que:

Se trata [...] daquilo que o homem deve a si próprio, inclusive em termos de respeito pelas plantas, pelos animais, pelos rios, pelas florestas e pelas montanhas, dos quais ele é solidário e que contribuíram para fazer dele o que ele é. Reembolsar essa dívida é antes de tudo restituir à natureza aquilo que lhe foi tirado (LATOUCHE, 2006, p. 219).

Cabe ressaltar que se faz necessária uma aproximação de todos os setores envolvidos com este desafio, todos os saberes disponíveis deveriam contribuir para, se não erradicar, ao menos diminuir toda a pressão existente sobre a biosfera. Entretanto, é preciso deixar claro que, para se obter um sucesso adequado, o programa decrescentista exigirá, de um modo ou outro, pequenas ou até mesmo grandes renúncias por parte dos atores envolvidos. Afirma-se que todos deverão assumir o compromisso de “não fazer tudo o que é possível fazer, consentir em se abster se surgir um risco de alteração das condições da vida ou da condição humana” (BESSET, 2005, apud LATOUCHE, 2006, p. 219).

Não menos importante e que também merece análise é a questão do tempo, ou seja, “reduzir a velocidade e portanto abrandar é também incontestavelmente um elemento de uma ética do decrescimento, [...] a velocidade é destruidora das cidades, das paisagens, das sociedades” (LATOUCHE, 2006, p. 219, sic). Assim, “devemos aprender a reabitar o tempo, devemos dismantelar as próteses da velocidade” (VIRILIO, 1984, apud LATOUCHE, 2006, p. 219).

E, talvez, ainda, uma tarefa mais urgente é a de que “é preciso encorajar a invenção de máquinas de reduzir a velocidade do tempo” (ARIÈS, 2003, apud LATOUCHE, 2006, p. 219), isso para nos lembrar que “e-mails, smartphones e computadores fazem com que a nossa vida inteira, mesmo fora dos horários de trabalho, seja integralmente subsumida ao capital” (CHIGNOLA, 2016, p. 63). Diante do cenário exposto, é difícil fazer prognósticos, importante é que a possibilidade de se

reinventar a vida e a natureza existem, basta que os seres humanos desejem isso para si próprios, em primeiro lugar e ter em mente que em matéria de recursos naturais finitos não deveriam “predominar os interesses de grupos econômicos que destroem irracionalmente as fontes de vida, prejudicando nações inteiras e a própria humanidade. As gerações futuras têm direito de receber um mundo habitável” (MARADIAGA, 2015, p. 66).

Reciclar os inúmeros desperdícios do dia a dia é no fundo uma forma de os seres humanos pagarem as suas dívidas para com a natureza. Não seria demasiado exigir que os custos de toda reciclagem estivessem a cargo de seus responsáveis diretos.

1.1.8 Rearborizar

Dependendo como determinada sociedade faz uso da sua terra, pode-se de certo modo prever como esta sociedade será no futuro. Segundo estudos recentes de renomados cientistas a nível mundial, o projeto antropocêntrico “espoliou sem piedade ecossistemas inteiros, sem considerar os limites dos bens e serviços não renováveis da natureza, deixando para trás terras calcinadas, solos envenenados e ares poluídos” (BOFF, 2016, p. 11). Problemas ecológicos não são novidades, o planeta está densamente povoado e até onde se sabe não há novos espaços para se mudar, a não ser que os seres humanos utilizem os ambientes naturais que ainda restam, o que não seria possível sem uma destruição dos mesmos, eliminando assim inúmeras formas de vidas extra-humanas.

Constata-se ainda, que hoje existem muitas atividades que são totalmente antieconômicas, mas que mesmo assim são produzidas com o intuito de proporcionar maior comodidade para os seres humanos “consumidores”. Entretanto, “o homem da cidade em uma moderna metrópole atingiu um grau de anonimato, atomização social e isolamento espiritual praticamente sem precedentes na história humana” (HERBERT, 1963, *apud* SCHUMACHER, 1983, p. 99).

Assim formou-se a filosofia urbana, seres humanos alienados das demais formas de vida, promovendo apenas os seus interesses pessoais. Hoje devido ao alto grau de desenvolvimento, não faltam conhecimentos técnicos para uma nova readequação dos espaços outrora degradados em demasia pela ação humana.

O *Programa do decrescimento* tem mostrado a opção de se mudar o atual estilo de vida, pois este tem comprometido a capacidade de vida e de regeneração do planeta; os oito “Rs” anteriormente mencionados falam à bioética global de hoje. Embora a palavra rearborear não esteja incluída nos oito “Rs” de Serge Latouche, o teólogo brasileiro Leonardo Boff a inclui incisivamente. O rearborear significa replantar todas as áreas devastadas pela ação humana, em outras palavras, significa que “podemos nos informar a vida inteira sem nunca nos educar. Hoje temos que nos reeducar” (BOFF, 2016, p. 212).

Na atual conjuntura da bioética global, bem como nos objetivos do desenvolvimento sustentável, talvez o maior “desafio que temos agora em muitas economias é como dar às sociedades o que necessitam sem aumentar o uso de matérias-primas, de energias, isso necessita de um novo estilo, um novo desenho da economia” (GARDNER, 2006, p. 85), pois quase tudo precisa ser reinventado. A “economia cresce e a saúde do Planeta decresce, muitos problemas da ecologia estão vinculados ao consumo” (GARDNER, 2006, p. 86). Mais importante ainda, nos dias atuais, é o fato que:

Devemos pensar profundamente no que quer dizer desenvolvimento. Sempre falamos em desenvolvimento como aumento do poder aquisitivo. Seguramente nos países mais pobres se necessita esse crescimento, mas nos países mais ricos, não necessitamos, pois já o temos. Precisamos, sim, de uma ética de suficiência para apreciar o que temos e valorizar as coisas que realmente queremos. Por exemplo, queremos relações mais fortes com os vizinhos e familiares, queremos mais tempo. Essas são as coisas de que mais necessitamos e que a sociedade de consumo não vai nos dar. Precisamos de uma mudança nos valores diante do consumo (GARDNER, 2006, p. 86).

A rearboreação terá um papel decisivo no futuro, principalmente das cidades, ou seja: ela poderá ajudar a modificar o comportamento dos seres humanos, inclusive trazer diversos benefícios, entre eles:

Estudos que mostram que o aumento das áreas verdes de uma cidade em 10% poderia compensar o aumento da temperatura causado pelas mudanças climáticas: a vegetação ajuda a bloquear a radiação de ondas curtas e ao mesmo tempo, a evaporar água, refrigerar o ar ambiente e criar microclimas mais confortáveis. Copas e raízes de árvores também podem reduzir os fluxos de água das tempestades e equilibrar as cargas de nutrientes (SCHWAB, 2016, p. 83).

Um bom exemplo deste rearborizar é dado pela tradição bimilenar do budismo¹⁰¹. Segundo essa doutrina, Buda, quando em vida, recomendou uma postura “reverente e não violenta não só para com todos os seres sensíveis como também com grande destaque para as árvores, todo seguidor de Buda deve plantar uma árvore periodicamente e cuidar dela até estar firmemente assentada” (SCHUMACHER, 1976, p. 51). Tanto a bioética global como a corrente do decrescimento são duas forças que buscam a possibilidade de um outro mundo possível e o desafio da sociedade é justamente se voltar para o decrescimento, dela reconhecer que tem um débito para com o planeta, o decrescimento pode auxiliar no sentido que os seres humanos não são autorreferenciais em si mesmos.

O Brasil é uma realidade com muitas contradições em seu interior, mas que também pode ser um bom exemplo do decrescimento, este é um bom motivo para que se pratique o rearborizar¹⁰². O *Programa do decrescimento* não é apenas para uma parcela da sociedade, ele é também um dever político. Não há diálogo se não se reconhecem os limites do planeta, bem como os limites das demais vidas nele inseridas. Eis porque é importante ter em conta o *Programa do decrescimento* que pode vir a reorganizar de maneira nova a compreensão da totalidade da vida na Terra.

Todas as formas de terrenos e florestas só deveriam ser usados para fins utilitaristas, se realmente indispensáveis, com extremo cuidado, preocupação e conservação constante. Usar terrenos e florestas de outra maneira é na verdade um ato de violência, por outras palavras, todos os seres humanos possuem um dever de não usar de violência em tudo aquilo que eles fizerem. Hoje já não se trata de os seres humanos escolherem o crescimento moderno racional ou então uma estagnação. Trata-se na verdade de a humanidade escolher qual o caminho adequado para o desenvolvimento, o meio termo aristotélico, entre a busca materialista e o tradicionalismo, resumindo: a humanidade deve encontrar um estilo de vida correto que não venha a comprometer futuramente todas as formas de vida.

¹⁰¹ “Budismo: é uma filosofia ou religião não teísta que abrange diversas tradições, crenças e práticas geralmente baseadas nos ensinamentos de Buda. Engloba escolas como o Teravada, Zen, Terra Pura e o budismo tibetano, se espalhou mais pelo Tibete, China e Japão” (IHU On-Line, 2016, p. 26).

¹⁰² O Instituto Socioambiental (ISA) publicou em 18/01/2017, “O Guia da Muvuca”, documento no qual há uma importante contribuição para o rearborizar atual. Disponível em: <http://us14.campaign-archive2.com/?u=2e9f3527128e6ed6d086fc5b4&id=64400ed51b>. Acesso em 21/01/2017. (nota do autor).

2. O PROGRAMA DECRESCENTISTA PRESENTE NA BIOÉTICA GLOBAL DE POTTER E NA ENCÍCLICA *LAUDATO SI* DO PAPA FRANCISCO

Nesse momento da pesquisa objetiva-se olhar mais de perto como os ideais do *Programa do decrescimento* estão em sintonia com a bioética proposta por Van Rensselaer Potter e com a Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco. Embora as obras estejam afastadas no espaço temporal em torno de 45 anos, ambos os autores, cada um a seu modo tem claro de que todas as coisas se ligam umas às outras: “como seres humanos e sociedades nós parecemos separados, mas teremos de aprender o que significa que em nossas raízes todos nós somos um e fazemos parte do mesmo processo cósmico” (SCHAFER, 2005, p. 11). Não é mera coincidência também que os dois autores deem em seus respectivos escritos uma atenção especial ao pensamento de Teilhard de Chardin (1881-1955).

Potter em sua trajetória de bioeticista engajado, já percebia no seu tempo que “pensadores individuais desde os dias de Ezequiel¹⁰³ e de Isaías¹⁰⁴, tem afirmado que

¹⁰³ Ezequiel: (“Que Deus o faça forte”). Sacerdote e profeta exilado para a Babilônia em 598 a. C. deportado, dedicou-se a tranquilizar seus companheiros, a animar sua fé no exílio e assegurar a presença de Deus no meio de seu povo com uma mensagem viva e clarividente. O livro de Ezequiel. Conjunto de profundos oráculos, ações simbólicas em favor de Israel, visões e perspectivas novas comumente chamadas “Torá de Ezequiel”: vocação (1-3), oráculos contra Israel (4-24), oráculos contra os povos (25-32), oráculos sobre a restauração (33-39), nova organização (40-48). Por sua linguagem nova (apocalíptica) e perspectivas de restauração é considerado o “Pai dos apocalípticos” (Ez 1; 37-39; 40-48) (SÁNCHEZ, 1997, p. 75).

¹⁰⁴ Isaías: (“Deus é salvação). Profeta dos séculos VIII-VII a. C., vizinho da corte de Jerusalém e grande escritor. Chamado o “Cervantes da Bíblia” por sua arte literária e o “Quinto Evangelista” pelos grandiosos oráculos sobre o Messias, registrados no livro que leva seu nome. Livro de Isaías. Por seu tamanho, época de composição de sua primeira parte e riqueza de temas, encabeça a lista de todos os escritos proféticos. Seus temas preferidos são a santidade de Deus, o Messias e a salvação. Supõe-se geralmente que sendo um escrito tão rico, provocou acréscimos de profetas posteriores que se apoiaram no seu renome para intercalar suas próprias obras. Ordinariamente se lhe reconhecem três partes e a seus autores se lhes chama pela ordem: Proto-Isaías, Dêutero-Isaías, Trito-Isaías. a) Proto-Isaías. Contém uma introdução geral aos 66 capítulos de toda a obra, à maneira de resumo (Is 1); oráculos messiânicos (2-12); outros oráculos sobre os povos estrangeiros (13-23); novas promessas e ameaças contra Israel e Judá (28-33); e uma seção histórica sobre a atividade do profeta junto do rei Ezequias (36-39); b) Dêutero-Isaías. Compreende a seção Is 40-55 e está apresentada como um “folheto de consolação” para os deportados à Babilônia, nos quais se destacam os temas da nova criação, do novo êxodo e do Servo de Javé (Is 42, 1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12); c) Trito-Isaías. Compreende Is 56-66. A seção surgiu no século V a.C. e compreende oráculos sobre a salvação estendida a todos os povos. Seções apocalípticas. São os capítulos 34-35 que compreendem o anúncio do juízo divino (aproximadamente do século V a.C. e 24-27 que é uma espécie de texto litúrgico com um quadro de desastres e cataclismos contra os inimigos de Deus (aproximadamente dos séculos IV-III a.C.). Literatura apócrifa. No século II a.C. surgiu o Martírio de Isaías, breve escrito de cinco capítulos em que se dava um esboço hagiográfico sobre o profeta Isaías e servia de consolação às vicissitudes históricas do momento. Outro escrito, A ascensão de Isaías, chamada também Visão de Isaías, contém as visões celestes que o profeta teria tido em seu rapto celeste para o sétimo céu. Foi

a espoliação da terra não é apenas inadequada, mas errada” (POTTER, 2016, p. 19), a relação dos seres humanos desde então tem sido apenas meramente econômica, o que tem se mostrado por vários meios como um grave equívoco. Sua mensagem, num tom que se aproxima do *Programa decrescentista*, pode ser observada na seguinte passagem:

Estamos em grande necessidade de uma ética da terra, uma ética da vida selvagem, uma ética populacional, uma ética do consumo, uma ética urbana, uma ética internacional, [...]. Todos esses problemas, exigem ações fundamentadas em valores e fatos biológicos. Todos envolvem a bioética e a sobrevivência do ecossistema total (POTTER, 2017, p. 23).

Assim como Potter, o texto da *Laudato Si* está imbuído de “evidências de que o Pontífice aceita a mudança ambiental, mudança social, mudança econômica, mudança cultural, mudança política” (PEPPARD, 2015, p. 118), isso bem entendido, mostra que “temos de chegar a um nível de autenticidade e honestidade pública diferente do que é considerado aceitável hoje e nossas políticas públicas nacionais precisam respeitar o mundo inteiro e proteger seu meio ambiente” (SCHAFER, 2005, p. 11).

2.1 O PROGRAMA DO DECRESCIMENTO NA BIOÉTICA GLOBAL DE POTTER

A vida, em sua trajetória não uniforme, demanda diversos cuidados ao longo do tempo¹⁰⁵. É preciso que todos façam variados ajustes em todas as dimensões, pois:

Muitos problemas estão clamando por ser resolvidos e se resolvidos teriam uma grande influência na diminuição da tensão mundial. Listo alguns: 1) Objetivos e métodos educacionais; 2) Relações raciais; 3) Excesso de população; 4) Excesso de consumo; 5) Intolerância religiosa; 6) Conservação dos recursos naturais; 7) Captação de energia solar; 8) Dessalinização da

escrito no século II da era crista por um judeu cristão em linguagem apocalíptica. Ambos os escritos costumam aparecer em um só: Ascensão de Isaías (SÁNCHEZ, 1997, p. 97-98).

¹⁰⁵ “A onda da conscientização ambiental é ainda mais recente, embora ela possa ser parcialmente atribuída ao choque produzido pelo lançamento da bomba atômica em Hiroshima e à descoberta de que a humanidade havia alcançado suficiente poder técnico para destruir eventualmente toda a vida do nosso planeta. Paradoxalmente foi a aterrissagem na lua outro feito técnico e científico grandioso que despertou a reflexão sobre a finitude do que então era denominado espaçonave terra. A opinião pública tornou-se cada vez mais consciente tanto da limitação do capital da natureza quanto dos perigos decorrentes das agressões ao meio ambiente, usado como depósito” (SACHS, 2002, p. 47/48).

água do mar; 9) Libertação de talentos criativos; 10) Reexame do papel da publicidade em nossa sociedade (POTTER, 2016, p. 73).

Os problemas acima elencados por Potter, pode-se dizer estão todos interligados e acabam remetendo a estruturas mais amplas e complexas. Poucos sinais de vida plena existem quando um sistema financeiro não “tem qualquer restrição, [...] quando o consumismo é promovido para vender produtos, explorando as vulnerabilidades psicológicas dos consumidores, ele destrói o planeta, assim como a alma” (MACINTYRE, 2016, p. 55).

No atual cenário mundial, as mais várias formas de vida vêm passando por provações¹⁰⁶, pois, diante da ação humana, “o conhecimento científico tem sido apropriado de forma gananciosa por mentes limitadas e arrogantes, e empregado no desenvolvimento sinistro de tecnologias e engenharias¹⁰⁷ que por absoluta ignorância tornaram-se incapazes de valorizar” (NOBRE, 2016, p. 46), todo o cabedal de sabedoria existente nesse conhecimento. A bioética global de Potter juntamente com o *Programa do decrescimento*, neste sentido endossam que:

Cada pesquisador sincero, inteligente e com mente aberta deve reconhecer a máxima milenar da sabedoria socrática: ‘somente sei que nada sei’. O conhecimento verdadeiro e sem limites internos impõe uma postura sóbria e humilde diante da enormidade da complexidade do mundo e da natureza. Hoje, a ciência mais avançada dá inteiro e detalhado suporte ao saber ancestral de sociedades tribais, que perduraram por milênios. Descer do salto alto da arrogância que fermentou graças ao individualismo permitirá reconhecer essa sabedoria básica de sustentabilidade, preservada no saber indígena (NOBRE, 2016, p. 46).

Como demonstrado, a bioética global de Potter pede uma rearticulação dos saberes, de preferência que eles sejam universais, “nosso mundo está passando por mudanças tão profundas que abalam as bases de nossa civilização como um todo e

¹⁰⁶ “Um número imenso de pessoas em todo o mundo é vítima de várias formas de privação da liberdade. Fomes coletivas continuam a ocorrer em determinadas regiões, negando a milhões a liberdade básica de sobreviver, [...] a subnutrição pode afetar numerosos seres humanos vulneráveis. Além disso, muitas pessoas tem pouco acesso a serviços de saúde, saneamento básico ou água tratada e passam a vida lutando contra uma morbidez desnecessária, [...]. Nos países mais ricos é demasiado comum haver pessoas imensamente desfavorecidas, carentes das oportunidades básicas de acessos a serviços de saúde, educação funcional, emprego remunerado ou segurança econômica e social. Mesmo em países muito ricos, às vezes a longevidade de grupos substanciais não é mais elevada do que em muitas economias mais pobres do chamado Terceiro Mundo” (SEN, 2010, p. 29).

¹⁰⁷ “O paradigma básico do pensamento científico herdeiro de Bacon e Descartes chegou ao fim no que concerne à pretensão de dominar a natureza. Estamos também cada vez mais tendo outros pensamentos sobre a barganha faustiana, a crença ilimitada nas virtudes do progresso técnico”. (SACHS, 2002, p. 49).

parecem levar à construção das bases para um novo padrão civilizatório” (OLIVEIRA, 2008, p. 253). Além disso, nos últimos decênios, as sociedades viram diante de si uma avalanche de “modernização que provocou mudanças substanciais na estrutura básica do processo de produção e nos fez atingir os padrões tecnológicos mais avançados de nossa civilização” (OLIVEIRA, 2008, p. 256). Expressão máxima dessa busca de superação das antigas tradições e cosmovisões é o:

Neoliberalismo, teoria hegemônica nas últimas décadas, vai fazer dessa hegemonia sistêmica imanente à própria dinâmica das sociedades modernas o cerne de sua postura teórica. Sua afirmação central é que o mercado revela-se como o mecanismo único e exclusivo para enfrentar os problemas específicos de uma economia moderna e ele é isso precisamente, como um mecanismo inconsciente e realiza com eficiência o que o ser humano não tem condições de realizar por sua ação consciente (OLIVEIRA, 2008, p. 258).

Com uma considerável caminhada, a bioética global potteriana articulada com outros saberes já vê surgirem sinais que mesclam diferentes resistências a essa situação e que revelam a insatisfação dos seres humanos com o fato de serem reduzidos a peças inconscientes de um sistema autotélico¹⁰⁸. Não sem razão, também fica evidenciado que o *Programa decrescentista* é uma via alternativa, uma visão mais abrangente da vida, um caminho paradigmático, que aliado aos objetivos do desenvolvimento sustentável podem dar novas contribuições ao planeta Terra.

2.1.1 O reavaliar potteriano

Potter em suas investigações bioéticas se dá conta de que não há consciência ambiental sem uma profunda responsabilidade, por outro ângulo, significa que, “decisões tecnológicas não deveriam ser tomadas com base no lucro apenas, mas deveriam ser examinadas em termos de sobrevivência. Este é o lugar em que ecologia e economia devem encontrar um ponto de encontro” (POTTER, 2016, p. 183). Este reavaliar potteriano tem o intuito de nos fazer ver que:

Nós temos hoje os meios não somente de nos destruir diretamente (nós o soubemos depois de 1945), mas de onerar pesadamente o futuro. Também devemos estar atentos ao seguinte: o único caminho que permanece aberto

¹⁰⁸ Que não possui propósito ou finalidade para além de si mesmo, cujo significado existe somente para si mesmo, sem uma necessidade específica (Dicionário On-line de português, acesso em 15/02/2017).

diante de nós tem uma conservação e um progresso ulteriores da consciência, o caminho da unificação (COUTAGNE, 2005, p. 17).

Potter ao que tudo indica, mesmo sem citar a palavra decrescimento em seus trabalhos, assevera que, “deveríamos olhar a terra, o ser humano, as plantas e os animais, o mar e a atmosfera como um sistema ecológico equilibrado” (POTTER, 2016, p. 194). E que portanto, “nós jamais devemos esquecer que nosso saber continua limitado: é preciso, um dia ou outro, passar sob o crivo da fé, em Deus ou no homem, sem todas as garantias e sem as provas que gostaríamos de obter” (ARNOULD, 2005, p. 20).

Reavaliar para Potter é olhar para a sociedade americana de seu tempo e constatar que, “antes de começar a pensar em melhoria na qualidade de vida, temos de atingir um consenso mundial [...] e o abandono da meta da taxa americana de consumo material e de energia como seu ideal” (POTTER, 2016, p. 195). Com esse ideal presente em cada um, “uma compreensão mais completa e rica do humano pode assim emergir abrindo espaço para um agir menos fechado e compartimentado, que uma esforços para que se possa realmente fazer nascer o futuro reconciliado (MORI, 2005, p. 22).

Diante da crise global do crescimento, o *Programa decrescentista* sugere antes de se agir, que cada um pense de modo diferente, ele sugere que “precisamos repensar nossas categorias fundantes, pelo menos aquelas sobre as quais construímos a chamada cultura ocidental” (CORSO, 2016, p. 44). Vislumbrando-se o pensamento frágil da atualidade, vem o apelo para uma maior responsabilidade, o *Programa do decrescimento* é um convite e não uma obrigação, ele nos lembra que a “urgência histórica e humanitária não pode nos deixar esquecer que estamos diante de uma mudança de paradigma” (CORSO, 2016, p. 45).

Também a bioética global de Potter evidencia este repensar sobre o ser humano, bem como o papel da sociedade; assim, o ser humano decrescentista sente que:

É necessária uma nova disciplina para fornecer modelos de estilos de vida para os povos que podem se comunicar uns com os outros, propor e explicar as novas políticas públicas que poderiam fornecer uma ponte para o futuro. A nova disciplina será forjada no calor dos problemas da crise de hoje, todos que exigem algum tipo de mistura entre a biologia básica, as ciências sociais e as humanidades (POTTER, 2016, p. 28).

Nesses dias em que tudo parece de algum modo não colaborar para uma mudança apesar das evidências, não decrescer pode ser um desafio não só para a pessoa singular, mas também para toda a sociedade, a policrise de Edgard Morin¹⁰⁹, é, antes de tudo, uma crise social e o convite ao decrescimento é, na verdade, um esforço humano em se construir um mundo que venha a fazer sentido novamente; um mundo que seja capaz de ficar além dos seus problemas e que venha a indicar novas perspectivas para o amanhã.

O *Programa do decrescimento*, juntamente com a bioética global de Potter, procura auxiliar o ser humano dentro da teia da vida, bem como do seu meio ambiente inteiro. Essas duas correntes, ao se aproximarem uma da outra, procuram “ajudar a repensar o destino comum dos bens, a sociedade globalizada atual corre o risco de perder o mundo porque entre outras coisas perdeu o sentido do bem comum” (CORSO, 2016, p. 47). Então, será preciso superar as formas históricas que o passado legou caso se queira estar ao lado dos novos tempos. A busca por um novo modo de pensar e de viver é um tema que envolve a sociedade civil, o mundo político e a humanidade inteira.

No Brasil constata-se que, “a ideia de progresso está profundamente enraizada na tradição americana¹¹⁰, nós a tomamos como certa¹¹¹. Não apenas nós mas também nossos antepassados acreditavam que o progresso deve ser esperado e que é um objetivo legítimo” (POTTER, 2016, p. 24). Hoje, essa crença tornou-se quase global, existe obsessão pelo progresso, “de uma fé nova no progresso e seus corolários (a técnica), a ciência, o crescimento), e a penetração da mercantilização e, portanto, do dinheiro, em todos os poros da vida social” (LATOUCHE, 2012, p. 04)

¹⁰⁹ “Isto concerne não só às pessoas que nos são contemporâneas, com as quais viajamos juntos na nave terra, como também a todas as gerações futuras (KOTHARI, 1998, apud SACHS, 2002, p. 66). A ecologização do pensamento, proposta por Edgar Morin, exige a expansão dos horizontes geográficos, para englobar todo o planeta, senão o universo e efetivamente refletir sobre o processo de longa duração do processo global de co-evolução de nossa espécie e o planeta em que vivemos” (SACHS, 2002, p. 66).

¹¹⁰ Para este ponto, valemo-nos do estudo de Celso Furtado, “O mito do desenvolvimento econômico”, 2. ed., 1974, Editora Paz e Terra, 117p. (nota do autor).

¹¹¹ “Nas prioridades oficiais americanas é pequeno o comprometimento com o fornecimento de serviços básicos de saúde a todos e parece que muitos milhões de pessoas não dispõem de nenhum tipo de cobertura médica ou seguro saúde nos Estados Unidos. Embora uma proporção considerável dessas pessoas não seguradas possa ter razões volitivas para não fazer esse tipo de seguro, a maioria realmente não tem potencial para ter o seguro saúde devido a circunstâncias econômicas e em alguns casos em razão de problemas de saúde preexistentes que os tornam indesejáveis como clientes para as seguradoras privadas. Na Europa onde a assistência médica é considerada um direito básico do cidadão independentemente de seus recursos ou de doenças preexistentes, uma situação comparável seria, com grande probabilidade, politicamente intolerável” (SEN, 2010, p. 134).

exacerbou ainda mais esse desejo. Esse prostrar-se diante “da riqueza não é novo, ele existe desde os tempos imemoriais, com os bens paleomonetários, ele já existe sob formas arcaicas antes mesmo da invenção da moeda cunhada” (LATOUCHE, 2012, p. 04).

Outro fator questionado pela comunidade internacional hoje tem sido a globalização¹¹² atual. Esta nova forma de ver o mundo estaria levando ao extremo a concorrência dos mercados, com consequências preocupantes para os seres humanos e extra-humanos, seria o utilitarismo¹¹³ levado às suas últimas consequências. Este, em linhas gerais, “prega a ideia de que eu sou o único juiz de meus prazeres e que eu não devo ter escrúpulos em maximizá-los. Por consequência, tudo irá pelo melhor no melhor dos mundos possíveis” (LATOUCHE, 2012, p. 06). Sendo assim, não é errado, então, afirmar que:

Todas as sociedades humanas já dedicaram um culto ao crescimento, mas somente o Ocidente moderno fez disso sua religião. Como explicar esse paradoxo? Antes de tudo, o crescimento designa um fenômeno natural: a transformação dos animais e dos humanos em tamanho, volume ou peso, como a brotação das plantas e das árvores (LATOUCHE, 2012, p. 06).

Um crescimento sem controle, uma ciência sem consciência e a técnica despida de valor tem ajudado, ao longo dos últimos três séculos a economia a se fortalecer no imaginário popular como única força motriz de combate às misérias existenciais, somente isso deveria nos mostrar que “o ambiente natural humano não é ilimitado. A educação deveria ser concebida para ajudar as pessoas a compreender a natureza humana e sua relação com o mundo” (POTTER, 2016, p. 27). Isso representa um ritual de uma religião econômica que prega uma acumulação contínua. Nas entrelinhas do crescimento contínuo estaria presente uma guerra contra a

¹¹² O atual modelo de globalização tem um número grande de opositores, os quais não cabe aqui serem discutidos. Entretanto, para o leitor familiarizar-se com o tema, julga-se importante, ao menos, indicar três autores relevantes sobre a globalização, quais sejam: Zygmunt Bauman, “A riqueza de poucos beneficia todos nós?”, 2015, Editora Zahar, 103); Joseph E. Stiglitz, “A globalização e seus malefícios: a promessa não cumprida de benefícios globais”, 2002, Editora Futura, 327p.; Manfredo Araújo de Oliveira, “Desafios éticos da globalização”, 2008, 3. ed., Editora Paulinas, 333p. (nota do autor).

¹¹³ “Utilitarismo (do inglês. Utilitarianism) Doutrina ética defendida sobretudo por J. Bentham e J. S. Mill. Na definição de Mill, “as ações são boas quando tendem a promover a felicidade, más quando tendem a promover o oposto da felicidade”. As ações, boas ou más, são consideradas assim do ponto de vista de suas consequências, sendo o objetivo de uma boa ação de acordo com os princípios do utilitarismo, promover em maior grau o bem geral. As críticas ao utilitarismo geralmente apontam para a dificuldade de se estabelecer um critério de bem geral para o fato de que essa doutrina aceita o sacrifício de uma minoria em nome do bem geral e para a não consideração das intenções e motivos nos quais a ação se baseia levando em conta apenas seus efeitos e consequências” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 273/274).

natureza, bem como de todos contra todos, dito de um outro modo, “o aspecto subjetivo da monstruosa construção da megamáquina sagrada ocidental¹¹⁴ é a dominação-colonização do imaginário pelo econômico” (LATOUCHE, 2012, p. 08).

2.1.2 O reconceituar potteriano

Crer num futuro melhor é uma aspiração sempre legítima, ainda mais se esse futuro pretendido for melhor que o presente atual e isso de uma forma mais geral, para o maior bem de todos. Potter nos lembra que, “foi estabelecido que a ciência poderia produzir mais e melhor de tudo o que o homem precisava e que o progresso poderia ser equiparado com o crescimento” (POTTER, 2016, p. 29); no entanto as sucessivas crises que tem assolado o planeta nas últimas décadas, tem mostrado que:

É absolutamente necessário interrogar-se sobre o que nós queremos ser. Isso não é fácil, pois não é algo que se regula a golpes de plano econômico, nem mesmo de grandes slogans, do estilo desenvolvimento sustentável. E nós temos tal pavor de nos interrogar sobre a fisionomia que gostaríamos de dar a humanidade de amanhã! Preferimos de tal modo permanecer onde estamos persuadidos de que todos os problemas se resolverão, que tudo voltará a ser como antes. Sinceramente, ainda é possível crer nisso? (ARNOULD, 2009, p. 07-08).

O *Programa do decrescimento*, então, estaria buscando mostrar para a sociedade global de que é preciso uma mudança de sentido para as diferentes formas de vida, pois o que se tem notado, nas últimas décadas é que:

O progresso também é uma divindade ou um ídolo com seu dogma, sua doutrina, seu culto, seus sacrifícios e suas vítimas sobre o altar, seus apóstolos, seus hinos. Ora, como a existência de Deus, o progresso se prova de numerosas formas: é constatado no espetáculo do mundo, é deduzido de seu conceito mesmo, e sua existência observada resulta também de sua essência. Assim, sua existência prova que ele existe como essência, e sua essência é a prova irrefutável de sua existência (LATOUCHE, 2012, p. 08).

Nas últimas décadas, o desenvolvimento tem sido uma crença constante, ou seja, “a verdade do progresso reside na intervenção e na mudança contínua das técnicas, que são o fator privilegiado desse crescimento das forças produtivas, o

¹¹⁴ “Assim em vez de tentar exportar para o Sul o estilo de vida ocidental, as sociedades industriais deveriam reconsiderar o desperdício que caracteriza seus próprios padrões de consumo e de utilização do recursos (SIMONIS, 1990 apud SACHS, 1993, p. 17). Segundo Gamani (COREA, 1991, apud SACHS, 1993, p. 17), para ter credibilidade o Norte deve adotar estilos de vida que possam ser copiados” (SACHS, 1993, p. 17).

desenvolvimento” (LATOUCHE, 2012, p. 08-09). Já em Potter, percebe-se que necessitamos “reexaminar as nossas premissas e procurar por caminhos melhores para alcançar um consenso entre as disciplinas baseado tanto quanto possível na verificação objetiva e monitoramento adequado das tendências na qualidade ambiental” (POTTER, 2016, p. 32). Pode-se constatar que a era moderna tem buscado ofuscar o encantamento de outrora, “ela cria um outro com a ebriedade das ciências, da técnica e do (pseudo) poder ilimitado do homem sobre a natureza. Essa nova mitologia cria mesmo um pseudomundo comum sem a superstição antiga” (LATOUCHE, 2012, p. 09). Tal modo de ver a situação atual, muito se assemelha ao pensamento global potteriano, no sentido que:

A via do decrescimento, sendo um abandono da religião do crescimento, implica a necessidade de uma de-crença. Deve-se abolir a fé na economia, renunciar ao culto do dinheiro, ao ritual do consumo e tornar-se agnósticos do Progresso. Não se trata de recair na ilusão de uma mítica sociedade perfeita de onde o mal teria sido erradicado definitivamente, mas de construir uma sociedade em tensão que afronte suas inevitáveis imperfeições e contradições se dando, ao mesmo tempo, um horizonte de bem comum, mais do que o desencadeamento da ganância (LATOUCHE, 2012, p. 10).

Aqueles projetos de crescimento ao longo do século XX que tiveram apenas um único olhar sobre a realidade acabaram erodindo de modo melancólico, deixando muitas populações desamparadas por isso Potter com propriedade salienta que, “como indivíduos¹¹⁵ não podemos nos permitir deixar nosso destino nas mãos de cientistas, engenheiros, tecnólogos e políticos que se esqueceram ou nunca souberam dessas verdades simples” (POTTER, p. 27-28). Hoje, o mundo precisa de um novo reencantamento, por isso, Serge Latouche afirma que:

A aposta do decrescimento é outra. Não nos tornamos ateus do crescimento, agnósticos do progresso, céticos da religião da economia, para nos convertermos em adoradores da deusa Natureza (mesmo que rebatizada como Pachamama, Gaia, Magna Mater ou Terra), como fomos da deusa Razão ou do Ser Supremo, nos áureos dias da revolução francesa (LATOUCHE, 2012, p. 11).

¹¹⁵ “Dado o caráter finito da espaçonave Terra e a fragilidade da biosfera, exposta à emissão dos gases estufa, o crescimento quantitativo ilimitado da produção material não pode, é obvio, se sustentar eternamente. Se quisermos deter a exaustão irreversível do capital da natureza, tanto como fonte de matérias primas quanto como depósito para os resíduos, o fluxo de energia e de materiais deve ser contido” (SACHS, 1993, p. 22).

Portanto, o *Programa do decrescimento* na sua novidade consiste na “restauração da capacidade de se maravilhar, que a via do decrescimento não é nem uma religião nem uma antirreligião; ela é uma sabedoria. Esse constitui precisamente o desafio da dessacralização do crescimento” (LATOUCHE, 2012, p. 11). A nova sociedade proposta pelo *Programa do decrescimento* tem uma dinâmica de ir além da economia, além do mercado, e do pensamento reducionista que tem feito regredir a solidariedade, o cuidado, a ternura, a amizade e a compaixão pelo outro, pela natureza em geral, o decrescimento convida a sair da esfera do instantâneo que prega que “os deuses têm resposta para tudo; só que eles apresentam a conta, e o sacrifício é o preço a pagar” (LATOUCHE, 2012, p. 12). Muitas dessas questões relatadas têm sido discutidas em diversas deliberações bioéticas atuais, o que se leva a admitir que, da maneira como a economia mundial vem sendo gerida e aplicada, ela produz consequências imediatas, tanto na bioética global, como na vida daqueles¹¹⁶ que estão sob a sua influência.

A bioética global de perspectiva potteriana em seu conjunto pode ser a portadora do anúncio de uma boa nova chamada *Programa do decrescimento*, ou seja, viver de outro modo para viver melhor, no sentido que:

A bioética deveria examinar a natureza do conhecimento humano e suas limitações porque em minha opinião é nesta área que o único resíduo válido do vitalismo tem lugar. A bioética deveria desenvolver uma compreensão realista do conhecimento biológico e de suas limitações com a finalidade de apresentar recomendações no campo das políticas públicas (POTTER, 2016, p. 31).

Essa é essencialmente a definição da sociedade de decrescimento, tal como foi formulada nos anos 1980 por André Gorz¹¹⁷, outro próximo de Ivan Illich” (LATOUCHE, 2012, p. 03). Como já mencionado, Ivan Illich não utilizou a palavra

¹¹⁶ “Julgar o bem-estar de uma pessoa exclusivamente pela métrica da felicidade ou satisfação de desejos tem algumas limitações óbvias. Essas limitações são particularmente prejudiciais no contexto das comparações interpessoais de bem-estar pois o grau de felicidade reflete o que uma pessoa pode esperar e como o trato social se afigura em comparação com essa expectativa. Uma pessoa que teve uma vida de infortúnios, com pouquíssimas oportunidades e quase sem esperança pode conformar-se mais facilmente com as privações do que outras que foram criadas em circunstâncias mais afortunadas e abastadas. A métrica da felicidade pode portanto, distorcer o grau de privação de um modo específico e tendencioso. O mendigo desesperançado, o trabalhador agrícola sem-terra, a dona de casa submissa, o desempregado calejado ou o esgotado *cule* podem todos sentir prazer com pequeninos deleites e conseguir suprimir o sofrimento intenso diante da necessidade de continuar a sobreviver, mas seria eticamente um grande erro atribuir um valor correspondentemente pequeno à perda de bem-estar dessas pessoas em razão de sua estratégia de sobrevivência” (SEN, 1999, p. 61/62).

¹¹⁷ “André Gorz (1923-2007): filósofo austríaco. Escreveu inúmeros livros, vários deles traduzidos para o português” (IHU On-Line, 2017, p. 41).

decrescimento. Entretanto, seus estudos o levaram a crer que o consumismo por ele observado estava ameaçando seriamente o planeta, bem como o futuro das diferentes formas de vida, em especial daquelas formas de vida mais vulneráveis.

Por outro lado, Ivan Illich usa outras expressões que vão de encontro ao que se tem hoje pelo nome decrescimento: “a insustentabilidade do desenvolvimento e de nosso modo de vida, o desvalor e a contraproduktividade, a colonização do imaginário, a autolimitação das necessidades, a convivialidade, a pedagogia das catástrofes” (LATOUCHE, 2012, p. 04).

Assim, como Van Rensselaer Potter afirmou que “as forças da natureza que não podem ser manipuladas pelas demandas de curto alcance dos seres humanos sem que a sociedade incorra em muitas consequências de longo alcance que não podem ser previstas” (POTTER, 2016, p. 35). também Ivan Illich, já na década de 70, mostrou que aquele desenvolvimento e crescimento, que ele percebia, não eram os mais adequados, isto é, os mais salutares. Em resumo: não eram sob diferentes ângulos sustentáveis, pois logo:

Os projetos de crescimento se transformam rapidamente em ruínas e detritos no meio dos quais precisamos aprender a viver. Mudança climática, esgotamento energético, poluição, destruição das diversas formas de imunidade, elevação do nível do mar e a cada ano, milhões de refugiados errantes (LATOUCHE, 2012, p. 05).

As análises decrescentistas¹¹⁸ nas últimas décadas têm ido ao encontro da bioética global potteriana, ou seja, elas têm reiterado que “a generalização do desenvolvimento destrói a pobreza/frugalidade vernácula, arranca as pessoas da cultura tradicional comum e gera necessidades que ele é incapaz de satisfazer” (LATOUCHE, 2012, p. 05), ou ainda o fato de que:

Temos de proceder como se acreditássemos que a solução para os principais problemas humanos não incluisse nada mais do que já não esteja disponível às mentes humanas, mais o ingrediente da humildade [...], que admite a possibilidade de as forças naturais escaparem de nossas tentativas de construir o tipo de utopia que podemos imaginar (POTTER, 2016, p. 37).

¹¹⁸ Destaque nesse ponto para os autores: Tim Jackson, “Prosperidade sem crescimento: vida boa em um planeta finito”, 2013, Editora Planeta, 314p. e Hervé Kempf, “Como os ricos destroem o planeta”, 2010, Editora Globo, 146p.

Com a acelerada difusão dos meios tecnocientíficos¹¹⁹, seria prudente que a atual sociedade contemporânea compreendesse que a “aceleração tão desejada aumentará seu aprisionamento e, uma vez alcançadas, suas reivindicações marcarão o fim de sua liberdade, de seu lazer e de sua independência” (LATOUCHE, 2012, p. 06). Ao contrário, o *Programa do decrescimento* convida a todos a obterem novos níveis de existência, respeitando sua espontaneidade ao mesmo tempo

2.1.3 O reestruturar potteriano

O *Programa do decrescimento* procura mostrar que nosso dever ético é participar e promover esse projeto ainda longe de terminar. Potter, mesmo sem citar explicitamente a palavra decrescimento em seus escritos usa uma linguagem que converge para o *Programa do decrescimento* no sentido que:

Com a ênfase no individualismo dos tempos modernos é uma tentação muito forte fazê-lo sozinho. Mas individualismo é um beco sem saída evolutivo é ético. É somente por meio do caminho de comunhão, de entrar em cooperação com outros, que a evolução avança em direção a algo de mais valor e importância (HAUGT, 2009, p. 15).

Em Potter, constatamos que “o mundo atual é dominado por políticas militares e por uma ênfase exagerada na produção de bens materiais” (POTTER, 2016, p. 52); “nossa espécie gasta mais do que os primeiros cem mil anos de sua existência neste planeta, espalhando-se ou divergindo-se em padrões tribais de existência” (HAUGT, 2009, p. 16). No Brasil, é essa a lógica que tem tido preferência, em especial pelos governantes preocupados com resultados a curto prazo, por isso hoje, tanto a bioética global, quanto os decrescentistas insistem numa reavaliação conjuntural, uma mudança de valores que não seja calcada no consumo excessivo, na depredação sistemática do nicho ecológico e a Terra não sendo vista como um berço de todas as criaturas, esquecendo-se que tudo está ligado a tudo. Assim o *Programa decrescentista* encontra certa similitude nas palavras de Alencastro quando este afirma que “o futuro da humanidade tem de ser incluído nas escolhas presentes. Não

¹¹⁹ “A biotecnologia representa um bom exemplo disso. Trata-se de uma caixa de Pandora, mas para quem? Ainda que as biotecnologias possam revolucionar a produção e a utilização da biomassa para cuja produção existem condições climáticas favoráveis em muitos países do Sul, seus impactos até agora tem sido principalmente negativos. As multinacionais aumentam sua participação no mercado de sementes, enquanto muitos produtos naturais dos países tropicais são eliminados do mercado por substitutos produzidos no Norte” (SACHS, 1993, p. 46).

se tem o direito de escolher ou de arriscar a não-existência de gerações futuras por causa da atual. Há agora, também, um dever para com o que ainda não existe” (ALENCASTRO, 2009, p. 22).

Ao se separar da ética e também dos preceitos bioéticos globais de Potter, quando ele afirma que “não vivemos agora em uma sociedade ideal e que não podemos mudá-la da noite para o dia, devemos concordar que temos de ter tempo para decidir que tipo de sociedade queremos e que etapas temos de percorrer para garanti-la” (POTTER, 2016, p. 62), pois não raro, “a economia¹²⁰ transforma a abundância natural em escassez pela criação artificial da falta e da necessidade através da apropriação da natureza e de sua mercantilização” (LATOUCHE, 2012, p. 07), esgarçam-se, ainda, outros aspectos tão caros aos dias atuais: a convivialidade e a hospitalidade¹²¹ entre todos os seres do planeta. Estes deveriam ser caminhos para que a humanidade, em um espaço de tempo não muito longo, trilhar. Nossa sociedade segundo Potter deveria se reestruturar tendo por base o fato de que os seres humanos e “seu mundo tem uma tendência a desmoronar. Ferramentas se desgastam, redes de pesca precisam de reparo, telhados tem goteira, o ferro enferruja, a madeira apodrece, pessoas amadas adoecem e morrem, parentes brigam e nações fazem guerra” (POTTER, 2016, p. 76). Ela deveria seguir ao lado da vida, usar seus talentos para promover a solidariedade, seria necessário que a humanidade repensasse em que estrada está andando.

Os seres humanos sendo aqueles que criaram a maioria dos problemas hoje existentes são eles, em primeiro lugar, os que deveriam sanar os mesmos, mas, com uma diferença: não usar as mesmas técnicas de antes, e sim com outras menos agressivas, menos poluentes, ou seja, “a ciência pode produzir complicações imprevistas em nossas vidas e pode desafiar nossa tradicional forma de pensar” (POTTER, 2016, p. 79). Esta questão acaba remetendo à ideia do filósofo Hans Jonas, o qual reza que “é necessário dar mais ouvidos à profecia da desgraça do que à profecia da salvação” (JONAS, 2006, p. 77), em outras palavras, tal situação revela

¹²⁰ “É correto afirmar que um contato mais próximo entre ética e economia pode ser benéfico não apenas para a economia mas até mesmo para a ética. Muitos problemas éticos apresentam o que temos denominados aspectos de engenharia e alguns deles na verdade encerram relações econômicas” (SEN, 1999, p. 94).

¹²¹ Sobre a temática “convivialidade e hospitalidade”, o leitor pode consultar a revista IHU online, nº 499, ano XVI, de 19/12/2016, disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao499.pdf>. Acesso em 20/01/2017 (nota do autor).

que, “isso não é pelo gosto masoquista¹²² do apocalipse¹²³, mas para conjurar a política do avestruz¹²⁴, que é sempre uma forma de otimismo suicida” (LATOUCHE, 2012, p. 12), ou ainda, o fato de que “a eliminação de uma forma de vida pode ter consequências inesperadas para outras. O conhecimento de como controlar a vida é um conhecimento perigoso uma vez que é difícil administrá-lo” (POTTER, 2016, p. 83-84). Portanto o reestruturar potteriano em última instância vai nos lembrar nas palavras de Luís Miguel Sebastião, que devemos trilhar um novo caminho no sentido que:

Vivemos num tempo em que a complexidade da sociedade e das organizações humanas pressupõe, por si só, abordagens organizacionais também elas complexas, baseadas na capacidade de cooperação e na partilha de objetivos comuns (SEBASTIÃO, 2009, p. 22).

O grande projeto de Potter é que os seres humanos assumam de modo consciente e coletivamente a sua condição de seres transformadores da realidade para um caminho mais significativo para as diversas formas de existência e que juntos aceitem outras formas de pensar que não somente aquelas formas tradicionais que pouco acrescentaram em termos de consciência e humanidade.

2.1.4 O redistribuir potteriano

Para o *Programa do decrescimento* “a redistribuição diz respeito ao conjunto de elementos do sistema: a terra, os direitos sobre o que é tirado da natureza, o emprego, os rendimentos, as reformas, etc.” (LATOUCHE, 2006, p. 174) e que “a eliminação de uma forma de vida pode ter consequências inesperadas para outras. O conhecimento de como controlar a vida é um conhecimento perigoso uma vez que é

¹²²Este assunto vem sendo estudado de modo particular desde a década de 70 e, para tanto, menciona-se Roberto Vacca e sua obra “A próxima idade média: a degradação do grande sistema”, 1975, Editora Pallas S.A, 163p. (nota do autor).

¹²³ “Apocalipse (“Revelação”). Último escrito do Novo Testamento e de toda a Escritura, no qual se apresentam as vicissitudes da comunidade crista numa mistura de elementos litúrgicos, simbólicos e proféticos e numa linguagem propositadamente obscura e em chave. O livro foi escrito provavelmente pelos anos 90 e 96 durante a perseguição de Domiciano. Esse mesmo nome é usado para qualificar uma linguagem simbólica e profética própria de comunidades em crise, as quais desenvolveram o tema do julgamento divino. Enquanto essas comunidades foram qualificadas como apocalípticas, seu sistema simbólico foi denominado apocalípticismo” (SÁNCHEZ, 1997, p. 25).

¹²⁴ Política de avestruz se refere à tendência de ignorar perigos e problemas óbvios e fingir que eles não existem; a expressão deriva do suposto hábito dos avestruzes enfiarem a cabeça na areia ao invés de enfrentarem o perigo (nota do autor).

difícil administrá-lo” (POTTER, 2016, p. 83-84). Nem os pensadores decrescentistas, nem a comunidade onusiana¹²⁵, idealizadora do programa para o desenvolvimento sustentável, deveriam ser confundidos com os cavaleiros do juízo final¹²⁶, eles apenas têm feito soar o alarme, ou seja, o de que uma tragédia de magnitude extrema possui em seu interior “algo terrível que é o fato de que não só não acreditamos que ela aconteça, embora tenhamos todos os motivos para saber que acontecerá, mas também, quando acontece, é vista como resultante da ordem normal das coisas” (LATOUCHE, 2012, p. 13). Potter como já afirmado anteriormente não elenca sistematicamente o *Programa do decrescimento*, nem mesmo os “Rs” do *Programa do decrescimento*, entretanto deixa entrever laivos do *Programa decrescentista*, como por exemplo, na passagem a seguir que muito se aproxima do redistribuir decrescentista:

Ao procurar sabedoria através do consenso dos grupos interdisciplinares, precisamos examinar todas as antigas ideias pelo método científico e estabelecer um intercâmbio contínuo com novas ideias entre os cientistas e os humanistas. Precisamos desenvolver uma nova geração de estudiosos: pessoas que combinam o conhecimento da nova ciência e a sabedoria antiga, que tem a coragem dos homens do Renascimento que viam a verdade como algo absoluto e atingível (POTTER, 2016, p. 86).

Embora a bioética global de Potter não tenha usado a palavra decrescimento, o debate sobre o atual modelo econômico tem ganhado novos adeptos de diferentes áreas do conhecimento¹²⁷, o que faz com que essas vozes se somem indiretamente àquelas vozes que propõem um *Programa decrescentista*. Afirmar Latouche que:

[...] [devemos] pôr em xeque a sociedade de consumo juntamente com suas bases imaginárias: o progresso, a ciência e a técnica. A conscientização da crise do meio ambiente que se dá ao mesmo tempo traz uma nova dimensão:

¹²⁵ Relativo aos países membros da ONU (nota do autor).

¹²⁶ “De acordo com as concepções de justiça nos tempos e ambientes bíblicos, Deus foi apresentado como rei e juiz da humanidade, cuja atividade se estendia à alternância de prosperidade e desastre do cosmos e à conduta humana que respondia a esses acontecimentos. Ocasionalmente, Deus intervinha diretamente ou ainda através de seus mensageiros e censurava a conduta dos homens. Por último esta censura definitiva foi transportada para o final da história como beneplácito em favor dos eleitos e castigo para os inimigos, à maneira de processo ou audiência que alguns autores adiantaram ao seu presente ou identificaram com acontecimentos de sua época. O evento se coloriu então com sinais prévios e consequências (1 Sm 2, 10; Jl 3) para terminar como sessão judicial em que se selecionavam os bons e se condenavam os maus (Mc 13; Mt 25)” (SÁNCHEZ, 1997, p. 114).

¹²⁷ Menção aos professores Anor Sganzerla, Jelson Roberto de Oliveira, Afonso Murad, Stefano Zamagni, Leonardo Boff, José Roques Junges, Elio Estanislao Gasda (nota do autor).

a sociedade de crescimento não somente não é desejável, mas também não é sustentável (LATOUCHE, 2012, p. 14).

Pelas palavras de Potter podemos enfim admitir que o redistribuir tanto na corrente decrescentista como na bioética global potteriana, “ o objetivo final deveria ser não somente o enriquecimento de vidas individuais, mas o prolongamento da sobrevivência da espécie humana em uma forma aceitável de sociedade” (POTTER, 2016, p. 87). Falando diretamente ao povo americano, mas que serve bem para outras nações como o Brasil por exemplo, Potter salienta que “esta nação precisa controlar seus instintos materialistas e perceber que algumas formas de produção contribuem mais para o progresso nacional e mundial do que outras. Precisamos competir [...] no campo das ideias e não apenas na produção de milho, porcos e mísseis (POTTER, 2016, p. 70). O redistribuir potteriano mostra assim que o nó da questão das reformas reside mais na repartição do conhecimento do que na produção, muitas vezes desmedida e sem objetivos claros como a salvaguarda da vida humana e extra-humana.

2.1.5 O relocalizar potteriano

Uma das questões mais tormentosas da sociedade atual é o grande impacto que novas técnicas se impõem na localização de novas indústrias e conseqüentemente nos postos de trabalho, bem entendido isso significa que “ a velocidade altíssima das mudanças técnicas pede um maior grau de flexibilidade e adaptabilidade por parte dos países em desenvolvimento. Os que não conseguirem essa flexibilidade e essa adaptabilidade irão perder terreno” (STREETEN, 2001, p. 101). A comunidade local acaba definhando em nome de uma cultura alienígena, perdendo suas raízes, seu modo de vida, a sua identidade. Em Potter podemos notar que o relocalizar ocorre no sentido que “cada problema local é um possível laboratório. Soluções prototípicas poderiam ser propostas, testadas e modificadas por pequenos grupos interdisciplinares com respostas adequadas a partir de um eleitorado informado” (POTTER, 2016, p. 179).

Além disso, “desde os fins de 1972 sabemos que existem limites naturais para o progresso, mas ainda assim temos medido o progresso econômico a partir de seu

crescimento quantitativo” (MOLTMANN, 2014, p. 53), esse desejo de sempre produzir em excesso acaba, por sua vez, desembocando em uma outra constatação; a de que:

Em nossos dias a terra tem sido obrigada à fecundidade eterna utilizando-se meios químicos e genéticos. Os desertos crescem. Chegará o tempo de se reconhecer o direito da terra à regeneração. É extrema insensatez destruir suas forças vitais de longo prazo por causa do interesse de obter lucro em curto prazo. A humanidade aprenderá, seja pela inteligência, seja pelas catástrofes (MOLTMANN, 2014, p. 56, *sic*).

Está claro, portanto, “a impossibilidade de um crescimento infinito num mundo finito e a necessidade de fazer uma bioeconomia¹²⁸, isto é, pensar a economia no seio da biosfera” (LATOUCHE, 2012, p. 15). Indo mais além, pode-se afirmar que o *Programa do decrescimento* é um pensar sereno, pois “trata-se de uma proposta necessária para reabrir o espaço da inventividade e da criatividade do imaginário, bloqueado pelo totalitarismo¹²⁹ economicista, desenvolvimentista e progressista” (LATOUCHE, 2012, p. 15). Somando-se a fala de Latouche, Potter vai nos lembrar que “precisamos tentar montar um ataque coordenado sobre esses problemas em casa e aprender com uma diversidade de projetos pilotos como as dificuldades estão entrelaçadas e qual curso de ação pode resolver os problemas concomitantemente” (POTTER, 2016, p. 172).

O *Programa do decrescimento* é uma explanação sobre um projeto alternativo diante de uma realidade concreta de esgotamentos dos recursos naturais indispensáveis à continuidade da vida, do atual modelo de desenvolvimento sustentável, bem como do progresso sem fim. Não é demasiado reafirmar que as ameaças que vêm se repetindo, nas últimas décadas, são, na verdade, frutos de desajustes no passado, uma época que sonhou alto, sem, entretanto, calcularem-se as consequências a longo prazo.

A bioética global de Potter, alinhada juntamente aos objetivos do desenvolvimento sustentável da ONU, ao longo dos anos tem revelado que o leque de preocupações para com o ambiente humano e extra-humano é grande, “sabemos muito bem disso, mas não o percebemos como real. [...] Também sabemos muito bem o que seria preciso fazer: entrar no decrescimento, mas nada fazemos” (LATOUCHE,

¹²⁸ Nome dado à disciplina que se esforça na continuidade de Nicholas Georgescu Roegen por pensar a economia dentro da biosfera, isto é, aberta a lógica dos seres vivos (LATOUCHE, 2006, p. 261).

¹²⁹ “Totalitário. Relativo à totalidade, que engloba todas as coisas. Diz respeito à pretensão de certas doutrinas de explicarem a totalidade do real. Em um sentido político, refere-se à submissão da vida dos cidadãos à autoridade absoluta do Estado” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 268).

2006, p. 01), a rota seguida não tem sido revista, apesar de já haver avanços consideráveis em diversas áreas, neste sentido Potter vai alertar para o fato de que “a fim de avançar para um mundo no qual possamos sobreviver, temos de fazê-lo sem causar nenhuma desvantagem a qualquer indivíduo membro de um grupo minoritário, seja esse grupo étnico ou religioso” (POTTER, 2016, p. 173).

Após 1970, quando a bioética global potteriana surgiu, os seres humanos tinham já entrado num momento de novas esperanças devido às diversas conquistas alcançadas, “entre esses megaprojetos destacam-se o *Manhattan* e o *Apollo*. O primeiro foi direcionado para a energia nuclear e o segundo para a conquista dos espaços siderais”¹³⁰ (MOSER, 2004, p. 19); entretanto, hoje se tem a impressão que esses mesmos seres humanos recuaram em certos pontos; há os riscos de eventos extremos pairando no ar, “a desordem climática vem acompanhada por guerras pelo petróleo que serão seguidas não somente por guerras pela água, mas também por possíveis pandemias e catástrofes biogenéticas previsíveis” (LATOUCHE, 2006, p. 02).

O projeto de crescimento ilimitado dá um grande salto a partir desses três megaprojetos anteriormente citados, sociedade e economia rompem relações com a ética, termina um ciclo que, até então, as relações humanas estavam mais ou menos equilibradas, a natureza não fora violada em demasia e os seres humanos estavam cômnicos de seu papel na natureza, passadas quatro décadas, pode-se declarar que a:

A sociedade de crescimento pode, pois, ser definida como uma sociedade dominada por uma economia de crescimento e que tende a deixar-se absorver por esta. O crescimento pelo crescimento torna-se, assim, o objetivo primordial da vida, senão o único. Tal sociedade não é sustentável porque vai de encontro aos limites da biosfera (LATOUCHE, 2006, p. 03).

Relocalizar a vida, o trabalho, as relações sociais, na perspectiva potteriana significa entre outras coisas que:

Nenhuma vida é produtiva a menos que contribua para o bem-estar dos outros, na família, em um grupo, na comunidade ou no contexto de um país

¹³⁰ O terceiro megaprojeto do século XX é o “Projeto Genoma Humano: As técnicas do Dr. Venter foram utilizadas na esmagadora maioria dos sequenciamentos de genomas realizados em todo o mundo. Em 1998, fundou a mundialmente conhecida *Celera Genomics* para decodificar o genoma humano usando o Sequenciamento *Shotgun*, novos algoritmos matemáticos e novas máquinas automatizadas para sequenciar DNA. Craig Venter é autor de mais de 200 artigos de pesquisa e recebeu inúmeros diplomas honorários e prêmios científicos. (IHU On-line, 2014, p. 11; MOSER, 2004, p. 21).

ou da humanidade. Uma vida produtiva é aquela que envolve um sentido de comprometimento que pode ser cumprido de muitas maneiras, incluindo o compromisso de buscar por princípios que possam ser usados até algum futuro distante (POTTER, 2016, p. 122).

E se quisermos ainda avançar um pouco mais no relocalizar numa perspectiva não bioética mas que muito se aproxima da visão de Potter é o fato que:

As sementes para tal economia podem já existir em empreendimentos locais ou comunitários: projetos de energia em comunidades, mercados de produtores agrícolas locais, cooperativas de slow-food, clubes esportivos, bibliotecas, centros comunitários de saúde e fitness, serviços locais de reparos e manutenção, oficinas de artesanato, centros de escrita, esportes aquáticos, teatro e música comunitários, treinamento e capacitação locais (JACKSON, 2013, p. 149).

Essa perspectiva do relocalizar potteriano encontra guarida atualmente, pelo simples fato que as pessoas na maioria das vezes obtém maior grau de pertença tanto como produtores como de consumidores de tais atividades. É algo que vai radicalmente contra àquelas atividades que vem de fora, que nos são impostas, amplamente materialistas e que muitas vezes negam qualquer tipo de opção de escolha por produtos mais saudáveis e duradouros.

2.1.6 O reduzir potteriano

O *Programa do decrescimento* em linhas gerais tem se mostrado como aquele programa que busca uma tentativa de articular certos níveis de resistência, como por exemplo, “ser mais responsável humanamente, socialmente ou ecologicamente, significa para alguns não ter carro ou telefone celular, não viajar de avião, escolher trabalhar em função estritamente das próprias necessidades” (ARIÈS, 2013, p. 143). Isso porque, segundo Potter “nossa tecnologia procedeu quase com base em único lema: Se isso pode ser feito e vendido com benefícios, vamos fazê-lo, [...]. As consequências do novo conhecimento sempre foram imprevisíveis” (POTTER, 2016, p. 96).

Aquilo que parecia ser bom para todos logo se revelou uma fonte de novas preocupações. Não demorou muito para que se começasse a perceber que o “crescimento desenfreado provoca uma degradação global. As reduções de impactos e de poluição por unidade são sistematicamente aniquiladas pela multiplicação do

número de unidades vendidas e consumidas” (LATOUCHE, 2006, p. 04). Não foram poucos aqueles que acreditaram na ideia de que, em pouco tempo, todos os contratempos surgidos iriam ser resolvidos por novas descobertas científicas.

Em 1996, Yves Coppens, futuro ministro francês do desenvolvimento sustentável e o meio ambiente, pronunciou-se sobre os novos tempos no jornal *Le Monde*:

Devemos parar de pintar um futuro negro! O futuro é esplêndido. A geração por vir vai aprender a decifrar seu código genético, aumentar a eficácia de seu sistema nervoso, fazer os filhos de seus sonhos, dominar a tectônica das placas, programar os climas, passear nas estrelas e colonizar os planetas que ela bem entender. Vai aprender a mover a terra para colocá-la na órbita de um Sol mais jovem. Vai conduzir, não duvidemos disso, a humanidade a uma melhor reflexão, a uma liberdade ainda maior e a uma maior consciência das responsabilidades que acompanham tal liberdade (COPPENS, 1996, *apud* LATOUCHE, 2006, p. 05).

Tal afirmação revela certo desconhecimento de como é a dinâmica do planeta Terra e tudo o que está sobre ele, “ter uma fé cega na ciência e no futuro para resolver os problemas do presente é contrário não só ao Princípio de precaução, mas também simplesmente ao bom senso” (LATOUCHE, 2006, p. 05). Duas décadas após a afirmação de Coppens, o mundo assiste a um jogo de forças desigual entre os diferentes grupos humanos, o planeta se tornado, em razão do crescimento desvirtuado, mais conflituoso; para outros, mais injusto e o bem-estar apenas para alguns afortunados. Potter nesse sentido enfatizará o fato de que “a ciência parece destruir as bases de nosso antigo sistema de valores sem fornecer uma fundamentação adequada para nossa evolução cultural presente e futura” (POTTER, 2016, p. 108).

Sob variados aspectos, tanto o progresso como o desenvolvimento podem ter regredido e, em muitas situações, até estagnaram. A bioética global, apoiada em Potter, encontra, então, muita proximidade com as várias raízes do *Programa do decrescimento*¹³¹. Por isso, ele salienta que:

¹³¹ “Hoje pode-se falar em seis raízes intelectuais do *Programa decrescentista*: a) Ecológica: representada por Federico Demaria; b) Pós-desenvolvimentista e anti-utilitarista: representada por Wolfgang Sachs, Karl Polanyi, Majid Rahema; c) Sentido da vida e bem viver: representada por Henry David Thoreau e Ernst Friedrich Schumacher; d) Bioeconômica: representada por Donella Meadows e Kenneth Boulding; e) Democrática: representada por Cornelius Castoriadis; f) Justiça: representada por Paul Aries”. Disponível em <http://outraspalavras.net/posts/para-compreender-o-decrescimento-sem-preconceitos/> e também na Revista Carta Capital de 05/11/2013. Acesso em 20/01/2017 (nota do autor).

Muitas das ideias enraizadas remanescentes no mundo, não apenas nas ciências, mas em todos os campos, foram originadas de maneira individual por homens que estavam convencidos de que sabiam a verdade [...] e por força da personalidade foram capazes de ganhar dinamismo suficiente para silenciar seus possíveis críticos (POTTER, 2016, p. 31).

Por outras palavras, “o projeto de uma sociedade autônoma e econômica não nasceu ontem, formou-se ao longo da crítica da técnica e do desenvolvimento” (LATOUCHE, 2006, p. 07). O *Programa decrescentista* cimenta-se na alegação de que o desenvolvimento sustentável dará condições sempre adequadas a todos. Eis, então, que falar em desenvolvimento sustentável hoje, requer novos elementos para o debate público. Por isso, o *Programa do decrescimento* pode vir a ser uma via alternativa para ele. As evidências de que o atual modelo de sustentabilidade corre perigo é visível, isso porque “a palavra de ordem decrescimento tem, assim, como principal objeto, marcar fortemente o abandono do objetivo insensato do crescimento pelo crescimento” (LATOUCHE, 2006, p. 08). Em 1981, Jacques Ellul trouxe a lume palavras inspiradoras no sentido que:

Seremos obrigados a fazer perguntas fundamentais: perguntas sobre o sentido da vida e sobre uma nova cultura, sobre uma nova organização que não seja nem restrigente nem anárquica, a abertura de um campo de uma nova criatividade. Não estou sonhando. Isso é possível. [...] O homem precisa interessar-se por algo, e é por falta de interesse que hoje estamos morrendo (ELLUL, 1981, *apud* LATOUCHE, 2006, p. 13).

Tais perguntas não significam um retorno à pré-história; bem ao contrário: a sociedade na busca pelo *Programa do “decrescimento* deveria ser organizada não apenas para preservar o meio ambiente, mas também, e talvez, sobretudo, para restaurar o mínimo de justiça social sem o qual o Planeta é condenado à explosão” (LATOUCHE, 2006, p. 13). A bioética global, ao assumir tal compromisso, deve levar em conta que, “no atual contexto de ordem e desordem assumimos que algum tipo de equilíbrio entre a rotina e a inovação é desejável e que as tarefas deveriam esticar a capacidade do indivíduo em alguns momentos e não em outros (POTTER, 2016, p. 85). Ou ainda, “para aplicar estas políticas de decrescimento, é preciso antes, tanto no Sul quanto no Norte, um verdadeiro tratamento coletivo de desintoxicação. O crescimento, na verdade, foi um vírus perverso e uma droga ao mesmo tempo” (LATOUCHE, 2006, p. 14).

A maior tarefa do *Programa do decrescimento* hoje, talvez, seja aquela de mostrar as mentes mais obstinadas em não querer mudar de caminho, de que, ao se assumir o *Programa do “decrescimento*, não se trata de voltar ao desenvolvimento (redesenvolvimento), tampouco entrar em subdesenvolvimento ou em desdesenvolvimento, mas simplesmente sair do desenvolvimento” (LATOUCHE, 2006, p. 14). Van Rensselaer Potter, em sua trajetória como bioeticista global, teve intuições que, em muito, acabaram se aproximando dos principais pensadores do *Programa decrescentista*, em especial quando ele nos mostra que:

O que antes era orgulho na posse na conquista cedeu lugar a sentimentos mistos e à confusão quanto a se os excedentes locais e em subconsumo em outros lugares podem ser justificados em um mundo cada vez menor, cujas cidades estão superpovoadas e há milhares de desnutridos que choram (POTTER, 2016, p. 70).

Para este bioeticista norte-americano, “poucas pessoas já desenvolveram suas capacidades adaptativas ao máximo e ainda temos muito que aprender sobre os benefícios e os custos da adaptação” (POTTER, 2016, p. 47). A adaptação em diversos níveis, aclamada pela modernidade, em termos, principalmente, de convivência com o progresso, foi seriamente avariada nos últimos tempos. Felicidade¹³², bem-estar pleno, um meio ambiente sadio, sem poluição não entraram nesta agenda adaptativa.

Assim sendo, “estamos assistindo à falência dessa felicidade quantificada e, portanto, ao desmoronamento de um dos pilares imaginários da sociedade ocidental hoje globalizada” (LATOUCHE, 2012, p. 03). O Produto Interno Bruto, que tem medido a felicidade material na maioria dos países, é, hoje, um modelo que não retrata a real situação, pois ele tem sido incapaz de contabilizar os altos custos, mortes

¹³² “Felicidade Interna Bruta (FIB) ou *Gross National Happiness (GNH)*: conceito de desenvolvimento social criado em contrapartida ao Produto Interno Bruto (PIB). O termo foi criado pelo rei do Butão Jigme Singye Wangchuck, em 1972, em resposta a críticas que afirmavam que a economia do seu país crescia miseravelmente. Esta criação assinalou o seu compromisso de construir uma economia adaptada à cultura do país, baseada nos valores espirituais budistas. Assim como diversos outros valores morais, o conceito de Felicidade Interna Bruta é mais facilmente entendido a partir de comparações e exemplos do que definido especificamente. Enquanto os modelos tradicionais de desenvolvimento têm como objetivo primordial o crescimento econômico, o conceito de FIB baseia-se no princípio de que o verdadeiro desenvolvimento de uma sociedade humana surge quando o desenvolvimento espiritual e o desenvolvimento material são simultâneos, assim se complementando e reforçando mutuamente. Os quatro pilares da FIB são a promoção de um desenvolvimento socioeconômico sustentável e igualitário, a preservação e a promoção dos valores culturais, a conservação do meio-ambiente natural e o estabelecimento de uma boa governança” (IHU On-line, 2009, p. 07).

desnecessárias, a devastação ambiental e climática em seu projeto de ir sempre em frente, ou seja, de caminhar sempre em direção a um futuro de mais desenvolvimento. “Sendo assim, depois de dois séculos de crescimento com uma multiplicação colossal da produção, deveríamos então nadar na felicidade. No entanto, não é o que acontece” (LATOUCHE, 2012, p. 05).

Fácil constatar o projeto crescentista criado no Iluminismo¹³³ e da Revolução Francesa, em 1789 e exportado para os Estados Unidos, em 1776, até hoje, tem minimizado as perdas da biodiversidade, sendo que “muitas atividades e recursos que contribuem para o bem-estar não são contabilizadas, simplesmente porque não são comerciais ou por não terem custo monetário direto de produção” (LATOUCHE, 2012, p. 06). A já considerável caminhada da bioética global constata evidências de que, a partir do último quarto do século XX, “a sociedade econômica de crescimento e bem-estar não alcança o objetivo proclamado pela modernidade, aquele da maior felicidade para o maior número” (LATOUCHE, 2012, p. 06), ou ainda o fato que é “cada vez menos legítimo que as retribuições financeiras e de prestígio das atividades humanas socialmente reconhecidas sejam reguladas apenas por um mercado fundado no lucro. Outros sistemas de valor deveriam ser levados em conta” (GUATTARI, 2014, p. 50).

As altas taxas de produção, industrialização maciça e inchaço de consumo, contrastam com uma degradação ambiental jamais vista em qualquer outro período da história humana. Os custos da sociedade crescentista tem superado em grau, gênero e número todas as suas benesses, tudo parecendo ir bem, exceto para uma parcela considerável seres humanos e a natureza extra-humana. Para Potter:

A situação é urgente. [...], alguns aspectos do nosso problema ecológico já podem ter atingido um ponto sem retorno, na medida em que os propósitos humanos estão envolvidos. Precisamos descobrir rapidamente os elos mais fracos em nosso complexo meio ambiente e começar a corrigir nossos erros passados (POTTER, 2016, p. 37).

¹³³ “Iluminismo [*Aufklärung*]: em português, Esclarecimento, ou ainda mais apropriado, Iluminismo: movimento intelectual surgido na segunda metade do século XVIII (o chamado “século das luzes”) que enfatizava a razão e a ciência como formas de explicar o universo. Foi um dos movimentos impulsionadores do capitalismo e da sociedade moderna. Foi um movimento que obteve grande dinâmica nos países protestantes e lenta porém gradual influência nos países católicos. O nome se explica porque os filósofos da época acreditavam estar iluminando as mentes das pessoas. É, de certo modo, um pensamento herdeiro da tradição do Renascimento e do Humanismo por defender a valorização do homem e da Razão. Os iluministas acreditavam que a Razão seria a explicação para todas as coisas no universo, e se contrapõem à fé” (IHU On-Line, 2014, p. 24).

Antes de ser assassinado, Robert Francis Kennedy¹³⁴ fez um discurso que continua atual até mesmo para a bioética global de hoje. Entre outras coisas, ele proferia que:

Nosso PIB inclui também a poluição do ar, a publicidade para os cigarros e as corridas das ambulâncias que recolhem os feridos nas estradas. Inclui a destruição de nossas florestas e a destruição da natureza. Inclui o napalm e o custo do armazenamento dos resíduos radioativos. Em contrapartida, o PIB não leva em conta a saúde de nossos filhos, a qualidade de sua instrução, a alegria de suas brincadeiras, a beleza de nossa poesia ou a solidez de nossos casamentos. Não leva em consideração nossa coragem, nossa integridade, nossa inteligência, nossa sabedoria. Ele calcula tudo, exceto aquilo que faz com que a vida valha a pena ser vivida (RASMUSSEN, 2004, *apud* LATOUCHE, 2012, p. 06).

Frente a esta realidade, na qual se valoriza apenas a produção e o consumo, torna-se importante um caminho oposto tomado por uma Bioética global mínima que se distancie da visão unilateral do sistema econômico vigente, no qual a economia é o centro em torno do qual tudo gira. Por outras palavras isso:

Se explica porque a sociedade dita desenvolvida repousa na produção maciça do declínio, ou seja, da perda de valor e da degradação generalizada, tanto das mercadorias, que a aceleração do descartável transforma em resíduos, como dos homens, excluídos ou dispensados após o uso, desde o presidente e o gerente descartáveis de uma empresa até os desempregados, sem tetos, mendigos e outros resíduos humanos (LATOUCHE, 2012, p. 08).

Nas últimas décadas o aspecto relacional entre os seres humanos e estes com a biosfera se alterou; o diferente e a natureza são vistos como ameaça a integridade do sistema hegemônico dominante. A sociedade sedimentada na competitividade extrema, “produz fatalmente uma massa enorme de perdedores absolutos e relativos, portanto uma massa de frustrados, que convivem com um pequeno grupo de predadores cada vez mais ansiosos para consolidar sua posição ou fortalecê-la” (LATOUCHE, 2012, p. 08). Dito de outra forma, foram necessários apenas “dois séculos de destruição frenética do planeta, graças à boa governança da mão invisível e do interesse individual erigido em divindade, para redescobrir essas verdades elementares” (LATOUCHE, 2012, p. 09).

¹³⁴ Robert Francis Kennedy (1925-1968) foi procurador-geral dos Estados Unidos, de 1961 até 1964 e depois senador pelo estado de Nova Iorque, de 1965 até seu assassinato, em junho de 1968 (nota do autor).

A bioética global e as demais ciências afins têm buscado, cada vez mais, levar o sentido de pertencimento do ser humano a todo o conjunto que o circunda, mais especificamente no sentido que:

Temos de proceder como se acreditássemos que a solução para os principais problemas humanos não incluisse nada mais do que já não esteja disponível às mentes humanas, mais o ingrediente da humildade [...], que admite a possibilidade de as forças naturais escaparem de nossas tentativas de construir o tipo de utopia que podemos imaginar (POTTER, 2016, p. 37).

Assim, estreitar as relações é para a bioética global, um compromisso central que requer comprometimento com a análise das diferentes nuances da realidade, uma vez que “encontrar ou reencontrar a felicidade é uma aspiração mais do que nunca compartilhada. A falência do alcance desse objetivo pela sociedade de crescimento obriga a redefini-lo” (LATOUCHE, 2012, p. 11). Não bastasse isso, também importa agora sair do círculo “da criação ilimitada de necessidades e produtos e da frustração crescente que esse círculo gera, atenuando, de maneira complementar, o egoísmo resultante de um individualismo reduzido a uma massificação uniformizadora” (LATOUCHE, 2012, p. 11).

Por vezes, o *Programa decrescentista* é tido como radical em sua base e, por isso, tem havido resistência em se aderir a ele, pois abdicar do atual sistema implica uma quebra de paradigmas sem precedentes, porém “deveríamos entender o entusiasmo momentâneo por uma nova ideia e não desencorajar sua exposição. Questões que conduzem a novas ideias deveriam ser propostas” (POTTER, 2016, p. 128). Tanto o desenvolvimento sustentável como o *Programa do decrescimento* tem mostrado que, “será preciso estabelecer regras que enquadrem e limitem o desvario da ganância dos agentes: protecionismo ecológico e social, legislação trabalhista, limitação da dimensão das empresas” (LATOUCHE, 2012, p. 13). Ambos os programas trazem, em seu conjunto, a utopia, a revolução mental e educacional, a transição, a reforma. Eis o que subjaz nestes programas aparentemente impossíveis de serem conseguidos, porém, desejáveis devido aos inúmeros problemas que a comunidade planetária assiste.

2.1.7 O reutilizar/reciclar potteriano

Diferente de outros períodos onde a estabilidade parecia estar mais ou menos num equilíbrio considerável e não havia uma agressão sistemática sobre a terra, hoje em certos aspectos a realidade parece fugir do controle, pois “há pouca dúvida de que o motivo do lucro tem acelerado muito a conversão do ambiente natural a um ambiente controlado e ao aumento da complexidade de nossa civilização sem aumentar sua segurança” (POTTER, 2016, p. 203). O planeta Terra necessita de uma nova relação com os seres humanos, e destes com a natureza, isso tem sido particularmente evidenciado por diversos fatores destrutivos do meio ambiente. A natureza poderá viver sem a presença dos seres humanos, mas não o contrário. Hoje viver e conviver de modo diferente¹³⁵ passou a ser uma questão vital, reabilitar os elos perdidos entre as diferentes dimensões pessoal, social e transcendente, “a convivialidade¹³⁶ reintroduz o espírito do dom nas relações sociais, ao lado da lei da selva, restabelecendo assim a *philia* (a amizade) aristotélica, mantendo ao mesmo tempo o espírito da *ágape*¹³⁷ cristã” (LATOUCHE, 2012, p. 14).

Num mundo, onde pululam pequenos conflitos, uma nova forma de solidariedade se faz necessária, um renovado modo de responsabilidade de todos para com todos e, ao mesmo tempo, por toda a biosfera, “a sobrevivência da civilização mundial será impossível se não houver algum acordo sobre um sistema de valores comuns especialmente sobre o conceito de uma obrigação para com as gerações futuras” (POTTER, 2016, p. 205). Dom, graça e gratidão são palavras que foram esquecidas pelo homo oeconomicus¹³⁸. Ao invés de rivalidade, ganância

¹³⁵ Aqui traz-se a contribuição de Marijane Vieira Lisboa e sua obra “Ética e cidadania planetárias na era tecnológica: o caso da proibição da Basiléia”, 2009, Editora Civilização Brasileira, 235p. (nota do autor).

¹³⁶ “A convivialidade, a princípio o fato de viver e sobretudo de comer em conjunto, acabou por designar, na continuidade de Ivan Illich, a capacidade de uma coletividade para desenvolver trocas harmoniosas entre os indivíduos e os grupos que a compõem, bem como para acolher o que lhe é desconhecido” (LATOUCHE, 2006, p. 261).

¹³⁷ “É o amor em perspectiva bíblica e cristã. Vai do afeto à relação mais profunda com Deus e com o próximo e da tolerância ao compromisso mais radical. Aparece como o móvel (a causa) da salvação (Sl 18, 20; Jo 3, 16), ordem (Lv 19, 18), repreensão (Pr 3, 12). É atributo divino (1 Jo 4, 8) e chega a converter-se em epíteto de Cristo e dos crentes (Mt 3, 17; Rm 1, 17; At 15, 25)” (SANCHEZ, 1997, p. 40).

¹³⁸ “*Homo oeconomicus* (ou o homem econômico): é uma ficção, formulada segundo procedimentos científicos do século XIX que aconselhavam a fragmentação do objeto de pesquisa para fins de investigação analítica. Os economistas assumiram que o estudo das ações econômicas do homem poderia ser feito abstraindo-se as outras dimensões culturais do comportamento humano: dimensões morais, éticas, religiosas, políticas, etc., e concentraram seu interesse naquilo que eles identificaram como as duas funções elementares exercidas por todo e qualquer indivíduo: o consumo e a produção” (JUNGES, 2016, p. 49).

desmedida e uma inveja mercadológica planetária, o “*Programa bioético global decrescentista*” busca a convivialidade:

Na sociedade moderna, com efeito, a justiça é necessária e improvável ao mesmo tempo. Necessária para evitar a guerra de todos contra todos que o desaparecimento dos laços tradicionais provocaria. Improvável porque supõe a igualdade, impossível ela mesma, e um mundo comum destruído pela fantasia da liberdade sem limites. É por isso que o espírito do dom e sua graça são necessários a uma sociedade de decrescimento para que seja convival. Uma justiça puramente formal, mesmo quando funciona bem, resolve os conflitos entre os indivíduos, mas enclausura os átomos sociais no deserto de sua solidão sem remediar as situações de miséria material e moral decorrentes, em particular, dos conflitos de classe (LATOUCHE, 2012, p. 14).

Muitas coisas precisam ser reutilizadas e recicladas ao mesmo tempo. O reutilizar/reciclar potteriano pode se assemelhar ao fato de que para Potter, na atual comunidade humana:

Poder-se-iam fazer ensaios sobre a definição de progresso humano, a definição de uma grande sociedade, a eliminação da pobreza, a questão dos objetivos e de suas prioridades, objetivos e métodos educacionais, relações raciais, revitalização religiosa, revitalização política, superpopulação, consumo excessivo, conservação dos recursos naturais, ajuda aos países subdesenvolvidos, liberação de talento criativo, o papel da publicidade e o redesenho das comunidades urbanas [...]. Chegou a hora de estabelecer um fórum em que pontos de vista de todos os lados da comunidade acadêmica possam ser ouvidos pelo que valem em situações específicas e na definição de novos problemas (POTTER, 2016, p. 101).

Lendo-se atentamente a passagem acima, ela nos remeterá a outro pensador, Félix Guattari quando este nos lembra que diante da atual situação, tanto o reutilizar, como o reciclar nos apontam:

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época (GUATTARI, 2014, p. 55).

O reciclar/reutilizar, exige em última medida fazer renúncias, tanto a nível individual como coletivamente, é na verdade uma forma ousada de adaptação, pois não é novidade hoje que:

Os indivíduos repentinamente se tornaram vulneráveis a todo tipo de emergência pública seriamente afetada pela escassez de água, greve dos coletores de lixo, falhas de energia, fortes nevascas, inversão atmosférica ou por produtos químicos deliberadamente difundidos, contaminando seu alimento, ar ou água (POTTER, 2016, p. 178).

Para que a realidade do reciclar/reutilizar possa se tornar realmente efetiva, necessário se faz que a nossa sociedade se cure dos vários tipos de intoxicação a que se expôs nas últimas décadas, “apenas o ser humano tem a capacidade de pensar sobre o futuro e apenas o ser humano tem o poder de tomar medidas para prevenir sua própria extinção” (POTTER, 2016, p. 127).

2.1.8 O rearborizar potteriano

Hoje é consenso quase universal que a natureza extra-humana hoje possui direitos e precisa ser respeitada em sua integridade. Um olhar atento para a “Bioética: ponte para o futuro”, de Potter, não encontrar-se-á nenhuma palavra referente ao rearborizar, questão que já na década de 1970 era preocupante em muitas regiões do planeta. Entretanto na seguinte passagem podemos perceber que tal questão não era estranha a Potter, pois este diz que:

Exigiria uma cultura que respeite os princípios sólidos da ecologia com um ponto de vista de longo alcance. O propósito deve ser viver com a natureza como em um aquário equilibrado, sem suposições sobre a habilidade da ciência futura em resgatar um planeta doente (POTTER, 2016, p. 162).

O atual choque de civilizações¹³⁹ tem levado a bioética global a repensar seu papel em relação ao estágio em que se encontram os seres humanos, bem como a

¹³⁹ Referência a “Samuel Huntington: Cientista social americano, professor na Universidade de Harvard. Publicou, entre outras obras, “O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial”. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. Considerado o ideólogo do neoconservadorismo norte-americano, enxerga a globalização como processo de expansão da cultura ocidental e do sistema capitalista sobre os demais modos de vida e de produção do mundo, que conduziria inevitavelmente a um “choque de civilizações” (IHU On-Line, 2006, p. 37). A mesma expressão “Choque de civilizações” vem expressamente afirmada na Carta Encíclica *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI, de 25/03/1967, nº 10, assim descrita: “Além disso, o choque entre as civilizações tradicionais e as novidades da civilização industrial, quebra as estruturas que não se adaptam às novas condições. O seu quadro, por vezes rígido, era o apoio indispensável da vida pessoal e familiar, e os mais velhos fixam-se nele, enquanto os jovens fogem dele, como de um obstáculo inútil, voltando-se avidamente para novas formas de vida social. O conflito das gerações agrava-se assim com um trágico dilema: ou guardar instituições e crenças atávicas, mas renunciar ao progresso, ou abrir-se às técnicas e civilizações vindas de fora, mas rejeitar, com as tradições do passado, toda a sua riqueza humana. Com efeito, demasiadas vezes cedem os suportes morais, espirituais e religiosos do passado, sem deixarem por isso garantida a inserção no mundo

oportunidade que o *Programa do decrescimento* oferece para se trilhar um novo caminho encontra-se aberto. A grande dificuldade da contemporaneidade é perceber o esgotamento do projeto iluminista que deixou, há muito, de ser o mais viável, a saber, a busca por progresso ilimitado e a confiança absoluta na racionalidade. Ele deixou situações de riscos para muitas gerações, talvez não tenha havido sabedoria suficiente ou uma sólida cooperação conjunta para se admitir que a razão tecnicizada não consegue, por si só, ser a melhor opção para resolver os contratempos existentes. Potter por sua vez, dirá então que “ao melhorar hábitos de vida com uma boa dieta, com exercícios e sem o fumo, deveria ser possível ou prevenir ou retardar significativamente o enorme número de ataques cardíacos fatais que ocorrem atualmente nos homens com idade próxima a 60 anos” (POTTER, 2016, p. 175). A banalidade do mal econômico e seus epígonos têm imposto uma dura carga nos ombros, quer dos seres humanos, quer da natureza. Portanto, vale ressaltar que:

O caminho para o decrescimento é uma abertura, um convite para encontrar outro mundo possível. Esse outro mundo, nós o chamamos de sociedade do decrescimento. O convite vale para viver neste mundo, aqui e agora, e não somente num futuro hipotético que, provavelmente, por mais desejável que seja, jamais conheceremos. Esse outro mundo está também neste mundo. Também está em nós. O caminho é também um olhar, outro olhar lançado sobre este mundo, outro olhar sobre nós mesmos (LATOUCHE, 2012, p. 16).

Importante ainda demonstrar, que o *Programa decrescentista* não é contrário à tecnologia, sua reflexão vai, antes de tudo, endereçada ao fato de que os seres humanos não a têm usado com consciência ou mesmo, sem qualquer referência à reflexão ética, principalmente, como faz notar Hans Jonas em seu Princípio Responsabilidade, ou ainda no fato de que:

Em uma sociedade que tem interferido no ambiente natural em uma escala colossal com conhecimento inadequado [...], há uma mistura de sentimento de culpa, de frustração e defensiva em vários segmentos da população, quando deveria haver uma tentativa unificada para alcançar a sabedoria social que permitirá à humanidade sobreviver e melhorar a qualidade de vida (POTTER, 2016, p. 178).

As diversas crises, econômica, hídrica, energética, ambiental e humana que têm se sucedido, nos últimos tempos, são realidades que dizem respeito diretamente

à bioética global, na perspectiva de que. “se as nações do mundo precisam encontrar uma ponte para o futuro elas terão de perceber que devem se unir para preservar a teia frágil da vida não humana que sustenta a sociedade humana” (POTTER, 2016, p. 206). Em parte, elas são frutos da convivência desarmoniosa e desrespeitosa entre os seres humanos e a natureza, pois não se conserta uma técnica errada com outra que poderá se tornar mais errada amanhã. Portanto, “um conhecimento mais abrangente da natureza e das limitações e todos os tipos de adaptação seria uma adaptação cultural desejável em nossa sociedade”¹⁴⁰ (POTTER, 2016, p. 51), ou ainda o fato de que “devemos manter nosso idealismo e precisamos ser conscientes da imperfeição e desordem que são os componentes naturais do mundo biológico e físico” (POTTER, 2016, p. 207). É necessário se ter coragem e trilhar caminhos novos, nesse sentido a orientação do *Programa do decrescimento*, aliado aos objetivos do desenvolvimento sustentável, bem como a bioética global potteriana, parece ser correta e adequada.

2.2 O PROGRAMA DO DECRESCIMENTO NA ENCÍCLICA *LAUDATO SI* DO PAPA FRANCISCO

2.2.1 O contexto da Encíclica *Laudato Si*

No dia 24 de maio de 2015, o mundo recebeu, do Papa Francisco, um importante instrumento de trabalho, no qual ele analisa os principais problemas que atingem a comunidade internacional hoje, “fundamental é seu discurso com os dados mais seguros das ciências da vida e da Terra” (BOFF, 2016, p. 175). Em seu conjunto, é inegável a contribuição de pensadores do *Programa decrescentista*¹⁴¹, bem como da bioética global¹⁴², texto que como o próprio Papa salienta, dirige-se não apenas aos fiéis católicos, mas a todos.

¹⁴⁰ “As pessoas podem criticar, podem ser cínicas, podem dizer que aquilo que solicitamos é irrealista, mas hoje são obrigadas a falar sobre os problemas dos países em desenvolvimento, sobre pobreza, sobre desigualdade, sobre relações comerciais e sobre fluxos de recursos para os países em desenvolvimento. Atualmente é impossível falar em meio ambiente sem colocar todas essas questões na equação” (STRONG, 1991, apud SACHS, 1993, p. 60).

¹⁴¹ Sugere-se a leitura de “*Laudato Si*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade”. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/114_cadernos_teologiapublica.pdf. Acesso em: 22/01/2017 (nota do autor).

¹⁴² A palavra bioética não está incluída na Encíclica *Laudato Si*; entretanto, os objetivos do desenvolvimento sustentável, tema da Bioética Global atual, estão distribuídos em seu conjunto. Para

Entre os grandes eventos que estão na origem do *Programa decrescentista*, da bioética global de Potter, bem como na encíclica *Laudato Si*, há influências do Clube de Roma, da Carta da Terra de 2000¹⁴³, da Conferência de Estocolmo em 1972 também conhecida como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento¹⁴⁴, a Convenção de Basiléia de 1989¹⁴⁵, a Convenção de Viena¹⁴⁶, o Protocolo de Montreal de 1987¹⁴⁷, a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948¹⁴⁸, a Declaração sobre as Responsabilidades das Gerações Presentes em

isso, consultamos “*Laudato Si* e os objetivos do desenvolvimento sustentável: Uma convergência?”. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/117_cadernosteologiapublica.pdf. Acesso em 22/01/2017 (nota do autor).

¹⁴³ “Carta da Terra: declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século XXI, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Busca inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada, voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança e um chamado à ação. O documento é resultado de uma década de diálogo intercultural, em torno de objetivos comuns e valores compartilhados. O projeto começou como uma iniciativa das Nações Unidas, mas se desenvolveu e finalizou como uma iniciativa global da sociedade civil. Em 2000 a Comissão da Carta da Terra, uma entidade internacional independente, concluiu e divulgou o documento como a carta dos povos” (IHU On-line, 2015, p. 103).

¹⁴⁴ “Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (em inglês *United Nations Conference on the Human Environment*): também conhecida como Conferência de Estocolmo, foi a primeira grande reunião de chefes de estado organizada pelas Nações Unidas – ONU para tratar das questões relacionadas à degradação do meio ambiente, realizada entre os dias 5 a 16 de junho de 1972 na cidade sueca de Estocolmo. A Conferência de Estocolmo é amplamente reconhecida como um marco nas tentativas de melhorar as relações do homem com o Meio Ambiente, e também por ter inaugurado a busca por equilíbrio entre desenvolvimento econômico e redução da degradação ambiental (poluição urbana e rural, desmatamento etc.), que mais tarde evoluiria para a noção de desenvolvimento sustentável” (IHU On-line, 2016, p. 61).

¹⁴⁵ “A Convenção da Basiléia trata sobre o Controle de Movimentos Transfronteiriços de Resíduos Perigos e seu Depósito traz no seu contexto mecanismos de organização dos movimentos transfronteiriços de resíduos sólidos e líquidos perigosos e sua disposição final. Esses resíduos perigosos são materiais que se descartados incorretamente podem colocar em risco a vida dos seres humanos e o meio ambiente. O propósito da convenção é permitir a concessão prévia e explícita de importação e exportação dos resíduos autorizados entre os países que dela participam, tentando evitar o tráfico ilícito e assegurando o descarte final desses resíduos” (Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_%20leitura&artigo_id=9453) (Acesso em 16/02/2017).

¹⁴⁶ “Convenção de Viena: Em 1985, um conjunto de nações reuniu-se na Áustria manifestando preocupação técnica e política quanto aos possíveis impactos que poderiam ser causados com o fenômeno da redução da camada de ozônio. Nesta ocasião foi formalizada a Convenção de Viena para a Proteção da Camada de Ozônio. Em linhas gerais, o texto da Convenção enunciava uma série de princípios relacionados à disposição da comunidade internacional em promover mecanismos de proteção ao ozônio estratosférico, prescrevendo obrigações genéricas que instavam os governos a adotarem medidas jurídico-administrativas apropriadas para evitar tal fenômeno” (IHU On-Line, 2014, p 25).

¹⁴⁷ “O Protocolo de Montreal é o único acordo ambiental multilateral cuja adoção é universal: 197 estados assumiram o compromisso de proteger a camada de ozônio” (Disponível em: <http://www.mma.gov.br/clima/protacao-da-camada-de-ozonio/convencao-de-viena-e-protocolo-de-montreal>) (Acesso em 16/02/2017).

¹⁴⁸ “A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) é um documento marco na história dos direitos humanos. Elaborada por representantes de diferentes origens jurídicas e culturais de todas as regiões do mundo, a Declaração foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de dezembro de 1948, através da Resolução 217 A (III) da Assembleia Geral como uma norma

Relação às Gerações Futuras de 1997¹⁴⁹, o Relatório Brundtland de 1987 sobre o desenvolvimento sustentável e o Protocolo de Kyoto¹⁵⁰. A Encíclica *Laudato Si*, também tem uma forte inspiração em São Francisco de Assis¹⁵¹ e em seu Cântico das criaturas¹⁵².

2.2.2 A Encíclica *Laudato Si* e a bioética global de Potter

A Encíclica *Laudato Si* não contém a palavra bioética. Entretanto, ela conserva em si traços característicos da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos de 2005¹⁵³, ambos são documentos globais, endereçados em primeiro lugar aos seres humanos de todas as partes, fomentam a diversidade, o intercâmbio, o diálogo multidisciplinar, a inovação, bem como novas formas de responsabilidade entre as nações. Os dois documentos supracitados tratam das questões éticas atuais que abarcam a terra inteira.

Os seres humanos e demais seres vivos são particularmente considerados, haja vista a sua constante vulnerabilidade. Isso leva, então, a uma solidariedade mais intensa e consistente entre os povos; os objetivos do desenvolvimento sustentável estão presentes, tanto na Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos de 2005, como na *Laudato Si*, de forma diluída, porém facilmente perceptíveis. Particularmente importante é o Artigo 17 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos referente à proteção do meio ambiente, da biosfera e da

comum a ser alcançada por todos os povos e nações. Ela estabelece, pela primeira vez, a proteção universal dos direitos humanos” (Disponível em: <https://nacoesunidas.org/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>. (Acesso em 16/02/2017).

¹⁴⁹ A íntegra deste documento pode ser acessada no seguinte endereço: <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001108/110827por.pdf>. (Acesso em 16/02/2017).

¹⁵⁰ “Protocolo de Kyoto ou Protocolo de Quioto: consequência de uma série de eventos iniciada com a *Toronto Conference on the Changing Atmosphere*, no Canadá (outubro de 1988), seguida pelo *IPCC’s First Assessment Report em Sundsvall*, Suécia (agosto de 1990) e que culminou com a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (CQNUMC, ou UNFCCC em inglês) na ECO-92, no Rio de Janeiro, Brasil (junho de 1992). Também reforça seções da CQNUMC. Constitui-se no protocolo de um tratado internacional com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa antropogênica do aquecimento global” (IHU On-line, 2015, p. 25-26).

¹⁵¹ São Francisco de Assis (1181-1226): frade católico, fundador da “Ordem dos Frades Menores”, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente (IHU On-line, 2015, p. 97).

¹⁵² Cântico das criaturas: também conhecido como Cântico ao Sol, foi composto por São Francisco de Assis (1181-1226) pouco antes de sua morte (IHU On-line, 2015, p. 87).

¹⁵³ A íntegra deste documento pode ser acessada no seguinte endereço: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001461/146180por.pdf>. (Acesso em 16/02/2017).

biodiversidade, no qual se observa uma forte aproximação também com o *Programa decrescentista*:

Importa tomar na devida conta a interação entre os seres humanos e as outras formas de vida, bem como a importância de um acesso adequado aos recursos biológicos e genéticos e de uma utilização adequada desses recursos, o respeito pelos saberes tradicionais, bem como o papel dos seres humanos na proteção do meio ambiente, da biosfera e da biodiversidade (DUBDH, 2005, Art. 17).

Utilizar de modo justo os recursos naturais também é preocupação constante da Declaração sobre as Responsabilidades das Gerações Presentes em Relação às Gerações Futuras de 1997. O progresso científico e tecnológico não devem sob qualquer pretexto, prejudicar ou comprometer as espécies vivas que habitam o planeta. Usar prudentemente os recursos naturais, buscar um desenvolvimento sustentável equilibrado são significativos de nota e seu Artigo 4º, que trata da preservação da vida na Terra, resumindo a trajetória que deveria ser seguida, além de ter semelhança com a obra jonasiana e decrescentista:

As gerações presentes têm a responsabilidade de transmitir às gerações futuras um planeta que não esteja danificado de forma irreversível pela atividade humana. Cada geração que herdar o planeta Terra temporariamente deve atentar para o uso racional dos recursos naturais e assegurar que a vida não seja prejudicada por modificações prejudiciais aos ecossistemas e que o progresso científico e tecnológico em todos os campos não prejudique a vida na Terra (DRGPRGF, 1997, Art. 4º).

Muitas expressões contidas na *Laudato Si* podem ser aplicadas à bioética global de Potter e dizem muito sobre a situação atual do Brasil¹⁵⁴ (LS 54), os temas recorrentes tanto no *Programa do decrescimento*, quanto na bioética global potteriana, ao longo da explanação da *Laudato Si*, são: vida, vulnerabilidade, responsabilidade, pobreza, valor de cada ser, a interdependência entre todos os habitantes da biosfera, o cuidado, a busca por novos caminhos, limitar o poder humano, sabedoria, o crescimento e progresso infinitos a longo prazo são impossíveis, há outros modelos de progresso a serem seguidos. O atual modelo de desenvolvimento assumido pela grande maioria das nações tem se mostrado insustentável, com a economia dominando o ser humano e o antropocentrismo sendo a marca registrada da atuação

¹⁵⁴ Os interessados podem acessar na íntegra o documento oficial de Aparecida de 2007, disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf. Acesso em 22/01/2017. (nota do autor).

humana no meio ambiente, ambos acabam ocasionando mudanças profundas na vida de todos.

Não há, por parte do Papa Francisco, um desejo de avaliar as opiniões divergentes¹⁵⁵, isso porque quase todas elas já foram refutadas pela comunidade científica internacional e, além disso, os inúmeros eventos extremos também têm ajudado a corroborar a escrita de Francisco¹⁵⁶. Pelo texto pontifício, percebe-se que as consultas¹⁵⁷ feitas nas áreas das ciências climáticas, teológicas, biológicas, econômica, política e filosófica, mostram que:

Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós [...]. Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse dos outros. As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de nova solidariedade universal (LS 14)¹⁵⁸.

Os referenciais do atual desenvolvimento sustentável têm grande valor ainda hoje. Entretanto, eles não têm sido fortes o suficiente para repararem as injustiças e exclusões que pairam no meio social. O atual modelo econômico, na maioria das

¹⁵⁵ Alusão ao artigo “Manifesto Eco Modernista e *Laudato Si*: duas visões da crise ecológica”, de Maurício Waldman, disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao469.pdf>. p. 45-51. Acesso em: 22/01/2017. (nota do autor).

¹⁵⁶ Referência ao “Manifesto Eco Modernista: é um documento lançado em abril de 2015, assinado por 18 personalidades de proa do campo ambiental. O texto contesta muitas teses clássicas do ambientalismo. Em particular, coloca em discussão as percepções presentes no imaginário social a respeito da natureza” (IHU On-line, 2015, p. 47-48).

¹⁵⁷ Referência à: “Pontifícia Academia de Ciências: foi fundada em Roma, em 1603, com o nome de Academia dos Linceus por Frederico Cesi e foi a primeira academia científica do mundo. Galileu Galilei foi um de seus membros. Muitos dos cientistas membros, provenientes de todo o mundo, não são católicos. Promover a pesquisa e examinar questões científicas de interesse da Igreja são objetivos da Academia. A Academia conta com 80 membros, homens e mulheres, de diferentes países, que têm prestado uma contribuição marcante nos seus domínios de atividade científica. São nomeados pelo Papa após terem sido eleitos pelos outros acadêmicos”. (IHU On-Line, 2015, p. 25)

¹⁵⁸ É desconhecido do grande público, que a Encíclica *Laudato Si* foi precedida por um importante encontro entre os dias 02 a 06 de maio de 2014, promovido pela “*Pontifical Academy of Sciences and Pontifical Academy of Social Sciences. Sustainable Humanity Sustainable Nature: Our Responsibility. Vatican City, 2014; A Report by the Working Group Commissioned by the Pontifical Academy of Sciences: Fate of Mountain Glaciers in the Anthropocene. 2011; Pontifical Academy of Sciences. Declaration of Religious Leaders, Political Leaders, Business Leaders, Scientists and Development Practitioners. Vatican City, 2015; P. Dasgupta, V. Ramanathan, P. Raven, M. Sánchez Sorondo, M. Archer, P. J. Crutzen, P. Léna, M. J. Molina, M. Rees, J. Sachs, H. J. Schellnhuber. Climate Change and the Common Good: A Statement of the Problem and the Demand for Transformative Solutions. Vatican City, 2015*” (IHU On-line, 2015, p. 10). A íntegra deste documento está disponível em: <http://www.pas.va/content/dam/accademia/pdf/es41/es41pas-acta19pass.pdf>. Acesso em 22/01/2017 (nota do autor).

vezes, tem mutilado a natureza e causando muitos desequilíbrios ambientais. A policrise acentuada enfaticamente na encíclica *Laudato Si* revela que ela é, em última instância, uma só crise, que é a do ser humano. Este teria perdido seus pontos de referência, deixando-se guiar pela visão utilitarista e consumista, ocasionando uma ruptura conjuntural, que se esqueceu o todo, privilegiou-se as partes, olvidou-se que tudo está ligado a tudo. Do ponto de vista da bioética global, a atual situação apresentada pela encíclica é grave. Entretanto, as soluções para estes problemas existem.

Não menos preocupante tem sido o relacionamento do ser humano com a técnica. Esta direcionou-se numa ditadura tecnocrática, com pretensões ilusórias de, a partir dela, se querer resolver os problemas existentes. A técnica tem afastado o ser humano da biosfera, bem como dos outros seres e também da natureza extra-humana. Sem um retorno para o todo, sem um novo olhar para o mundo relacional, a vida, a educação e com a bioética global, ficará difícil para todos existir a longo prazo. Um olhar ao redor e percebe-se que é preciso uma nova sabedoria, uma motivação inovadora para se viver. O Papa Francisco lança, assim, uma crítica ao modelo econômico e técnico vigentes hoje e lembra a todos da importância de um novo estilo de vida para a sociedade.

2.2.3 O Programa do decrescimento exposto na *Laudato Si*

No documento papal é possível notar que a proposta do *Programa decrescentista* aparece como possível na medida em que Francisco defende a importância de uma mudança no “estilo de vida e comportamento, que permite desde já um modo de vida alternativo, mais natural e mais humano sem necessitar do acontecimento revolucionário para ser posto em prática” (NETO, 2016, p. 17). O modo de apresentar a *Laudato Si* também se insere, na perspectiva da bioética global potteriana e do *Programa do decrescimento*, os quais buscam uma inovadora maneira de se viver e um novo relacionamento com a realidade. Portanto:

A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades

insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contato com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece (LS 223).

Diante das situações conflitantes que atingem a natureza, “num mundo que perdeu suas referências éticas não apenas para o discernimento entre o certo e o errado, mas também para a busca de uma felicidade real” (NETO, 2016, p. 20), o *Programa decrescentista* é uma alternativa frente aos ideais tecnocratas e mais: ele ajuda a compreender a visão reducionista que o Iluminismo forjou sobre a natureza. Além disso, “está na hora de formar alianças, encontrar terreno comum e agir juntos como humanidade, mas também de assumir responsabilidade individual e mudar o que está em nosso poder mudar” (SCHELLNHUBER, 2015, p. 10).

O século XX presenciou um grande desenvolvimento humano e tecnológico, mas apenas uma minoria tirou proveito, enquanto a grande maioria pouco ou quase nada usufruiu, mostrando, assim, o quão desigual é este desenvolvimento preconizado hoje de maneira exacerbada. Nesse sentido:

Nós já não só violamos as fronteiras morais de nossa sociedade civil global, mas também estamos deixando o espaço operacional seguro de nosso planeta ao ultrapassar barreiras de segurança planetárias. A continuação dessa trajetória de desenvolvimento não trará prosperidade para todos, mas poderá terminar em desastre para a maioria (SCHELLNHUBER, 2015, p. 11).

Portanto, a *Laudato Si*, no seu conjunto, salienta que “toda a humanidade depende, em última análise, do mesmo paraquedas, independentemente dos benefícios de curto prazo temporários para um punhado de pessoas” (SCHELLNHUBER, 2015, p. 14), seria de bom alvitre pensar numa nova criação de “destruição criativa, instigando uma nova revolução industrial integral que traria enormes oportunidades [...], possivelmente também para as pessoas que até agora não participaram do progresso humano” (SCHELLNHUBER, 2015, p. 14). A encíclica sobre a nossa Casa Comum dá relevância à continuidade das condições de “vida decente para todos no planeta, ela constata que somente a acumulação do lucro não possibilita reunir essas condições, e dá prioridade às condições de vida para todos” (GIRAUD, 2015, p. 41), “ao invés da economia ser inserida nas relações sociais, como foi o caso em todas as sociedades que precederam nossa época moderna, são as

relações sociais que estão inseridas no sistema econômico” (ROUSTANG, 2005, p. 06).

No dia 09 de julho de 2015, em *Santa Cruz de La Sierra*, Bolívia, Francisco declarou que “alegar que o lucro privado e a concorrência vão garantir a prosperidade e, em particular, garantir condições de vida digna para todos num planeta que é finito é uma mentira” (FRANCISCO, apud GIRAUD, 2015, p. 41). Os mercados não são plenamente eficazes, se o contrário fosse verdadeiro não existiria desigualdade entre as nações¹⁵⁹. Assim é forte a sensação de que “o mercado se separou das demais instituições sociais, pretendendo-se auto-regulável na esteira de uma esfera econômica autônoma com intenção de dominar a sociedade” (GARLIPP, 2005, p. 07, sic).

A vida vem sendo envolvida pelo paradigma tecnocrático, sendo esse um dos dilemas colocado à disposição dos seres humanos. Em diversas vezes, o sumo pontífice busca:

Denunciar a ilusão de que a técnica nos salvará do desastre climático e ecológico. Alguns recusam, de fato, considerar a mudança radical de modo de vida a que precisamos consentir, explicando que conseguiremos, mais cedo ou mais tarde, encontrar um aparato técnico para o desafio ecológico (GIRAUD, 2015, p. 41).

Aos defensores dessa concepção quase mágica colocada sob os ombros da técnica, é saudável manter o equilíbrio e parar com a fantasia de “que uma alga patenteada pelo *Massachusetts Institute of Technology, MIT*¹⁶⁰ vá conseguir digerir o carbono que lançamos na atmosfera, reconheçamos que precisamos mudar de estilo de vida” (GIRAUD, 2015, p. 41) ou ainda querer se valer do “preconceito economista inteiramente materialista que afirma que reunindo uma quantidade ilimitada de bens materiais, todos os problemas humanos poderiam ser resolvidos” (ROUSTANG, 2005, p. 13).

O atual modelo econômico tem mostrado que ele não cumpriu muitas de suas promessas, principalmente “em seu programa epistemológico que consiste em excluir a justiça social do campo da economia. Na realidade, tornou-se um puro instrumento ideológico de defesa dos interesses dos mais ricos” (GIRAUD, 2015, p. 41). Nos dias

¹⁵⁹ Uma das referências de Francisco em relação aos mercados é Karl Polanyi e sua obra “A grande transformação: as origens de nossa época”, 2ª. ed., Editora Elsevier, 2012, 327p. (nota do autor).

¹⁶⁰ Universidade privada localizada em Cambridge, Massachusetts (EUA). Foi fundada em 1861 (nota do autor).

atuais, o “crescimento econômico readquiriu um valor absoluto, não levando em consideração os custos que ele descarrega sobre o ambiente social e natural” (CANGIANI, 2005, p. 13).

Com a apropriação indébita dos bens naturais pelos detentores do mercado, surgiram novas desigualdades. Isso vem demonstrado ao longo da encíclica de que na ideologia econômica preponderante está implícita a:

Ideia de que o crescimento da produção é uma coisa boa em si. É neste aspecto que ela adere à quimera de uma salvação pela técnica. Existe uma convivência muito forte entre o produtivismo, o culto da técnica, a concorrência como modo de relação universal e a ideologia neoclássica (GIRAUD, 2015, p. 41).

Por essas razões, é que “essa acumulação de riqueza os leva a adotar modos de vida predadores em relação ao planeta, logo, em relação às gerações vindouras” (GIRAUD, 2015, p. 42), é conveniente raciocinar noutros termos, ter a percepção de que o mercado possui um “caráter antinatural do processo de mercantilização das condições de vida da sociedade e do indivíduo” (BELLUZZO, 2005, p. 24). Além disso, “é preciso entender que o progresso humano não pode ser medido pela técnica, tampouco pelo lucro. Mede-se, sobretudo, pela qualidade das relações sociais que tecemos entre nós” (GIRAUD, 2015, p. 43), dever-se-ia viver bem, e não melhor.

Pelas razões acima descritas, leva-se a pensar na proposta de que outro sistema de vida pode brotar na sociedade hodierna. Não é por acaso que a *Laudato Si* evoca a urgência “de os países do Norte aceitarem certo *decrescimento*. É preciso romper com o produtivismo, a loucura da concorrência de todos contra todos, do crescimento do PIB a qualquer custo” (GIRAUD, 2015, p. 43). Saber se contentar é uma riqueza, não se está, em hipótese alguma, abdicando do ter, apenas não se deve dar ao dinheiro uma importância além do que ele realmente merece.

A Encíclica *Laudato Si*, priorizando a vida, insiste que ela seja pautada por outro tipo de racionalidade, aquela que vai contra o ideal tecnocrático dominante, ou seja, é a que prioriza o cuidado, a solidariedade, a atenção, o não desperdício, a proteção dos mais vulneráveis, um meio ambiente saudável e que as cidades sejam inclusivas, e que estas busquem reduzir as suas desigualdades¹⁶¹. Faz-se mister derrubar a

¹⁶¹ Francisco tem em mente outro personagem fundamental em sua reflexão, ou seja, “São Francisco de Assis (1181-1226): frade católico, fundador da “Ordem dos Frades Menores”, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente” (IHU On-line, 2015, p. 97).

racionalidade que a economia impôs, essa, por sua vez, “é uma racionalidade mortífera, de uma humanidade que não crê mais em seu futuro e cujas elites tentam se apropriar do máximo de riquezas possíveis para salvar sua pele quando o Titanic afundar” (GIRAUD, 2015, p. 44).

Há no *Programa decrescentista*, como na bioética global potteriana, uma defesa pelo aumento das atividades que venham a defender a saúde global e a diminuição daquelas que prejudicam a mesma, o *Programa do decrescimento* e a bioética global não negam em absoluto os objetivos do desenvolvimento sustentável e as suas estratégias de reciclagem, diversificação de matrizes energéticas e ecoeficientismo. Essas são essenciais e devem ser estimuladas. Entretanto, eles não as veem como únicas soluções possíveis, pois os mesmos ampliam as possibilidades sob múltiplas perspectivas. Por isso, há de se fazer uma moratória, uma reavaliação para ver quais inovações é preciso prosseguir e quais aquelas que não possuem grande interesse para a sociedade.

De bom alvitre, é bom ter em mente que o atual desenvolvimento não pode ser somente medido pelo crescimento constante do PIB (Produto Interno Bruto), porque este tipo de crescimento não tem significado para uma parcela considerável da sociedade a felicidade plena das pessoas e não seria exagero afirmar “que o capitalismo, como forma desenvolvida da economia mercantil, vai soçobrar diante das reações inevitáveis da sociedade, que se recusa a suportar as consequências da dinâmica auto-referencial e totalitária” (BELLUZZO, 2005, p. 25, sic), Potter enfatiza seu pensamento sobre o PIB, salientando que “uma das coisas que não são parâmetros de sobrevivência é o Produto Nacional Bruto, o PIB, que é altamente enganoso apenas porque ele é o produto bruto” (POTTER, 2016, p. 205).

A Encíclica *Laudato Si* não é um manual de bioética. Entretanto, ela contém diversos elementos que a ligam diretamente com a bioética global de Potter; o seu itinerário está descrito no parágrafo 15, no qual reforça os aspectos da atual crise ecológica, bem como assume os melhores frutos da pesquisa científica. Ela chega às raízes da situação atual, elenca seus sintomas e causas mais profundas e que a mudança proposta necessita de motivações e de educação. Isso reforça a tendência de Francisco em ouvir vozes de outros segmentos da sociedade atual. Seu âmago consiste em fazer as seguintes indagações:

Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão crescendo? [...]. Quando nos interrogamos acerca do mundo que queremos deixar, referimo-nos sobretudo à sua orientação geral, ao seu sentido, aos seus valores. [...] Com que finalidade passamos por este mundo? Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra? Por isso, já não basta dizer que devemos preocupar-nos com as gerações futuras; exige-se ter consciência de que é a nossa própria dignidade que está em jogo. Somos nós os primeiros interessados em deixar um planeta habitável para a humanidade que nos vai suceder. Trata-se de um drama para nós mesmos, porque isto chama em causa o significado da nossa passagem por esta terra (LS 160).

Há uma análise acerca das conquistas positivas por meio da tecnologia como, por exemplo, na área da medicina. Isso tem contribuído para a melhoria de vida em muitas partes do globo, mas também, o Papa dirige sua crítica aos ideais tecnocráticos que acabam conduzindo à sociedade a querer resolver todos os problemas da humanidade (LS 108). Sob o ponto de vista da bioética global potteriana, a *Laudato Si* conflui na direção de muitos eixos temáticos, os quais formam um todo integral e que dizem respeito à realidade da atual bioética global. Entre eles destacam-se:

A relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, [...] a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida (LS 16).

É notória a visão crítica e atual de Francisco. Ele “elencas em defesa das teses arroladas no texto ampla coleção de dados científicos, respaldados em laudos e levantamentos técnicos cuja finalidade última, ao serem evocados é subsidiar” (WALDMAN, 2015, p. 47), uma profunda visão unitária da vida em suas diferentes formas. Não poupa advertências ao modo de vida ocidental, pois este, no mais das vezes, é referido como um:

Antropocentrismo despótico, desinteressado das outras criaturas, também referendado como antropocentrismo desordenado, predisposto ao uso desordenado das coisas e ademais, um antropocentrismo moderno, preocupado em colocar a razão técnica acima da realidade, motivando um estilo de vida desordenado (WALDMAN, 2015, p. 47).

O texto “bioético global decrescentista” de Francisco faz afirmação da vida, o ser faz parte de um projeto maior e se bem orientado, acabará por se traduzir em uma boa obra para “as amplas maiorias na hipótese de um sentido ético mais profundo ser

emprestado ao conhecimento científico, direcionando em favor da sociedade humana e dos ciclos naturais” (WALDMAN, 2015, p. 48). Pensar o desafio da crise ambiental é também, um ponto essencial na *Laudato Si*, o que fica claro em suas entrelinhas:

É uma mudança de direcionamento da sociedade contemporânea, uma alteração do horizonte de expectativas. Questiona práticas que tem determinadamente pavimentado o caminho rumo ao colapso ambiental generalizado. O documento faz uma crítica sem meias palavras ao *modern lifestyle*¹⁶². Portanto, aponta para a necessidade de alterar as prioridades (WALDMAN, 2015, p. 49).

Ajustes são bem-vindos. Por isso, a *Laudato Si*, na sua globalidade, “corroborava influente corrente de opinião preocupada em determinar responsabilidades e metas que visem deter os processos de destruição da biosfera” (WALDMANN, 2015, p. 50). Não é por acaso que as palavras mais usadas pelos autores do *Programa decrescentista* são citadas em diversas ocasiões na encíclica. Entre elas, destacam-se: a responsabilidade (LS 16, 25), reciclagem (LS 22, 180, 191, 192), repensar (LS 50, 189), reutilizar (22, 191), limitar (LS 11, 52), reduzir (LS 26, 171, 180, 191, 211), mudar (LS 09, 209), buscar um estilo de vida alternativo (LS 50, 202, 206, 208), a simplicidade e a sobriedade¹⁶³ (LS 222, 223, 224), as gerações futuras (22, 53, 67). Tudo, porque:

A Modernidade¹⁶⁴ configura uma civilização diferente de todas as demais que a antecederam. Em especial por singularidades como a de ser única quanto à ferocidade que demonstra em se apropriar do meio natural, dada devastação e fome insaciável por recursos e aptidão em multiplicar a exclusão social (WALDMAN, 2015, p. 51).

O *Programa do decrescimento* “global bioético”, juntamente com o desenvolvimento sustentável presente em Francisco, mostra um questionamento frente aos consumismos (LS 27, 34, 230), a tecnocracia (LS 194, 199, 200), ao antropocentrismo (LS 06, 08, 14, 69, 70, 122), a ciência (131-136) e ao mercado (LS 32, 51, 82, 109, 123). Estes, em conjunto, quando não usados com consciência acabam colocando o ser humano como um expropriador da Terra, e não mais como

¹⁶² Um estilo de vida moderno, numa tradução livre (nota do autor).

¹⁶³ Conferir Paul Ariès: “A simplicidade voluntária contra o mito da abundância”, em especial a 5ª parte, capítulo 14, “Oito razões para escolher a simplicidade”, 2010, Editora Loyola, 191p. (nota do autor).

¹⁶⁴ “Movimento cultural, iniciado no século XVIII que deu origem à mentalidade atual centrada no indivíduo e na autonomia, que serviram de base para o surgimento da sociedade democrática e da civilização urbano-industrial” (JUNGES, 2010, p. 138).

um amigo desta. O pensamento jonasiano (LS 116, 186) também presente na *Laudato Si* e no *Programa decrescentista* (LS 57, 59, 78, 102, 103, 104, 105, 106, 116, 128, 185, 187), alerta para que todos pensem em saídas. Uma mudança de hábitos é premente, pois os atuais níveis de degradação foram e são frutos, em sua grande maioria, das ações dos seres humanos.

Neste ponto, importa ressaltar, o que já foi reiterado em outras ocasiões, o fato de que muitos tópicos desenvolvidos por Francisco estão em consonância com o *Programa decrescentista*, também com os objetivos do desenvolvimento sustentável onusiano e a bioética global de Potter. Devido à complexidade dos temas, Francisco, procurando dar voz e vez a diferentes pensamentos, muda o vocabulário decrescentista em várias ocasiões, sem, no entanto, alterar seu conteúdo.

Assim, é forte o apelo para a limitação do poder humano, além dos parágrafos 78, 130 e 221, o texto de Francisco refere-se a este limite na seguinte ocasião. Ei-la:

Tende-se a crer que toda a aquisição de poder seja simplesmente progresso, aumento de segurança, de utilidade, de bem-estar, [...]. A verdade é que o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder, porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência. Cada época tende a desenvolver uma reduzida autoconsciência dos próprios limites. Por isso, é possível que hoje a humanidade não se dê conta da seriedade dos desafios que se lhe apresentam, e cresce continuamente a possibilidade de o homem fazer mau uso do seu poder quando não existem normas de liberdade, mas apenas pretensas necessidades de utilidade e segurança [...]. Neste sentido, ele está nu e exposto frente ao seu próprio poder que continua a crescer, sem ter os instrumentos para o controlar. Talvez disponha de mecanismos superficiais, mas podemos afirmar que carece de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contenham dentro dum lúcido domínio de si (LS 105).

Outro ponto importante é o fato de Francisco perceber a ambiguidade em certos movimentos que fazem tudo para defender todas as formas de vida, exceto a humana¹⁶⁵. Tais movimentos hoje em voga apelam para que não haja limites na ciência, isso posto:

Muitas vezes justifica-se que se ultrapassem todos os limites, quando se faz experiências com embriões humanos vivos. Esquece-se que o valor inalienável do ser humano é independente do seu grau de desenvolvimento. Aliás, quando a técnica ignora os grandes princípios éticos, acaba por

¹⁶⁵ Mais adiante dedicaremos um espaço a essa controvérsia entre Francisco e Potter (nota do autor).

considerar legítima qualquer prática. Como vimos [...], a técnica separada da ética dificilmente será capaz de autolimitar o seu poder (LS 136).

Ao se ultrapassarem os limites, as consequências podem ser imprevisíveis. Por isso, ver apenas o seu ponto de vista sem ter o todo a sua frente fica difícil sair situação atual, então:

Sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. Sem tal capacidade, não se reconhece às outras criaturas o seu valor, não se sente interesse em cuidar de algo para os outros, não se consegue impor limites para evitar o sofrimento ou a degradação do que nos rodeia [...]. Quando somos capazes de superar o individualismo, pode-se realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e torna-se possível uma mudança relevante na sociedade (LS 208).

Outros limites também se fazem necessários nesse atual contexto, de modo mais enfático, esse limite é claramente assinalado nos seguintes parágrafos:

É bem conhecida a impossibilidade de sustentar o nível atual de consumo dos países mais desenvolvidos e dos sectores mais ricos da sociedade, onde o hábito de desperdiçar e jogar fora atinge níveis inauditos. Já se ultrapassaram certos limites máximos de exploração do planeta, sem termos resolvido o problema da pobreza (LS 27).

Os sinais de esgotamento estão em toda parte, não somente a natureza mostra isso, o ser humano também dá sinais de cansaço, a ação humana nos últimos três séculos, pode ser considerada preocupante. Entretanto, isso é porque, entre tantas coisas:

O problema é que não dispomos ainda da cultura necessária para enfrentar esta crise e há necessidade de construir lideranças que tracem caminhos, procurando dar resposta às necessidades das gerações atuais, todos incluídos, sem prejudicar as gerações futuras. Torna-se indispensável criar um sistema normativo que inclua limites invioláveis e assegure a proteção dos ecossistemas, antes que as novas formas de poder derivadas do paradigma tecno-econômico acabem por arrasá-los não só com a política, mas também com a liberdade e a justiça (LS 53).

Quando o ser humano utiliza inadequadamente suas potencialidades, pode ocasionar acidentes de magnitudes elevadas, o Estado precisa estar atento, mostrar a sua autoridade, a esse Estado caberia em muitas ocasiões colocar um limite saudável, isso porque:

Os limites que uma sociedade sã, madura e soberana deve impor têm a ver com previsão e precaução, regulamentações adequadas, vigilância sobre a aplicação das normas, contraste da corrupção, ações de controle operacional sobre o aparecimento de efeitos não desejados dos processos de produção, e oportuna intervenção perante riscos incertos ou potenciais (LS 177).

Pode-se constatar, na passagem seguinte, a relação entre o arcabouço teórico da encíclica e as ideias do *Programa decrescentista*:

A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. [...]. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece (LS 223).

A crítica do sonho prometeico, bem como o forte antropocentrismo que marca o momento presente, apresenta-se em autores decrescentistas, no Princípio Responsabilidade de Hans Jonas, na bioética global potteriana e também é desenvolvida por parte do Papa Francisco. Afirmo o autor:

Nos tempos modernos, verificou-se um notável excesso antropocêntrico, [...]. Por isso, chegou a hora de prestar novamente atenção à realidade com os limites que a mesma impõe e que, por sua vez, constituem a possibilidade dum desenvolvimento humano e social mais saudável e fecundo. [...]. Muitas vezes foi transmitido um sonho prometeico de domínio sobre o mundo, que provocou a impressão de que o cuidado da natureza fosse atividade de fracos. Mas a interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável (LS 116, sic).

Decorrente do sonho prometeico¹⁶⁶ é marcante na encíclica uma forte crítica àqueles que afirmam o ideal do progresso infinito, em especial aqueles que levaram adiante a ideia de desenvolvimento sustentável. Tal progresso é desmascarado pela realidade circundante em mais de uma ocasião:

[...] agora, o que interessa é extrair o máximo possível das coisas por imposição da mão humana, que tende a ignorar ou esquecer a realidade

¹⁶⁶ Aqui faz-se alusão a Antonio Scurati e seu artigo “O imponderável que acaba com a modernidade”. disponível em: <http://www.lastampa.it/2017/01/20/cultura/opinioni/editoriali/limponderabile-che-azzera-la-modernit-kKHw7GCGPuvR307V2mwONJ/pagina.html>. Acesso em 23/01/2017 (nota do autor).

própria do que tem à sua frente. Por isso, o ser humano e as coisas deixaram de se dar amigavelmente a mão, tornando-se contendentes. Daqui passa-se facilmente à ideia dum crescimento infinito ou ilimitado, que tanto entusiasmou os economistas, os teóricos da finança e da tecnologia. Isto supõe a mentira da disponibilidade infinita dos bens do planeta, que leva a espremê-lo até ao limite e para além do mesmo. Trata-se do falso pressuposto de que existe uma quantidade ilimitada de energia e de recursos a serem utilizados, que a sua regeneração é possível de imediato e que os efeitos negativos das manipulações da ordem natural podem ser facilmente absorvidos (LS 106).

O desenvolvimento sustentável não rompe com a crença no mercado e na tecnologia. A vida continua sendo subjugada e avaliada por uma única instância, a saber, o modelo econômico. Daí uma crítica que muito se alinha ao *Programa decrescentista* que, entre outros ditames, afirma que:

A economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano. A finança sufoca a economia real. Não se aprendeu a lição da crise financeira mundial [...]. Nalguns círculos, defende-se que a economia atual e a tecnologia resolverão todos os problemas ambientais, do mesmo modo que se afirma com linguagens não académicas, que os problemas da fome e da miséria no mundo serão resolvidos simplesmente com o crescimento do mercado. [...]. Aqueles que não o afirmam em palavras defendem-no com os factos, quando parece não preocupar-se com o justo nível da produção, uma melhor distribuição da riqueza, um cuidado responsável do meio ambiente ou os direitos das gerações futuras. Com os seus comportamentos, afirmam que é suficiente o objetivo da maximização dos ganhos. Mas o mercado, por si mesmo, não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social. Entretanto temos um superdesenvolvimento dissipador e consumista que contrasta, de modo inadmissível, com perduráveis situações de miséria desumanizadora, [...]. Não temos suficiente consciência de quais sejam as raízes mais profundas dos desequilíbrios atuais: estes têm a ver com a orientação, os fins, o sentido e o contexto social do crescimento tecnológico e econômico (LS 109).

Entretanto, uma parcela considerável da sociedade, não tem essa crença férrea na ciência e em seus artefatos como salvadores da humanidade, muitos possuem uma consciência dos danos que ela pode causar¹⁶⁷, porém são vítimas de um poder ainda maior que as impede de tomar uma decisão radical, ou seja:

Tomam consciência de que o progresso da ciência e da técnica não equivale ao progresso da humanidade e da história, e vislumbram que os caminhos fundamentais para um futuro feliz são outros. Apesar disso, também não se imaginam renunciando às possibilidades que oferece a tecnologia. A humanidade mudou profundamente, e o avolumar-se de constantes

¹⁶⁷ Remetemos o leitor para o assunto “Ciência vive uma epidemia de estudos inúteis: Cientistas dos EUA, Reino Unido e Holanda denunciam que a pesquisa está perdendo parte de sua credibilidade”. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/10/internacional/1484073680_523691.html. Acesso em 23/01/2017 (nota do autor).

novidades consagra uma fugacidade que nos arrasta à superfície numa única direção (LS 113).

O elemento catástrofe, presente em Potter, Ivan Illich, Nicholas Georgescu Roegen, Serge Latouche¹⁶⁸, dentre outros, não passa despercebido na *Laudato Si*, ao contrário, à essa pedagogia é reservado um espaço especial quando se menciona que:

As previsões catastróficas já não se podem olhar com desprezo e ironia. Às próximas gerações, poderíamos deixar demasiadas ruínas, desertos e lixo. O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida atual, por ser insustentável, só pode desembocar em catástrofes, como aliás já está a acontecer periodicamente em várias regiões. A atenuação dos efeitos do desequilíbrio atual depende do que fizermos agora, sobretudo se pensarmos na responsabilidade que nos atribuirão aqueles que deverão suportar as piores consequências (LS 161).

Na *Laudato Si* vê-se que a busca pelo progresso constante foi sempre imposta e que hoje dá sinais de esgotamento. Esse mito progressista tem suscitado não poucos debates, pois envolve a vida em sua inteireza e sempre culmina em uma deliberação de bioética global, ou pelo menos assim deveria ser:

Num dos extremos, alguns defendem a todo o custo o mito do progresso, afirmando que os problemas ecológicos resolver-se-ão simplesmente com novas aplicações técnicas, sem considerações éticas nem mudanças de fundo. No extremo oposto, outros pensam que o ser humano, com qualquer uma das suas intervenções, só pode ameaçar e comprometer o ecossistema mundial, pelo que convém reduzir a sua presença no planeta [...]. Entre estes extremos, a reflexão deveria identificar possíveis cenários futuros, porque não existe só um caminho de solução. Isto deixaria espaço para uma variedade de contribuições que poderiam entrar em diálogo a fim de se chegar a respostas abrangentes (LS 60).

Não se trata em absoluto de frear a caminhada dos seres humanos, antes o que se necessita é que estes tenham uma visão a longo prazo, que eles escutassem outras formas de pensamento sobre aquilo que a humanidade está projetando e colocando em prática. Em outras palavras:

Quando se colocam estas questões, alguns reagem acusando os outros de pretender parar, irracionalmente, o progresso e o desenvolvimento humano. Mas temos de nos convencer que, reduzir um determinado ritmo de produção

¹⁶⁸ “Aqueles que anunciam catástrofes iminentes são hoje tão numerosos que John Crosby, em artigo no *Observer* de 13 de setembro de 1970, inventou um novo termo para indicar a sua atividade: *doomwrriting*, que pode ser traduzido por catastrofografia, [...] catastrógrafos” (VACCA, 1975, p. 02).

e consumo, pode dar lugar a outra modalidade de progresso e desenvolvimento. Os esforços para um uso sustentável dos recursos naturais não são gasto inútil, mas um investimento que poderá proporcionar outros benefícios económicos a médio prazo. Se não temos vista curta, podemos descobrir que pode ser muito rentável a diversificação duma produção mais inovadora e com menor impacto ambiental. Trata-se de abrir caminho a oportunidades diferentes, que não implicam frenar a criatividade humana nem o seu sonho de progresso, mas orientar esta energia por novos canais (LS 191).

Em Francisco ou em Potter, o progresso não é visto como algo ruim ou de somenos importância. Em muitas ocasiões, esse progresso foi e é benfazejo. Tanto é verdade que ambos promovem uma busca sincera de novos modelos de progresso, bem como outros caminhos alternativos que não aqueles pautados unicamente no uso e no descarte, tanto da natureza como dos seres humanos, algumas vezes:

Não se consegue pensar que seja possível sustentar outro paradigma cultural e servir-se da técnica como mero instrumento, porque hoje o paradigma tecnocrático tornou-se tão dominante que é muito difícil prescindir dos seus recursos, e mais difícil ainda é utilizar os seus recursos sem ser dominados pela sua lógica. Tornou-se anticultural a escolha dum estilo de vida, cujos objetivos possam ser, pelo menos em parte, independentes da técnica, dos seus custos e do seu poder globalizante e massificador (LS 108).

Francisco mostra também que escolher o meio termo para solucionar os graves problemas de hoje é o mesmo que adiar o colapso ou, por outro lado, colocar essa questão sobre os ombros das gerações futuras. Desse modo, percebe-se que a sociedade não tem suficientemente prestado a devida atenção à baixa qualidade de vida que assola cotidianamente as diferentes sociedades. Consequentemente:

Para que apareçam novos modelos de progresso, precisamos de converter o modelo de desenvolvimento global e isto implica refletir responsabilmente sobre o sentido da economia e dos seus objetivos, para corrigir as suas disfunções e deturpações. Não é suficiente conciliar, a meio termo, o cuidado da natureza com o ganho financeiro, ou a preservação do meio ambiente com o progresso. [...]. Trata-se simplesmente de redefinir o progresso. Um desenvolvimento tecnológico e económico, que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior, não se pode considerar progresso. [...]. Então, muitas vezes, o discurso do crescimento sustentável torna-se um diversivo e um meio de justificação que absorve valores do discurso ecologista dentro da lógica da finança e da tecnocracia, e a responsabilidade social e ambiental das empresas reduz-se, na maior parte dos casos, a uma série de ações de publicidade e imagem (LS 194).

Todo o desenvolvimento adquirido nestes últimos séculos deveriam ser uma fonte inspiradora para uma efetiva reeducação. Fazer uma análise criteriosa daquilo

que merece ser preservado com a ajuda aos seres humanos, deixando-se de lado aquilo que corrói as estruturas fundamentais da sociedade:

Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida (LS 202).

A bioética global potteriana também implícita em Francisco convida à responsabilidade todos os consumidores. Estes têm importância vital para o futuro da vida no planeta, isso porque:

Uma mudança nos estilos de vida poderia chegar a exercer uma pressão salutar sobre quantos detêm o poder político, económico e social. Verifica-se isto quando os movimentos de consumidores conseguem que se deixe de adquirir determinados produtos e assim se tornam eficazes na mudança do comportamento das empresas, forçando-as a reconsiderar o impacto ambiental e os modelos de produção. É um facto que, quando os hábitos da sociedade afetam os ganhos das empresas, estas veem-se pressionadas a mudar a produção (LS 206).

Parcela considerável da população hoje são os jovens, categoria essa que, nas últimas décadas, nasceu em meio a uma profusão de tecnologias. Ou seja:

A consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa de traduzir-se em novos hábitos. Muitos estão cientes de que não basta o progresso atual e a mera acumulação de objetos ou prazeres para dar sentido e alegria ao coração humano, mas não se sentem capazes de renunciar àquilo que o mercado lhes oferece. [...]. Por isso, estamos perante um desafio educativo (LS 209).

Contemporânea de Potter, “a Conferência de Estocolmo da ONU em 1.972 marcou o início da tomada de consciência de que todos os problemas do meio ambiente estão intimamente interligados” (GORBACHEV, 2003, p. 104-105, sic). Nessa reunião, começou, ainda de forma embrionária, aquilo que viria a ser conhecida como a Carta da Terra, a qual foi oficialmente lançada no dia 12 de março de 2000. Dela participaram inúmeras pessoas de diferentes nações, bem como de distintos credos e opiniões.

O que uniu essas pessoas foi a salvaguarda da humanidade e do planeta Terra, ela pode ser também uma fonte de inspiração para a bioética global, assim como para o Programa do decrescimento e os objetivos do desenvolvimento sustentável, haja

vista que o meio ambiente¹⁶⁹ não se refere apenas às florestas, plantas e animais. Quando se fala de meio ambiente, é o conjunto de vida que dele faz parte, sua importância é tanta que o próprio Francisco, na *Laudato Si*, referencia-se a ela:

A Carta da Terra convidava-nos, a todos, a começar de novo deixando para trás uma etapa de autodestruição, mas ainda não desenvolvemos uma consciência universal que o torne possível. Por isso, atrevo-me a propor de novo aquele considerável desafio: Como nunca antes na história, o destino comum obriga-nos a procurar um novo início [...]. Que o nosso seja um tempo que se recorde pelo despertar duma nova reverência face à vida, pela firme resolução de alcançar a sustentabilidade, pela intensificação da luta em prol da justiça e da paz e pela jubilosa celebração da vida (LS 207).

A Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos lançada em 2005, juntamente com a Carta da Terra, tornam-se, assim, instrumentos valiosos em prol da vida, “hoje milhões de pessoas no mundo exigem uma política de glasnost e perestroika no tocante à organização de nossa vida em comum no planeta Terra” (GORBACHEV, 2003, p. 110).

Desses dois documentos fica nítido que “qualquer coisa menos que repensar e revisar radicalmente o modo como vivemos e os valores que o guiam não bastará” (BAUMAN, 2015, p. 74), apoiado em Welzer, Bauman esboça, mesmo que sem se dar conta disso, uma referência ao *Programa decrescentista*, asseverando que:

O que é necessário, sobretudo em tempos de crise, é desenvolver visões ou pelo menos ideias que nunca foram pensadas antes. Elas podem todas parecer ingênuas, mas não é esse o caso. Além disso, o que seria mais ingênuo que imaginar que o trem portador da destruição em escala maciça vai mudar sua velocidade e seu curso se as pessoas dentro dele correrem na direção oposta? Como disse Albert Einstein, problemas não podem ser resolvidos com o modelo de pensamento que levou a eles. É necessário mudar o curso, e para isso o trem deve primeiro parar (WELZER, 2012, *apud* BAUMAN, 2015, p. 74).

Amparado por estas visões, o *Programa do decrescimento* torna-se crescente na Encíclica *Laudato Si*, embora não haja nela indicação precisa dos seus inspiradores¹⁷⁰, o conjunto da obra de Francisco leva claramente a pensar neles. A

¹⁶⁹ “Conjunto dos fatores externos (materiais, orgânicos, históricos, culturais ou ideológicos) exercendo uma forte influência nos indivíduos. Em outras palavras, constitui o universo característico de cada espécie, tal como o percebe em seu meio vital e graças ao qual pode agir eficazmente” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 183).

¹⁷⁰ Reiteramos ao leitor dois estudos: “*Laudato Si*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade”, disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/114_cadernos_teologiapublica.pdf e também “*Laudato Si* e os objetivos de desenvolvimento sustentável: uma convergência?”, disponível

passagem a seguir mostra que o Papa Francisco tem se alinhado a esta perspectiva, haja vista que, para escrever esse documento, ele se serviu de muitos pensadores, inclusive os do *Programa decrescentista* de diferentes regiões do globo:

[...] as raízes éticas e espirituais dos problemas ambientais, que nos convidam a encontrar soluções não só na técnica, mas também numa mudança do ser humano; caso contrário, estaríamos a enfrentar apenas os sintomas. [...] passar do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha, numa ascese que significa aprender a dar, e não simplesmente renunciar (LS 09).

O *Programa do decrescimento*, mesmo em pequena escala, vem já sendo posto em prática; sente-se sua presença em muitas pequenas ações. O realocar, ou a busca por alimentos orgânicos é uma dessas opções hoje encontrada, o mesmo diga-se de tentar adquirir produtos feitos na própria região, sendo o chamado localismo comunitário. Isso quer dizer que:

Todavia é possível voltar a ampliar o olhar, e a liberdade humana é capaz de limitar a técnica, orientá-la e colocá-la ao serviço doutro tipo de progresso, mais saudável, mais humano, mais social, mais integral. De fato verifica-se a libertação do paradigma tecnocrático nalgumas ocasiões. Por exemplo, quando comunidades de pequenos produtores optam por sistemas de produção menos poluentes, defendendo um modelo não-consumista de vida, alegria e convivência. Ou quando a técnica tem em vista prioritariamente resolver os problemas concretos dos outros, com o compromisso de os ajudar a viver com mais dignidade e menor sofrimento (LS 112, *sic*).

O *Programa decrescentista* pretende uma profunda revolução cultural, bem como sair do imaginário colonizado para se construir um novo jeito de viver é a sua intenção. Isso vem na *Laudato Si* do seguinte modo:

O que está a acontecer põe-nos perante a urgência de avançar numa corajosa revolução cultural. A ciência e a tecnologia não são neutras, mas podem, desde o início até ao fim dum processo, envolver diferentes intenções e possibilidades que se podem configurar de várias maneiras. Ninguém quer o regresso à Idade da Pedra, mas é indispensável abrandar a marcha para olhar a realidade doutra forma, recolher os avanços positivos e sustentáveis e ao mesmo tempo recuperar os valores e os grandes objetivos arrasados por um desenfreamento megalômano (LS 114).

2.2.4 O Programa do decrescimento assumido na *Laudato Si*

É no parágrafo 193¹⁷¹ que vem explicitamente a passagem conceitual do *Programa do decrescimento*, ou seja, a conhecida tese do sociólogo, antropólogo, economista e filósofo Serge Latouche, um dos pilares do decrescimento. Aqui, a racionalidade puramente instrumental é posta à prova duramente:

[...] face ao crescimento ganancioso e irresponsável, que se verificou ao longo de muitas décadas, devemos pensar também em abrandar um pouco a marcha, pôr alguns limites razoáveis e até mesmo retroceder antes que seja tarde. Sabemos que é insustentável o comportamento daqueles que consomem e destroem cada vez mais, enquanto outros ainda não podem viver de acordo com a sua dignidade humana. Por isso, chegou a hora de aceitar um certo decréscimo do consumo nalgumas partes do mundo, fornecendo recursos para que se possa crescer de forma saudável noutras partes [...]. É preciso que as sociedades tecnologicamente avançadas estejam dispostas a favorecer comportamentos caracterizados pela sobriedade, diminuindo as próprias necessidades de energia e melhorando as condições da sua utilização (LS 193).

É fácil, então, perceber em todas essas passagens que “nós não fomos educados e treinados a acreditar que o bem-estar da multidão é mais bem promovido zelando, lustrando, esmerando, apoiando e recompensando as capacidades da minoria” (BAUMAN, 2015, p. 75). Sendo assim:

Quando (se) chegar a hora do aperto, não digam que não foram avisados. Ainda melhor para vocês, para mim e para o restante de nós será impedir que o aperto se materialize enquanto detê-lo ainda está dentro da nossa capacidade humana conjunta (BAUMAN, 2015, p. 75).

A partir da constatação do *Programa decrescentista na Laudato Si*, encontra-se em diversos parágrafos desse documento os Rs de Serge Latouche, como na passagem referente à reciclagem e reutilização:

[...], o sistema industrial, no final do ciclo de produção e consumo, não desenvolveu a capacidade de absorver e reutilizar resíduos e detritos. [...],

¹⁷¹ “As grandes ideias da encíclica são o cuidado da Criação e a justiça, e o fracasso do nosso crescimento econômico tecnocrata em prover justiça e cuidado a ela. Também em debate esteve a integração da ciência e da religião como algo necessário, mesmo sendo caminhos diferentes à verdade. E, sim, o papa apoia o consenso científico sobre a realidade das mudanças climáticas, mas a encíclica vai muito além desse tema. [...] É por isso que a última frase, onde se lê na versão inglesa do documento um “crescimento diminuído”, parece ser uma tradução não exata da versão espanhola que fala em “*decrecimiento*” ou da versão italiana “*decrescita*” (provavelmente os idiomas originais do texto), ideias que deveriam ser traduzidas como “*degrowth*”, decréscimo, crescimento negativo, o que, evidentemente, é mais forte do que “*decreased growth*” [crescimento diminuído]” (Herman Daly, economista ecológico estadunidense, professor da Escola de Política Pública de College Park, nos Estados Unidos, em artigo publicado por *The Daly*, 01-03-2017. A tradução é de Isaque Gomes Correa. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/565373-pensamentos-sobre-a-laudato-si-do-papa-francisco>. Acesso em: 06/03/2017 (nota do autor).

limitar, o mais possível, o uso dos recursos não-renováveis, moderando o seu consumo, maximizando a eficiência no seu aproveitamento, reutilizando e reciclando-os (LS 22).

Quanto à biodiversidade, Francisco mostra sua preocupação com as monoculturas. Em outras palavras, “habitualmente também não se faz objeto de adequada análise a substituição da flora silvestre por áreas florestais com árvores, que geralmente são monoculturas” (LS 39), o que lembra a rearborização diversificada de Leonardo Boff. Considera-se, ainda, a redução de custos, uma alusão clara aos cortes em postos de trabalho e “renunciar a investir nas pessoas para se obter maior receita imediata é um péssimo negócio para a sociedade” (LS 128), tudo isso são, na verdade, rs vistos sob um ponto de vista negativo em Francisco.

Reduzir também é palavra de ordem na *Laudato Si*, em especial a redução de gases que aumentam o efeito estufa (LS 169), bem como a redução da emissão desses na atmosfera (LS 170) e, de maneira geral, reduzir a emissão global de gases poluentes no planeta (LS 171). Além disso, as cidades não são o melhor modelo de desenvolvimento que se tem, muitas delas encontram-se degradadas em várias frentes. A poluição visual presente nelas embota uma visão crítica, por isso, uma campanha se faz necessária:

[...] retirando do mercado os produtos pouco eficazes do ponto de vista energético ou mais poluentes. Podemos mencionar também uma boa gestão dos transportes ou técnicas de construção e reestruturação de edifícios que reduzam o seu consumo energético e o seu nível de poluição. Além disso, a ação política local pode orientar-se para a alteração do consumo, o desenvolvimento duma economia de resíduos e reciclagem, a proteção de determinadas espécies e a programação duma agricultura diversificada com a rotação de culturas (LS 180).

A criatividade humana, quando bem orientada, poderia “gerar formas inteligentes e rentáveis de reutilização, recuperação funcional e reciclagem; poderia melhorar a eficiência energética das cidades” (LS 192). O *Programa decrescentista* não estaria completo sem a inclusão de mais alguns rs presentes na *Laudato Si*, ou seja, o recordar, o renunciar, a responsabilidade, o reajustar, o repensar, o refletir, o regulamentar, o reformar, a rotação de culturas, tai palavras noutros termos, significa que:

Precisamos duma política que pense com visão ampla e leve por diante uma reformulação integral, abrangendo num diálogo interdisciplinar os vários

aspectos da crise. [...]. Uma estratégia de mudança real exige repensar a totalidade dos processos, pois não basta incluir considerações ecológicas superficiais enquanto não se puser em discussão a lógica subjacente à cultura atual. Uma política sã deveria ser capaz de assumir este desafio (LS 197).

A presente análise mostra que, tanto em Francisco como no *Programa do decrescimento*, são diversos os eixos comuns, isso mostra quem ambos os projetos zelam pelo cuidado que cada um deve ter pela Casa Comum, a cultura do cuidado (LS 231), vem elencada por “uma paixão pelo mundo” (LS 216), além de que “o cuidado da natureza faz parte de um estilo de vida” (LS 228). E, ainda:

É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros [...]. Vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética [...]; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu. Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento duma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente (LS 229).

Nesse sentido, vale mencionar as palavras de Potter, o qual, diante daquilo que até agora foi exposto, alerta que é preciso “usar nossa grande capacidade de produção para produzir as coisas que nos tornam mais sábios, em vez de produzir o que nos torna mais fracos” (POTTER, 2016, p. 74, sic). Isso resume-se em: ir contra três falácias propaladas nos últimos séculos e que se tornaram fontes de problemas em muitas situações, isto é, controlar o máximo possível a natureza, a de que a ciência sempre está a favor do ser humano e a crença de que o crescimento econômico tornaria a humanidade mais feliz.

O século XXI é marcado pelo conflito sobre a utilização, os limites e consequências da tecnologia, por isso, “em todos os lugares, a tarefa de pessoas educadas é encontrar uma maneira de compreender o significado do novo conhecimento e suas potenciais aplicações errôneas” (POTTER, 2016, p. 89). Além disso, ele aponta que “nossa tecnologia procedeu quase com base em um único lema: se isso pode ser feito e vendido com benefícios, vamos fazê-lo” (POTTER, 2016, p. 96). Potter não usa na sua bioética global a palavra decrescimento, mas ela vem implícita, não é um decrescimento negativo, mas aquele pautado pela prudência jonasiana, que busca uma nova maneira de ‘viver a vida’, com um jeito diferente, em outras palavras, encontrar um progresso que leve em conta:

A eliminação da pobreza, a questão dos objetivos e de suas prioridades, objetivos e métodos educacionais, relações raciais, revitalização religiosa, revitalização política, superpopulação, consumo excessivo, conservação dos recursos naturais, ajuda aos países subdesenvolvidos, libertação de talento criativo, o papel da publicidade e o redesenho de comunidades urbanas (POTTER, 2016, p. 101).

Constata-se que adaptar-se aos novos tempos requer uma dose de audácia por parte de uma sociedade que esqueceu esses dois pressupostos, confiando cegamente nas forças engendradas pela ciência e pela técnica (LS 224). Van Rensselaer Potter e mais tarde o *Programa decrescentista*, trarão à tona a questão da adaptação, e com propriedade, salienta que é preciso:

Manter viva a faculdade do esforço através de algum exercício gratuito todos os dias. Isto é, ser sistematicamente ascético ou heróico em pequenos aspectos irrelevantes, fazer todos os dias ou a cada dois dias algo pelo simples motivo de que você preferiria não o fazer, de modo que quando se aproximarem épocas de tenebrosas exigências você não será surpreendido, fragilizado e destreinado para resistir ao teste (JAMES, 1890, *apud* POTTER, 2016, p. 130, *sic*).

Adaptar-se requer uma educação integral do ser. Por isso, Potter insiste na ideia que:

Talvez o resultado mais valioso de toda a educação seja a capacidade para fazer o que você tem que fazer, quando deveria ter feito, quer você goste ou não do que precisa ser feito. Esta é a primeira lição a ser aprendida e quanto mais cedo o treinamento começa, provavelmente é a última que se aprende (HUXLEY, 1877, *apud* POTTER, 2016, p. 130-131).

Potter, já nos anos 70, advertia a sociedade para o fato de que esta deveria se preparar para tempos mais difíceis, “se as nações do mundo precisam encontrar uma ponte para o futuro elas terão de perceber que devem se unir para preservar a teia frágil da vida não humana que sustenta a sociedade humana” (POTTER, 2016, p. 206). Ele estava se referindo a uma possível economia da escassez, bem como de praticar exercícios e jejuns periódicos. Passados 47 anos dessas intuições, vê-se um renovado apelo a tais exercícios presentes também na encíclica *Laudato Si*. Tanto na obra ‘Bioética: ponte para o futuro’ de Potter, quanto na *Laudato Si*, de Francisco, uma visão sistêmica de vida é abordada, ambos os seus autores estavam convictos de que “visto que tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial” (LS 137).

Estes dois pensadores estão cientes de que “temos de perguntar que tipo de ambiente será mais útil em manter e melhorar o mundo civilizado” (POTTER, 2016, p. 146), e também pelo fato que, atualmente, todos precisam se dar conta de que se deve:

Pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo. Nunca é demais insistir que tudo está interligado [...]. Por isso, os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade (LS 138).

Já no último quarto do século XX tinha-se a noção de que “temos muito que aprender a respeito de quais critérios considerar na busca de um ambiente ideal e certamente não há ambiente único que possa ser considerado ideal” (POTTER, 2016, p. 147). De modo análogo, Francisco analisa essa situação fazendo a seguinte observação:

As razões, pelas quais um lugar se contamina, exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento [...]. Dada a amplitude das mudanças, [...]. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio ambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (LS 139).

Para estes autores, “a ideia de que tudo está interligado vem acompanhada da percepção que todas as coisas tem um valor em si decorrente de sua contribuição para a manutenção do todo” (NETO, 2016, p. 15). O *Programa decrescentista*, implicitamente, tanto apoiado por Potter¹⁷² como por Francisco¹⁷³, leva em conta que é possível outro mundo, porém não baseado em nenhum tipo de revolução armada, bem ao contrário, ambos:

Propõe um outro estilo de vida e comportamento que permite desde já um modo de vida alternativo, mais natural e mais humano, sem necessitar do acontecimento revolucionário para ser posto em prática. Este estilo alternativo implica numa crítica não só às desigualdades socioeconômicas,

¹⁷² Potter, em sua obra “Bioética: ponte para o futuro” não usa a expressão decrescimento, entretanto, em diversas passagens, ele insinua tal possibilidade (nota do autor).

¹⁷³ Como já aludido anteriormente, o parágrafo 193 da *Laudato Si* usa a expressão decréscimo e outras similares (nota do autor).

mas também ao modelo materialista de medir a realização humana (NETO, 2016, p. 17).

Potter assinala, com veemência, que é preciso “usar nossa enorme capacidade de produção para produzir as coisas que nos tornam mais sábios, em vez das coisas que nos tornam mais fracos” (POTTER, 2016, p. 147), pois estas, aliadas ao capital especulativo, podem tornar a vida extremamente fragilizada e vulnerável, pois:

O crescimento econômico tende a gerar automatismos e a homogeneizar, a fim de simplificar os processos e reduzir os custos, [...]. Hoje, a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa consigo mesma, que gera um modo específico de se relacionar com os outros e com o meio ambiente. Há uma interação entre os ecossistemas e entre os diferentes mundos de referência social e, assim, se demonstra mais uma vez que o todo é superior à parte (LS 141).

Hoje é preciso olhar para todos os lados, ou seja, a humanidade precisa de um “ambiente inteiro vale dizer, uma visão sistêmica da Terra, da vida e da civilização humana constituindo um grande todo, feito de redes de interdependências, complementações e reciprocidades” (BOFF, 2016, p. 27), pois “de nenhuma maneira está garantido que a civilização poderia ser reconstruída depois de um colapso mundial” (POTTER, 2016, p. 204). Tanto em Francisco como em Potter, o ser humano é visto como aquele que mais ameaça a sua própria vida e a vida da natureza extra-humana. Isso porque, no mais das vezes:

O problema está no tipo de ser humano que se forjou na história: mais uma força geofísica de destruição que um fator de cuidado e preservação. A cura reside na re-ligação com todas as coisas. Não necessariamente precisa ser mais religioso, mas sim, mais humilde, sentindo-se parte da natureza, mais responsável por sua sustentabilidade e mais cuidadoso com tudo o que faz (BOFF, 2016, p. 32).

Uma parcela considerável de pessoas, em diferentes regiões e que implícita ou explicitamente tem a bioética global de Potter como ponto de referência, sabem hoje que todas as formas de vida passam por um sério revés e que:

Para salvar a integralidade da vida no planeta é urgente deter esse modelo de desenvolvimento, essencialmente antiecológico e ao mesmo tempo garantir a toda população pobre o acesso a terra, ao trabalho e ao teto, [...]. A maioria de nós concorda que a hegemonia da economia sobre a política, no decorrer dos últimos 30 anos foi uma catástrofe (BARROS, 2016, p. 180, *sic*).

Na bioética global potteriana, “há certos problemas que superam todos os outros quando pensamos sobre a ciência e o futuro da humanidade. Estes podem ser categorizados [...] como população, paz, poluição, pobreza, política e progresso” (POTTER, 2016, p. 167). Ainda segundo Potter, os cinco primeiros seriam aqueles os quais a humanidade deveria dar maior destaque, pois deles depende a sobrevivência da vida no planeta. Entretanto, “temos feito exatamente o contrário. Temos nos centrado no progresso em termos de bens materiais e avanço tecnológico como se fossem fins em si mesmos” (POTTER, 2016, p. 167). A visão conjuntural de Potter leva então, quase que automaticamente, a perceber em Francisco que:

Se tudo está relacionado, também o estado de saúde das instituições duma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana: toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais. [...] Dentro de cada um dos níveis sociais e entre eles, desenvolvem-se as instituições que regulam as relações humanas. Tudo o que as danifica comporta efeitos nocivos, como a perda da liberdade, a injustiça e a violência. Vários países são governados por um sistema institucional precário, à custa do sofrimento do povo e para benefício daqueles que lucram com este estado de coisas. [...]. As leis podem estar redigidas de forma correta, mas muitas vezes permanecem letra morta. Poder-se-á, assim, esperar que a legislação e as normativas relativas ao meio ambiente sejam realmente eficazes? Sabemos, por exemplo, que países dotados duma legislação clara sobre a proteção das florestas continuam a ser testemunhas mudas da sua frequente violação (LS 142).

Cada vez mais uma corrente de bioeticistas globais está em sintonia com o todo, tal posicionamento pode ser uma “reflexão de uma preocupação crescente de que talvez a sobrevivência não seja algo garantido, de que talvez não haja ninguém no controle da nave espacial da terra ou mesmo dos Estados Unidos” (POTTER, 2016, p. 168). E mais: “o conhecimento está disponível, mas os interesses manifestos e a perversidade humana impedem o tipo de ação que seria efetiva” (POTTER, 2016, p. 169). Isso porque também, na visão de Francisco:

A visão consumista do ser humano, incentivada pelos mecanismos da economia globalizada atual, tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, [...] por isso, pretender resolver todas as dificuldades através de normativas uniformes ou por intervenções técnicas, leva a negligenciar a complexidade das problemáticas locais [...]. As soluções meramente técnicas correm o risco de tomar em consideração sintomas que não correspondem às problemáticas mais profundas [...]. Nem mesmo a noção da qualidade de vida se pode impor, mas deve ser entendida dentro do mundo de símbolos e hábitos próprios de cada grupo humano (LS 144).

Outro fator comum a ambos é que a imposição de um estilo de vida hegemônico não tem se mostrado salutar, hoje tem tomado forma uma constante revolta em relação a este estilo invasivo que, muitas vezes subjuga o outro por diversas vias. Por isso, “a fim de avançar para um mundo no qual possamos sobreviver temos de fazê-lo sem causar nenhuma desvantagem a qualquer indivíduo membro de um grupo minoritário, seja esse grupo étnico ou religioso” (POTTER, 2016, p. 173). Assim, “a imposição dum estilo hegemônico de vida ligado a um modo de produção pode ser tão nocivo como a alteração dos ecossistemas” (LS 145), aponta-se, ainda, que “a humanidade não pode mais se dar ao luxo de travar guerras entre nações e deve se dar as mãos para chegar a um acordo sobre o meio ambiente” (POTTER, 2016, p. 179). Portanto, hoje:

Para falar de autêntico progresso, será preciso verificar que se produza uma melhoria global na qualidade de vida humana; isto implica analisar o espaço onde as pessoas transcorrem a sua existência. Os ambientes onde vivemos influem sobre a nossa maneira de ver a vida, sentir e agir (LS 147).

Uma bioética global também diz respeito à pluralidade de vidas em perigo todos os dias, sejam elas humanas ou extra-humanas, pois, no mais das vezes, o progresso que tem se mostrado, quase sempre, priorizando a técnica e essa, por sua vez, “tem sido orientada quase exclusivamente pelo motivo do lucro, sem referência aos efeitos de longo alcance sobre a sociedade” (POTTER, 2016, p. 182). Sendo assim, “decisões tecnológicas não deveriam ser tomadas com base no lucro apenas, mas deveriam ser examinadas em termos de sobrevivência. Este é o lugar em que ecologia e economia devem encontrar um ponto de encontro” (POTTER, 2016, p. 183). Nessa linha de pensamento e com uma sociedade dispare em vários aspectos “e cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável” (LS 158).

Assim, para Potter: “deveríamos olhar a terra, o ser humano, as plantas e os animais, o mar e a atmosfera como um sistema equilibrado” (POTTER, 2016, p. 194, sic), principalmente, ele salienta a respeito da preocupação em demasia em querer melhorar sempre de vida. Então, todos teriam que buscar “um consenso mundial que enfrenta a necessidade do crescimento demográfico zero e o abandono da meta da taxa americana de consumo material e de energia como seu ideal” (POTTER, 2016,

p. 195). Em muitos aspectos, “a experiência já está em andamento, tudo o que precisamos fazer é olhar ao redor, medir os parâmetros e enfrentar os fatos da vida” (POTTER, 2016, p. 195) e ter sempre em mente que:

A noção de bem comum engloba também as gerações futuras. As crises económicas internacionais mostraram, de forma atroz, os efeitos nocivos que traz consigo o desconhecimento de um destino comum, do qual não podem ser excluídos aqueles que virão depois de nós. [...]. Quando pensamos na situação em que se deixa o planeta às gerações futuras, entramos noutra lógica: a do dom gratuito, que recebemos e comunicamos. Se a terra nos é dada, não podemos pensar apenas a partir dum critério utilitarista de eficiência e produtividade para lucro individual. Não estamos a falar duma atitude opcional, mas duma questão essencial de justiça, pois a terra que recebemos pertence também àqueles que hão de vir (LS 159).

A bioética global de Potter leva também em conta o fato de que “a sobrevivência da civilização mundial será impossível se não houver algum acordo sobre um sistema de valores comuns, especialmente sobre o conceito de uma obrigação para com as gerações futuras” (POTTER, 2016, p. 205). Entretanto, juntamente com Francisco, Potter está ciente que:

A dificuldade em levar a sério este desafio tem a ver com uma deterioração ética e cultural, que acompanha a deterioração ecológica. [...]. Além disso esta falta de capacidade para pensar seriamente nas futuras gerações está ligada com a nossa incapacidade de alargar o horizonte das nossas preocupações e pensar naqueles que permanecem excluídos do desenvolvimento. Não percamos tempo a imaginar os pobres do futuro, é suficiente que recordemos os pobres de hoje, que poucos anos têm para viver nesta terra e não podem continuar a esperar. Por isso, para além de uma leal solidariedade entre as gerações, há que reafirmar a urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade entre os indivíduos da mesma geração (LS 162).

Para haver uma bioética global verdadeira, Potter alerta o povo americano de que estes “deveriam começar a mudar seu modo de vida para melhor expressar uma preocupação com o futuro e com o resto do mundo por promover um exemplo da Bioética em ação” (POTTER, 2016, p. 207) e ainda, que “devemos manter nosso idealismo e precisamos ser conscientes da imperfeição e desordem que são os componentes naturais do mundo biológico e físico” (POTTER, 2016, p. 207).

Fica claro, que tanto em Potter quanto em Francisco, todas as questões que envolvem os seres humanos e os demais seres que habitam este planeta e seus inúmeros desafios e possíveis soluções alternativas “vai muito além de soluções tecnológicas e envolve, antes de tudo, mudança de escala de valores” (SIMÕES,

2015, p. 19). Ambos os pensadores, Francisco e Potter, fazem valer, em mais de uma ocasião, que a vida como um todo e seus problemas, variando de uma região para outra, “estão todos interconectados e são gerados pelo atual modelo econômico e de consumo e como visualizamos a relação com nosso entorno” (SIMÕES, 2015, p. 19).

Portanto, uma bioética global deve levar em conta e ter como princípio básico que os seres humanos não são parâmetros adequados para medirem todas as coisas. “Essa cultura do narcisismo amplia intolerâncias, guerras, extermínios. A natureza não existe para ser submetida ao homem. A relação homem natureza é de coautoria, e não de dominação ou submissão” (CARVALHO, 2015, p. 59).

O caminho traçado até aqui buscou evidenciar a importância do *Programa decrescentista* e a sua relação com a bioética global de Potter para se pensar os problemas relacionados à crise ambiental. No caminho teórico percorrido, pode-se notar que a encíclica *Laudato Si* está em consonância com as discussões da Bioética e do programa do decrescimento no que diz respeito à reinterpretação da vida e do modo como o ser humano se relaciona com o outro e com tudo o que o cerca.

2.2.5 Um conflito entre Potter e Francisco: a questão demográfica

Semelhanças à parte, evidenciamos também que entre Potter e Francisco há um ponto conflituoso. É o que trata do crescimento populacional¹⁷⁴ sendo que para o primeiro este programa deve ser uma ambição por parte da sociedade, uma busca legítima para que se encontre o equilíbrio entre os seres humanos, animais e plantas. Potter não vê como um desastre essa escolha, sugere inclusive que cada casal tenha no máximo dois filhos¹⁷⁵.

Potter está convicto de que de nada adianta querer se almejar uma melhoria de vida sem se enfrentar a questão de “atingir um consenso mundial que enfrenta as necessidades do crescimento demográfico zero e o abandono da meta da taxa americana de consumo material e de energia como seu ideal” (POTTER, 2016, p.

¹⁷⁴ Também autores de ficção científica como Herbert George Wells (1866-1946), em seu *Men like Gods*, de 1923 e Arthur C. Clarke, em *The city and the Stars*, de 1956, aludem sobre este tema. (nota do autor).

¹⁷⁵ Filósofos como Platão (428 a.C-348 a. C) e Thomas Morus (1478-1535) reconheceram claramente os perigos do excesso populacional. (nota do autor).

195). Na década de 70 era forte o apelo para se reduzir a população¹⁷⁶, além de Potter, muitos outros autores¹⁷⁷ tinham em mente tal meta:

Deveria estar ao alcance de cada consumidor individual perceber que tem de renunciar a certas formas de consumo de energia agora para garantir a sua disponibilidade para seus filhos ou mesmo para a sua própria geração no futuro. Tal como o corpo humano atinge finalmente uma condição de crescimento zero, o mesmo deve acontecer à população como um todo (HANNON, 1975, *apud* WOODWARD, 1976, p. 149).

Já para o Papa Francisco, as pressões na limitação demográfica são, na verdade, um meio de esconder os reais problemas da humanidade, ao invés de se combaterem as graves discrepâncias em termos de distribuição de recursos e um uso adequado do meio ambiente¹⁷⁸. Para ele, essa visão quer “legitimar o modelo distributivo atual, no qual uma minoria se julga com o direito de consumir numa proporção que seria impossível generalizar, porque o planeta não poderia sequer conter os resíduos de tal consumo” (LS, 50). De qualquer modo, essas duas posições podem fazer parte das discussões, tanto do *Programa do decrescimento*, bem como dos objetivos do desenvolvimento sustentável e merecem toda a atenção de ambas as partes, por isso o diálogo é crucial nessa questão, “temos uma ciência que é livre, mas dificilmente uma ciência que reflete” (POTTER, 2016, p. 197).

Interessante perceber que a questão populacional está muito pouco presente no debate e escritos sobre o *Programa do decrescimento*. Reduzir a população é, no mais das vezes, entendida como uma solução não eficaz¹⁷⁹. Caso ela fosse realmente

¹⁷⁶ “ZPG (*Zero Population Growth*)” (POTTER, 2016, p. 15).

¹⁷⁷ Apenas para conhecimento sobre este controvertido tema e sua importância, cito entre outros autores: Louise B. Young, “*Population in Perspective*”, 1968; Richard G. Wilkinson, “*Poverty and Progress: an ecological perspective on economic development*”, 1973; Jack Parsons, “*Population Vs. Liberty*”, 1971 e o Papa Paulo VI com sua encíclica “*Humane Vitae*”, de 1968.

¹⁷⁸ “Para estabilizar as populações do Sul por outros meios que não as guerras ou epidemias, não bastam campanhas de controle da natalidade ou a distribuição de contraceptivos, medidas que tem se mostrado na verdade pouco eficientes. Políticas demográficas não substituem políticas de desenvolvimento. Elas devem integrar-se num programa abrangente de desenvolvimento global, que começa por melhorar as condições sociais e econômicas no campo. Para serem realmente eficientes e aplicadas de modo democrático, as políticas demográficas requerem um conjunto de medidas inter-relacionadas, cujos efeitos demoram a aparecer: maior segurança alimentar, melhores condições de saúde, decréscimo da mortalidade infantil, elevação substancial dos índices de escolarização, particularmente das meninas, algum tipo de proteção social para os idosos, acesso dos pequenos agricultores a crédito, mercados e tecnologia, reduzindo assim sua propensão a terem muitos filhos para aproveitá-los como mão de obra adicional no campo ou no mercado urbano de trabalho, a um custo que lhes parece nulo” (SACHS, 1993, p. 35).

¹⁷⁹ “Mas se o processo de explosão populacional prosseguir, o mundo poderá enfrentar uma situação muito mais difícil mesmo no que tange aos alimentos. Além disso há outros problemas relacionados ao crescimento rápido da população, incluindo a superpopulação urbana e obviamente os desafios ambientais em âmbito regional e global” (SEN, 2010, p. 275).

aplicável, deveria ser plenamente democrática e também feita de modo igual para todos. A rejeição da limitação da população¹⁸⁰ por parte dos pensadores decrescentistas está no fato de que estes almejam sim uma maior emancipação das mulheres, bem como da alfabetização e mais democracia.

¹⁸⁰ O grande propagandista da redução populacional, Paul Ehrlich e seu *best seller* “*The Population Bomb*”, publicado em 1968, tido como o grande discípulo de Malthus não é citado em nenhum livro sobre o *Programa do decrescimento*, em revistas acadêmicas dedicadas ao tema do decrescimento e muito menos, figura entre as raízes intelectuais do movimento (nota do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se nesta pesquisa, demonstrar a aproximação existente entre o *Programa decrescentista* com a proposta da bioética global de Potter e com a Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco. O grande desafio hoje está em realocar a diversidade de saberes para trabalharem juntos, pois ficou evidenciado que é através de um caminho comum que se estará assegurado um futuro para as gerações vindouras. O mundo atual necessita de alternativas e, principalmente, que se coloquem freios voluntários às atividades que têm danificado a vida humana e extra-humana em proporções variadas nos últimos tempos. Este mesmo mundo está imerso em um elemento comum, ou seja, o de que os seres humanos usam em demasia a técnica, cujo objetivo tem sido, na maioria das vezes, um modelo desenvolvimentista unificador tanto do pensamento quanto da produção e consumo.

Este tempo de descobertas, até pouco tempo tidas como impensáveis, desdobrou-se em diversos ramos, acabando assim por trazer novas e inquietantes preocupações para a bioética global. O fruto proibido de que fala o livro do Gênesis¹⁸¹ foi, provado em muitas ocasiões e até mesmo em excesso noutras. Os seres humanos desenvolveram-se de tal forma do ponto de vista técnico que praticamente toda a biosfera, hoje, sente-se ameaçada como jamais fora num passado recente. Desse modo, uma tomada de consciência que propõe uma mudança do atual estilo de vida torna-se aos poucos evidente, mudanças essas que nem sempre os detentores do poder querem admitir. Nesse tempo, entre os seres humanos e a natureza não tem existido paz, mas um conflito permanente, a luta pela vida tomou proporções dramáticas em muitos locais, tendo havido uma intensa atividade por parte dos atores humanos para se manterem no topo. Criaram-se grandes estruturas em nome do progresso e da ciência. Entretanto, percebe-se que elas não estão, na maioria das vezes, em conformidade e a serviço da vida. Quase sempre tais empreendimentos que envolvem os seres humanos e a ciência, acabam não reproduzindo uma sociedade justa e solidária. A busca pelo crescimento econômico ilimitado, o controle absoluto da natureza e a ciência dominando todos os setores da existência, tem se

¹⁸¹ Gn 3, 1-24

mostrado incompatíveis entre si, acarretando, uma reviravolta no pensamento, bem como nas atitudes dos seres humanos.

Entretanto, mesmo nesses momentos de luzes que podem ofuscar a sociedade neste planeta finito, reformular aqueles sistemas de referência que norteiam hoje a sociedade, surgem de tempos em tempos, ou seja, há pessoas comprometidas com a vida, dispostas a navegar contra a corrente hegemônica e alertar para o desastre que pode vir a acontecer, caso se continue neste rumo atual. O momento presente evidenciado é de alta complexidade, mostrando desse modo, que a bioética global de Potter está na fronteira de muitos campos, quer sejam eles econômicos, industriais, ambientais, sanitários, do atual programa de desenvolvimento sustentável, bem como do *Programa do decrescimento*.

Tentou-se demonstrar, neste trabalho, que uma bioética global baseada nos ensinamentos de Van Rensselaer Potter precisa estar também atenta para aqueles autores que, embora não sejam da área bioética de modo claro, estão imbuídos da sua mensagem sob diferentes pontos de vistas. Estes 'autores não bioéticos', por sua vez, podem iluminar o caminho, alertando a comunidade de bioeticistas em geral de que os atuais modelos de desenvolvimento, progresso e industrialização precisam de uma ampla reformulação, precisam voltar as suas origens, isto é, terem o todo como ponto referencial e unirem-se novamente à ética.

Esta dissertação também evidenciou uma alternativa e apoio ao atual desenvolvimento sustentável, que é o *Programa do decrescimento*, sadio e sereno. Na corrente que apregoa o decrescimento, é possível perceber diversos autores, os quais desempenham um papel importante na história deste movimento, bem como uma responsabilidade que lhes é peculiar. Podemos ver, nos estudos dos autores decrescentistas, que há atores coadjuvantes marcados por diversas carências, esses são as vítimas de um sistema econômico injusto e excludente, a esses a bioética global deve ter um olhar de compaixão e atenção, pois lhes falta quase tudo, o desenvolvimento sustentável ainda não chegou de modo pleno até eles.

A bioética global de cunho potteriano, um desenvolvimento sustentável integral, aliados ao *Programa do decrescimento*, convidam cada a um para uma mudança de atitude e práticas, ou seja, esses três movimentos em conjunto se dispõem a adotarem estilos de vida mais simples, mas não menos dignos. Esta dissertação procurou mostrar que há, em diversas partes do planeta, pessoas que vêm se preocupando com esta temática na busca por aprimorar ainda mais o desenvolvimento sustentável.

Ficou demonstrado também nessa pesquisa que existem hoje, autores de diferentes áreas, uma plêiade de pesquisadores comprometidos com a perspectiva decrescentista, mesmo que estes não tragam em seus escritos, a palavra decrescimento. Dentro dessa nova visão, cada um é convidado, na sua área de atuação, a colaborar trazendo os seus resultados de pesquisas no intuito de aumentar o debate público.

A bioética global de Potter com vistas ao decrescimento e a uma sustentabilidade integral de todas as formas de vida na Terra, deveria ser um objetivo de grande importância, tanto na atividade individual como na coletiva dos seres humanos. Em termos bioéticos globais, é preciso, uma cidadania ativa que fortaleça e promova modelos alternativos de progresso e desenvolvimento e que desabroche em todos a participação espontânea no programa dos 9rs propostos por Latouche ou mesmo naquele programa proposto por Francisco em sua *Laudato Si* ou ainda aquele projeto trazido por Potter em 1970 que também como já explicitado, está muito próximo do *Programa decrescentista*. Na concepção de Potter ficou evidenciado que um bioeticista que não esteja impregnado desta consciência viva de transformação e mudança de atitude, dificilmente verá seu projeto por um estilo de vida sustentável ser levado a sério pela comunidade em geral.

Esta dissertação da área de Bioética, procurou dar relevância ao aspecto revisional dos padrões e níveis de vida, na maioria das vezes hoje insustentáveis e, também um comprometimento em reduzi-lo. O atual programa de desenvolvimento sustentável já deu mostras de sua importância, entretanto crê-se que novas medidas precisam ser implementadas em seus objetivos, procurar alternativas, dentre as quais um *Programa de decrescimento*, mostrou-se ser uma possibilidade viável. Este decrescimento proposto não significa voltar à idade da pedra, mas ter uma maior sobriedade sobre como se está atuando sobre os bens comuns que são patrimônios de todos e muito mais que isso, são fundamentais para a continuidade de todas as formas de vida.

O *Programa do decrescimento* é ainda pouco conhecido no Brasil, entretanto ele mostra-se de uma atualidade importante, decrescer não está acima nem abaixo dos objetivos atuais do desenvolvimento sustentável e muito menos da bioética global de Potter. O *Programa do decrescimento* defende as atividades que venham fortalecer a saúde dos seres humanos, bem como na natureza em geral e combate aquilo que degrada e elimina vidas precoces, o *Programa do decrescimento* está ao lado das

atividades que causem o menor dano possível ao meio ambiente. O *Programa decrescentista*, numa escala global não se põe contra o desenvolvimento sustentável, ao contrário pode fortalecê-lo a aumentar a sua implementação, ele também defende a autonomia da pessoa frente ao sistema que tenta se impor como hegemônico e vê no consumo a única fonte de felicidade.

Pode ocorrer que os pensadores decrescentistas venham a ser acusados injustamente de catastrógrafos ou de tecnofóbicos, a exemplo do que foi acusado Hans Jonas ainda em vida. No fundo, o *Programa decrescentista* não nega que as várias ações empreendidas como os 9 r's propostos sejam as únicas possíveis, estas situam-se num sistema aberto e devem ser ainda aprimoradas e ampliadas. O que se questiona no *Programa do decrescimento* é o fato de hoje a chamada indústria 4.0 querer deter todo o cabedal sobre as necessidades humanas, é sabido que essa nova modalidade de indústria 4.0 tem criado incessantemente necessidades fugazes e inculcado a ideia de que apenas os bens produzidos por ela são os únicos que podem dar a felicidade plena aos seres humanos.

O *Programa de decrescimento*, ao lado do programa de desenvolvimento sustentável vem contribuindo para construir novas identidades e novos estilos de vida. Eles incorporam e reatualizam questionamentos para com a modernidade, entretanto *Programa decrescentista* inova no sentido que abre novas janelas de possibilidade, pois busca superar o paradigma de desenvolvimento a qualquer custo. Numa perspectiva sob o olhar da bioética global potteriana, o *Programa do decrescimento* rejeita aquelas soluções fantasiosas que se centram unicamente num tipo de gestão e fundamentam o seu projeto político sob a perspectiva de crescimento ilimitado.

O novo caminho proposto pela bioética global de Potter e o *Programa do decrescimento* reside no fato de que novos caminhos são requeridos, mudanças em nossas crenças, valores, instituições e modos de vida, ser mais e não ter mais, moderar o apetite pelos bens efêmeros. Levar uma vida pautada na dignidade e que respeite a finitude planetária, não se deixar fascinar pelas maravilhas tecnológicas que vem remodelando o mundo, ou até mesmo ameaçando-o. Cada movimento em seu contexto é convidado a aplicar com vivacidade um modelo de vida sustentável, o meio ambiente inteiro com todos os seus recursos finitos deve ser uma preocupação constante também para a bioética global.

A bioética global de Potter juntamente com o *Programa decrescentista* nos mostram que quanto mais se depende das tecnologias para mantermos o mundo

funcionando, todos nos tornamos vulneráveis a possíveis riscos e colapsos, bem como também nos faz sentir dependentes, se tudo está interligado a tudo, qualquer falha num determinado ponto, todo o sistema poderá ser danificado e uma falha no mundo hiperconectado pode vir a ser fatal. A presente dissertação também buscou evidenciar que o crescimento tecnológico e também populacional trouxe à tona muitos problemas de alta complexidade, bem como problemas ambientais, as tecnologias a disposição, não tem sido capazes de dar uma resposta à altura; nas últimas décadas a impressão que se tem é que quanto mais a humanidade acelera a sua busca por novos materiais tecnológicos, mais ela continua no mesmo lugar.

A bioética global amparada em Potter, juntamente com os autores decrescentistas tem se interrogado também sobre a responsabilidade coletiva perante o futuro da humanidade, da sociedade perante o planeta, as outras formas de vida e aqueles que nos são mais próximos, a família e nossos filhos. Se cada um pensar somente em si evidente que sobreviverá sem maiores problemas, mas se tivermos um olhar abrangente pela vida toda, o egoísmo não será uma boa saída, nem mesmo todas as tecnologias a disposição de nossos sucessores serão suficientes para salvá-los de possíveis riscos ou eventos extremos. Somos responsáveis pelo sistema vida, não podemos viver isolados, nossa responsabilidade abarca cada situação como um todo, na medida em que cada situação se relaciona com outra e assim sucessivamente. Se vivermos apenas como sujeitos singulares poderemos apenas acrescentar alguns anos a mais em nossa existência, sem muitos dissabores. As mudanças em voga tem mostrado que o futuro de todos é intrinsecamente inseparável.

A bioética global aliada ao *Programa do decrescimento* deve preparar seus adeptos para as complexidades de um mundo em constante interação, hoje cada um precisa olhar muito além do seu mundo particular, devemos ter uma ampla percepção da complexidade que é a teia da vida e da sociedade, apesar de esse caminho não ser fácil, é preciso trilhá-lo. Aos poucos a sociedade vem despertando para os diferentes tipos de ameaça que a cerca, os novos perigos à vida presente e futura que tem surgido com rapidez espantosa, assim nos damos conta que quase tudo aquilo que usamos diariamente degrada a vida de um modo ou de outro. Quase todos os produtos colocados à disposição da sociedade poluem os solos, os rios, os oceanos e a atmosfera inteira. Não se pensando a longo prazo, no mais das vezes muitos seres humanos se direcionam apenas para os sintomas, as soluções num curto espaço de tempo, dão-se respostas simples para questões altamente complexas.

Defendemos nesta dissertação que a vida em sua inteireza deve estar sujeita a novas análises, cada um deveria estar consciente das aspirações dos outros com perspectivas diferentes das nossas. Abordar e refletir superficialmente as diferentes situações não trará certeza alguma; globalmente falando, devemos manter o equilíbrio aristotélico, pois raramente a resposta certa encontrar-se-á num único lugar. O *Programa decrescentista* assumiu o fato de que o viver hoje é cercado por riscos de toda ordem, não fazer nada perante as situações que clamam por intervenção é também um risco. Cada um procurando apenas e tão somente se poupar de correr qualquer tipo de risco, não se permitindo adotar novos estilos de vida ou ideias porque estes ainda não foram suficientemente testados pela ciência impede-se assim qualquer mudança significativa.

Nenhuma bioética por mais global que seja ela e nem mesmo nenhum pensador decrescentista são perfeitos, aqui mostrou-se que ambos são ferramentas valiosas que podem ajudar a compreender o mundo como ele é e lançam propostas para o seu aprimoramento, bem como para o seu equilíbrio. Passar da ideia de um crescimento infinito para um decrescimento moderado não vai ocorrer com facilidade, pode inclusive acarretar tensões e até mesmo conflitos de ideias. As alternativas aqui propostas pelo *Programa do decrescimento* são de ordem pacífica e gradual, mas desagradáveis frente ao pensamento dominante hoje. Entretanto, elas já estão presentes em muitos documentos oficiais mesmo que em suas entrelinhas, para muitos de nós hoje é temeroso ver como um mundo sem crescimento poderá estimular nossos descendentes. Diversas experiências ao longo dos últimos anos vem sendo implementadas às já existentes, ter em mente o comedimento e o equilíbrio necessário não é ser sinônimo de pequenez ou submissão, ao contrário, pode ser uma saída vantajosa para todos. Nas últimas décadas muitos padrões de sobrevivência antes tidos como intocáveis e certos, tem sido agora postos em xeque, as velhas regras de que quanto maior melhor não funcionam mais.

Hoje está a caminho um movimento de renovação e tanto o *Programa decrescentista*, como os adeptos do desenvolvimento sustentável e os bioeticistas globais sustentados em Potter procuram aflorar esses sinais de mudança e reinvenção; para estes é melhor que acabemos nos acostumando a ideia de que precisamos rever nossos conceitos, a procurarmos nos manter no mesmo caminho atual. Caso a comunidade onusiana não encare a situação do planeta hoje, com toda probabilidade ficaremos a fazer indagações sobre o por que tudo vai mal sem

queremos entender as razões desses infortúnios. Desde o início, o objetivo geral desta dissertação a que nos propusemos foi o de analisar como os referenciais da bioética global de Potter estão em sintonia com o *Programa do decrescimento* e por derradeiro podemos afirmar que ela está sim, não só em sintonia, mas também em harmonia com o *Programa decrescentista*, bem como com outros instrumentos legislativos que foram se originando ao longo do tempo e fazem parte do arcabouço teórico da bioética global de hoje.

A bioética global potteriana mostra, que é possível se fazerem novas abordagens e que o atual sistema hegemônico não é o único que detém a verdade. Ele pode ser conciliado com novas ideias, pois devemos manter sempre os valores humanos durante o percurso. Potter, evidenciava que sem pensarmos no futuro, seremos limitados a repetirmos a gramática individualista do eu, me, mim, comigo. Educação, inteligências mais realistas, boa vontade e ação, com toda probabilidade nos tornarão mais sensíveis às necessidades que o mundo nos apresenta. Existem outras satisfações que substituem o dinheiro e o poder e nós seres humanos faremos um enorme bem se conseguirmos descobrir isso a tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Mário Sérgio. Hans Jonas e a proposta de uma ética para a civilização tecnológica. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Curitiba-PR, Editora UFPR, nº 19, p. 13-27, jan/jun. 2009.

ALVES, José Eustáquio Diniz. Decrescimento e a busca de uma sociedade convivial. Entrevista com Graziela Wolfart e Patrícia Fachin **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XI, n. 380, p. 45-46, 14 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao380.pdf>>. Acesso em: 28 de novembro de 2016.

ARAIA, Eduardo. Bem-vindo ao Antropoceno. **Revista Planeta**. São Paulo. Ano 39, nº 470, p. 26-31, nov. 2011.

ARIÈS, Paul. *La décroissance est elle soluble dans la modernité?* Silence, nº 302, outubro de 2003, *In: LATOUCHE, Serge. O desafio do decrescimento*. Tradução de Antonio Viegas. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2006. 276p.

------. A simplicidade voluntária contra o mito da abundância. Tradução de Constância Maria Egrejas Morel. São Paulo-SP: Editora Loyola, 2013. 191p.

ARNOULD, Jacques. Cientista, místico e poeta. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano V, n. 140, p. 17-21, 08 de maio de 2005. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao140.pdf>>. Acesso em 05 de março de 2017.

------. Teilhard e a redescoberta da noção de Cristo cósmico. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano IX, n. 304, p. 06-08, 17 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao304.pdf>>. Acesso em 04 de março de 2017.

ARON, Raymond. **Dezoito lições sobre a sociedade industrial**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília, DF: Editora Martins Fontes, 1981. 274p.

BARCIFICONTAINE, Christian de P.; PESSINI, Leo. **Ecologia e Bioética Global**. *In: Problemas atuais de bioética*. 10. ed. São Paulo, SP: Editora Loyola, 2012, p. 101-122

BARRERA, Elda Margarita Suárez. **Iniciativas e sinais de esperança**. *In: Afonso Murad (org). Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo, SP: Editora Paulus, 2016. Cap: 02. 63-101p.

BARROS, Marcelo. Convite para unir terra e céu: A encíclica Laudato Si e a espiritualidade macroecumênica. **REB: Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 76, n. 301, jan/mar. p. 171-183, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **A riqueza de poucos beneficia todos nós?** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 2015. 103p.

----- . A Síndrome de Titanic e os seus medos. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano VI, n. 181, p. 13-24, 22 de maio de 2006. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao181.pdf>>. Acesso em 29 de maio de 2017.

BECK, Ulrich. Incertezas fabricadas. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano VI, n. 181, p. 05-12, 22 de maio de 2006. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao181.pdf>>. Acesso em 29 de maio de 2017.

BESSET, Jean Paul. **Comment ne plus être progressiste...sans devenir réactionnaire, Fayard**. Paris, 2005. In: LATOUCHE, Serge. **O desafio do decrescimento**. Tradução de Antonio Viegas. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2006. 276p.

BELUZZO, Luiz Gonzaga. O processo de mercantilização é anti-natural. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano V, n. 147, p. 24-26, 27 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao147.pdf>>. Acesso em 02 de novembro de 2016.

_____. **Revista Carta Capital**. 21/12/2014. In: BOFF, Leonardo. **A Terra na palma da mão: Uma nova visão do planeta e da humanidade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016. 267p.

BÍBLIA SAGRADA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais, com tradução das introduções e notas de *La Sainte Bible*, edição de 1973, publicada sob a direção da *École Biblique* de Jerusalém. São Paulo, SP: Editora Paulinas, 1985.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Crise ambiental. **Revista de Filosofia, Ciência e Vida**. Ano IX, n. 115, p. 15-21, 2016.

BOFF, Leonardo. O Antropoceno: o ser humano como o grande agressor. **Revista IHU On-line**. 15 de fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/506575-oantropocenooserhumanocomoograndeagressor>>. Acesso em 29 de setembro de 2016.

_____. **A busca de um ethos planetário.** Cadernos IHU ideias. Instituto Humanitas Unisinos. Editora Unisinos. São Leopoldo, RS, ano 10. nº 169. 2012. 16p.

_____. **A grande transformação: na economia, na política e na ecologia.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014. 221p.

_____; **MOLTMANN, Jurgen. Há esperança para a criação ameaçada?** Tradução de Levy Bastos. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014. 100p.

_____. **Sustentabilidade: o que é, o que não é.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014. 200p.

_____. O desafio ecológico à luz da Laudato Si e da COP 21 de Paris. **REB: Revista Eclesiástica Brasileira. Vol. 76, n. 301, jan/mar. p. 24-43, 2016.**

_____. **A Terra na palma da mão: Uma nova visão do planeta e da humanidade.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016. 267p.

BRUNE, François. *De l'idéologie aujourd'hui, Parangon.* Paris, 2005. In: LATOUCHE, Serge. **O desafio do decrescimento.** Tradução de Antonio Viegas. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2006. 276p.

BUARQUE, Cristovam. **Pronunciamento de 25 de outubro de 2011 no Senado Federal.** 2010b. <http://www.senado.gov.br/atividadepronunciamento/detTexto.asp?t=385896>. Acesso em 19/02/2017. In: FRANCO, Alan Boccato. **O decrescimento no Brasil.** In: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do, (Orgs.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Garamond, 2012. 269-288p.

----- Alerta e esperança: duas palavras para pensar os novos rumos do mundo. **Revista IHU On-Line.** Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XI, n. 384, p. 06-08, 12 de dezembro de 2011. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao384.pdf>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

CAMARGO, Ana Luiza de Brasil Camargo. **Desenvolvimento sustentável: dimensões e desafios.** 6. ed.. São Paulo, SP: Editora Papirus, 2012. 159p.

CANGIANI, Micheli; GARLIPP, José Rubens Damas; et al. A obra de Polanyi para compreender o presente. **Revista IHU On-Line.** Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano V, n. 147, p. 05-24, 27 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao147.pdf>>. Acesso em 02 de novembro de 2016.

CARVALHO, Edgard de Assis. Da crise ecológica ao pensamento complexo. Entrevista com Ricardo Machado. **Revista IHU On-Line.** Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XV, n. 469, p. 58-61, 03 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao469.pdf>>.

ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5803&secao=460>. Acesso em 12 de setembro de 2016.

CASTORIADIS, Cornelius. **Une société à la derive. Entretiens et débats.** 1974-1997, Seuil, Paris, 2005. In: LATOUCHE, Serge. **O desafio do decrescimento.** Tradução de Antonio Viegas. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2006. 276p.

CECHIN, Andrei. **Georgescu Roegen e o desenvolvimento sustentável: diálogo ou anátema?** In: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do, (Orgs.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Garamond, 2012. 349-370p.

----- **A natureza como limite da economia. A contribuição de Nicholas Georgescu Roegen.** São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo/Edusp, 2010. 264p.

CHIGNOLA, Sandro. Uma liberdade acomodada à racionalidade de mercado. Tradução de Moisés Sbardelotto. **Revista IHU On-Line.** Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XVI, n. 497, p. 60-65, 14 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao497.pdf>>. Acesso em 16 de novembro de 2016.

CONILL, Jesús. A manutenção da subjetividade humana diante do impulso diante do impulso tecnocientífico instrumental. Entrevista com Márcia Junges e Ricardo Machado. Tradução de André Langer. **Revista IHU On-Line.** Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XIV, n. 456, p. 34-37, 20 de outubro de 2014. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao456.pdf>>. Acesso em 01 de novembro de 2016.

COPPENS, Yves. Jornal *Le Monde*. Edição de 03/09/1996. In: LATOUCHE, Serge. **O decrescimento como condição de uma sociedade convivial.** Cadernos IHU ideias. Instituto Humanitas Unisinos. Editora Unisinos. São Leopoldo, RS, ano 04. Nº 56. 2006. 14p.

COREA, G. **“Rich must show the way to a replicable life-style”.** South Letter, nº 9-10, junho, 1991. In: SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente.** Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Studio Nobel: fundação do desenvolvimento administrativo, 1993. 103p.

CORSO, Marco Dal. A emergência de uma humanidade atravessada pela hospitalidade. Entrevista com João Vítor Santos. Tradução de Sandra Dall’Onder. **Revista IHU On-Line.** Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XVI, n. 499, p. 44-49, 19 de dezembro de 2016. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao499.pdf>>. Acesso em 22 de dezembro de 2016.

COUTAGNE, Marie Jeanne. Planetarizar o mundo para humanizar sua vida. **Revista IHU On-Line.** Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano V, n. 140, p. 15-17, 08 de maio de 2005. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao140.pdf>>. Acesso em 05 de março de 2017.

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução de Joaquim Toledo Junior. São Paulo, SP: Editora Cosac e Naify, 2014. 144p.

DALY, Herman. A economia é um subsistema do ecossistema. Entrevista com Graziela Wolfart e Gilberto Faggion. Tradução de Luis Marcos Sander. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano II, n. 214, p. 41-42, 15 de agosto de 2007. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao214.pdf>>. Acesso em 18 de julho de 2016.

DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Mana**, Rio de Janeiro: 4 (1), 23-45, 1998.

-----; PÁLSSON, Gísli. *Naturaleza y Sociedad: Perspectivas antropológicas*. México DC: Siglo XXI, 2001.

DOWBOR, Ladislau. Rio+ 20: centrada no equilíbrio entre a sustentabilidade e a equidade. Entrevista com Graziela Wolfart. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XI, n. 384, p. 16-17, 12 de dezembro de 2011. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao384.pdf>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

DUPAS, Gilberto. **Desafios da sociedade contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp, 2014. 168p.

DURANT, Guy. **A bioética: natureza, princípios e objetivos**. 2ª edição. Tradução de Porphírio Figueira de Aguiar Netto. São Paulo, SP: Editora Paulus, 2008. 102p.

ELLUL, Jacques. **Changer de révolution**. p. 251-3, citado por Jean Luc Porquet. In: J. Ellul. **L`homme qui avait (presque) tout prévu**. Ed. *Le cherche Midi*, 2003. p. 212-3 1981. In: LATOUCHE, Serge. **O decrescimento como condição de uma sociedade convivial**. Cadernos IHU ideias. Instituto Humanitas Unisinos. Editora Unisinos. São Leopoldo, RS, ano 04. Nº 56. 2006. 14p.

FILHO, Luis Gylvan Meira. **A luta contra o aquecimento global**. Cadernos IHU em formação. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano II, n. 07, p. 50-52. 2006. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/formacao/007cadernosihuemformacao.pdf>>. Acesso em 18 de julho de 2016.

FLACH, Miguel; LEAL, Halina. O paradoxo tecnocientífico: avanços tecnológicos e estagnação ética. Entrevista com Márcia Junges e Ricardo Machado. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XIV, n. 456, p. 28-33, 20 de outubro de 2014. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao456.pdf>>. Acesso em 01 de novembro de 2016.

FLIPO, Fabrice. **Introdução à história do conceito de decrescimento na França**. Tradução de: Leonardo Milani. In: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do,

(Orgs.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Garamond, 2012. 253-268p.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo, SP: Editora Loyola, 2015. 141p.

FRANCO, Alan Boccato. **O decrescimento no Brasil**. In: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do, (Orgs.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade**. Rio de Janeiro RJ: Editora Garamond, 2012. 269-288p.

FROGENAUX, Nathalie. Um futuro hipotecado. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XI, n. 371, p. 07-10, 29 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao371.pdf>>. Acesso em: 01 de novembro de 2016.

FUMARCO, Giuseppe. **Laudato Si, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade**. Tradução de Ramiro Mincato. Cadernos de Teologia Pública. São Leopoldo, RS, ano XIII, nº 114, volume 13, 28p, 2016.

GAJARDO, Marcela. **Ivan Illich**. Tradução de José Eustáquio Romão. Recife, PE: Editora Massangana, 2010. 148p.

GARDNER, Gary. **Precisamos de uma ética da suficiência**. Cadernos IHU em formação. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano II, n. 07, p. 85-87. 2006. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/formacao/007cadernosihuemformacao.pdf>>. Acesso em 12 de agosto de 2016.

GARLIPP, José Rubens Damas; ROUSTANG, Guy; et al. A obra de Polanyi para compreender o presente. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano V, n. 147, p. 05-24, 27 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao147.pdf>>. Acesso em 02 de novembro de 2016.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 2000. 102p.

GIRAUD, Gael. Da dívida ecológica ao débito do sistema financeiro com os pobres. Tradução de Luís Sander. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XV, n. 469, p. 41-44, 03 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao469.pdf>>. Acesso em: 17 de agosto de 2016.

_____. Do decrescimento surgirá uma humanidade mais justa e menos desigual. Tradução de Ricardo Machado. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XVI, n. 495, p. 10-15, 17 de outubro de 2016. Disponível em: <

<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao495.pdf>>. Acesso em: 17 de novembro de 2016.

_____. A ecologia econômica como alternativa às desigualdades. Tradução de Paulo Duarte. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XIV, n. 449, p. 11-14, 04 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao449.pdf>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2016.

----- **Ilusão Financeira: dos subprimes à transição ecológica**. Tradução de: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo, SP. Editora Loyola, 2015. 204p.

GLEICK, P.H. **“Environment and security: the clear connections”**. The Bulletin of the Atomic Scientists, v. 47, nº 3, abril, 1991. In: SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Studio Nobel: fundação do desenvolvimento administrativo, 1993. 103p.

GORBACHEV, Mikhail. **Meu manifesto pela Terra**. Tradução de Zóia Prestes. São Paulo, SP: Editora Planeta, 2003. 135p.

GRAS, Alain. **Fragilité de la puissance**. Fayard, Paris. 2003. In: LATOUCHE, Serge. **O desafio do decrescimento**. Tradução de Antonio Viegas. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2006. 276p.

GRAY, JOHN. **Falso amanhecer: os equívocos do capitalismo global**. Tradução de: Max Altman. São Paulo, SP: Editora Record, 1999. 302p.

GRINEVALD, Jacques; RENS Ivo. **Introdução à segunda edição (1995)**. In: ROEGEN, Nicholas Georgescu. **O decrescimento: entropia, ecologia, economia**. Tradução de João Duarte. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2008. 226p.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21ª edição. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt.. Campinas, SP: Editora Papyrus, 2014. 56p.

HALÉVY, Marc. **A era do conhecimento: princípios e reflexões sobre a revolução noética no século XXI**. Tradução de Roberto Leal. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2010. 347p.

HANNON, Bruce. **Energy Conservation and the consumer**. Science, 190: 95, 11 de julho de 1975. In: WOODWARD, Herbert N. **Capitalismo sem crescimento**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar editores, 1976. 205p.

HAUGHT, John. Evolução e o futuro infinitamente expansivo. Entrevista com Graziela Wolfart e Márcia Junges. Tradução de Ana Paula Penkala. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano IX, n. 304, p. 11-17, 17 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao304.pdf>>. Acesso em 03 de março de 2017.

HERBERT, Lewis. ***Our synthetic environment***. Jonathan Cape Ltd, Londres, 1963. *In*: SCHUMACHER, Ernst Friedrich. **O negócio é ser pequeno**. 4ª edição. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. 261p.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. Tradução de: Marcos Santarrita. São Paulo, SP: Editora Companhia das Letras, 2. ed. 2005. 598p.

HOTTOIS, Gilbert. **O paradigma bioético**. Lisboa: Editora Salamandra, 1990. *In*: PEGORARO, Olinto Antonio. **Ética e Bioética: da subsistência à existência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. 133p.

HUXLEY, Thomas Henry Huxley, 1877. *In*: POTTER, Van Rensselaer. **Bioética: ponte para o futuro**. Tradução de Diego Carlos Zanella. São Paulo, SP: Editora Loyola, 2016. 207p.

IHU. Ivan Illich, pensador radical e inovador. Editorial. **Revista. IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano II, n. 46, p. 01-04, 09 de dezembro de 2002. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5803&secao=460>. Acesso em 01 de setembro de 2016.

ILLICH, Ivan. **La convivialité**, op. cit. p. 570. Citado também em **Penser et agir avec Illich, Balises pour l'après-développement**, organizado por Martine Dardenne et Georges Trussart, Couleur livres, Bruxelles 2005, p. 16. *In*: LATOUCHE, Serge. **Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?** Cadernos IHU ideias. Instituto Humanitas Unisinos. 1. ed. Editora Unisinos. São Leopoldo, RS, ano 10. Nº 164. 2012. 19p.

JACKSON, Tim. **Prosperidade sem crescimento: vida boa em um planeta finito**. Tradução de José Eduardo Mendonça. São Paulo, SP: Editora Planeta Sustentável. 2013. 314p.

JAMES, William 1890. *In*: POTTER, Van Rensselaer. **Bioética: ponte para o futuro**. Tradução de Diego Carlos Zanella. São Paulo, SP: Editora Loyola, 2016. 207p.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. Atualizada. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 2015. 309p.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Tradução do original em alemão por Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, Editora PUC-RIO, 2006. 353p.

JUNGES, José Roque. **Ecocentrismo versus antropocentrismo no contexto atual do aquecimento global**. *In*: PESSINI, Leo; SIQUEIRA, José Eduardo; HOSSNE, William Saad, (Orgs.). **Bioética em tempos de incertezas**. São Paulo, SP: Centro Universitário São Camilo. Editora Loyola, 2010. 389-400p.

_____. **(Bio) Ética Ambiental**. 2. ed. Coleção Aldus 33. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2010. 144p.

_____. Para além do autismo econômico. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano XVI, n. 485, p. 48-53, 15 de maio de 2016. Disponível em:

<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_antecedentes&secao=485>. Acesso em 02 de agosto de 2016.

KANASHIRO, V. U. **Esboços de uma sociologia do conhecimento da questão ambiental: concepções de sustentabilidade e produção acadêmica brasileira, uma análise da base Scielo**. Campinas: dissertação de mestrado, IFCH/Unicamp, 2010. In: FRANCO, Alan Boccato. **O decrescimento no Brasil**. In: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do, (Orgs.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade**. Rio de Janeiro RJ: Editora Garamond, 2012. 269-288p.

KEMPF, Hervé. **As desigualdades, motor da crise ecológica**. In: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do, (Orgs.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2012. 229-233p.

_____. **Como os ricos destroem o planeta**. Tradução de Bernardo Ajzenberg. São Paulo, SP: Editora Globo, 2010, 146p.

KOTHARI, A; SURI, S; SINGH, N, 1995, **“People and Protected Areas. Rethinking Conservation in India”**. In the ecologist, vol. 25, nº 05. In: SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 4ª edição. Tradução de José Lins Albuquerque Filho. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002. 95p.

KUNG, Hans. **Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. 3. ed. Tradução de Haroldo Reimer. São Paulo, SP: Editora Paulinas, 2001. 209p.

LATOUCHE, Serge. **O decrescimento como condição de uma sociedade convivial**. Cadernos IHU ideias. Instituto Humanitas Unisinos. 1. ed. Editora Unisinos. São Leopoldo, RS, ano 04. Nº 56. 2006. 14p.

_____. **O desafio do decrescimento**. Tradução de Antonio Viegas. Editora Instituto Piaget. Lisboa. 2006. 276p.

_____. **O desenvolvimento é insustentável**. Cadernos IHU em formação. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano II, n. 07, p. 05-10. 2006. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/formacao/007cadernosihuemformacao.pdf>>. Acesso em: 18 de julho de 2016.

_____. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 2009. 170p.

_____. **Convivialidade e decrescimento**. Cadernos IHU ideias. Instituto Humanitas Unisinos. 1. ed. Editora Unisinos. São Leopoldo, RS, ano 10. Nº 166. 2012. 17p.

_____. **O decrescimento e o sagrado.** Cadernos IHU ideias. Instituto Humanitas Unisinos. 1. ed. Editora Unisinos. São Leopoldo, RS, ano 10. Nº 168. 2012. 14p.

_____. **Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?** Cadernos IHU ideias. Instituto Humanitas Unisinos. 1. ed. Editora Unisinos. São Leopoldo, RS, ano 10. Nº 164. 2012. 19p.

------. Serge Latouche. Entrevista com Graziela Wolfart. Tradução de Susana Rocca. **Revista IHU On-Line.** Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano XI, n. 383, p. 42-43, 05 de dezembro de 2011. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao383.pdf>>. Acesso em 28 de junho de 2016.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 11ª edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2015. 494p.

LISBOA, Marijane. **Ética e cidadania planetárias na era tecnológica: o caso da proibição de Basiléia.** Rio de Janeiro: Editora: Civilização Brasileira, 2009. 235p.

LOVELOCK, James. **Gaia: alerta final.** Tradução de Jesus de Paula Assis e Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro, RJ: Editora Intrínseca, 2010. 262p.

MACHADO, Carlos José Saldanha. **Desenvolvimento para o antropoceno.** Rio de Janeiro, RJ: Editora e-papers, 2014. 350p.

MACINTYRE, Alasdair Chalmers. Quando o bolso enche e o espírito se esvazia. Entrevista com João Vítor Santos. Tradução de Moisés Sbardelotto. **Revista IHU On-Line.** Revista Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano XVI, n. 485, p. 54-59, 16 de maio de 2016. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao485.pdf>>. Acesso em 12 de agosto de 2016.

MARADIAGA, Oscar. **Sem ética não há desenvolvimento.** Tradução de Carlo Alberto Dastoli. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 71p.

MARIOTTI, Humberto. **A era da avareza: a concentração de renda como patologia biopsicosocial.** Disponível em: http://www.humbertomariotti.com.br/imagens/trabalhosfoto/302001_avareza.pdf. Acesso em 01/10/2016.

MOLTMANN, Jurgen; BOFF, Leonardo. **Há esperança para a criação ameaçada?** Tradução de Levy Bastos. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014. 100p.

MORI, Geraldo de. Uma leitura pós-moderna do cosmos. **Revista IHU On-Line.** Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano V, n. 140, p. 21-23, 08 de maio de 2005. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao140.pdf>>. Acesso em 04 de março de 2017.

MORIN, Edgard. **Por uma governança de destino comum.** In: GOLDMANN, Sacha. (org.) **O mundo não tem mais tempo a perder: apelo por uma governança mundial solidária e responsável.** Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 2014. 113-122p.

MOSER, Antonio. **Biotecnologia e Bioética: Para onde vamos?** 4ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004. 453p.

MURAD, Afonso. **Ecologia, consciência planetária e bem viver.** In: Afonso Murad (org). In: **Ecoteologia: um mosaico.** São Paulo, SP: Editora Paulus, 2016. Cap: 01. 17-61p.

MYET, Bernard. **Década de 1980: o desmantelamento da governança mundial.** In: GOLDMANN, Sacha. (org.) **O mundo não tem mais tempo a perder: apelo por uma governança mundial solidária e responsável.** Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 2014. 81-100p.

NALINI, José Renato. **Por que filosofia?** 2. ed. Revista, atualizada e ampliada. São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais, 2010. 335p.

NASCIMENTO, E. P. do; GOMES, G. C. **Décroissance: qual a consistência? VIII encontro da sociedade brasileira de economia ecológica.** Cuiabá, agosto de 2009, <[www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/VIII GT3-32-104-20090717100030.pdf](http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/VIII_GT3-32-104-20090717100030.pdf)>. Acesso em 19/02/2017. In: FRANCO, Alan Boccato. **O decrescimento no Brasil.** In: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do, (Orgs.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade.** Rio de Janeiro RJ: Editora Garamond, 2012. 269-288p.

NETO, Francisco Borba Ribeiro. O diálogo entre catolicismo e ambientalismo a partir da Laudato Si. **REB: Revista Eclesiástica Brasileira.** V. 76, nº 301, ano: jan/mar 2016. p. 08-23.

NEUTZLING, Inácio. **Cúpula mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável.** Cadernos IHU em formação. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano II, n. 07, p. 75-77. 2006. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/formacao/007cadernosihuemformacao.pdf>>. Acesso em 18 de julho de 2016.

NOBRE, Antonio Donato. Quando a tecnociência vê um pixel, mas ignora a paisagem. Entrevista com João Vítor Santos. **Revista IHU On-Line.** Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano XVI, n. 485, p. 44-47, 16 de maio de 2016. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao485.pdf>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

NORDHAUS, W. D. **The allocation of energy resources. Brookings papers on economic activity,** nº 3, 1973. In: FLIPO, Fabrice. **Introdução à história do conceito de decrescimento na França.** Tradução de: Leonardo Milani. In: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do, (Orgs.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Garamond, 2012. 253-268p.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. **Compreender Hans Jonas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014. 204p.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Desafios éticos da globalização**. 3. ed. São Paulo, SP: Editora Paulinas, 2008. 333p.

ORLIANGE, Philippe; GIRAUD, Gael. **Laudato Si e os objetivos de desenvolvimento sustentável: uma convergência?** Tradução de Vanise Dresch. Cadernos de Teologia Pública. São Leopoldo, RS, ano XIII, nº 117, volume 13, 28p, 2016.

PASSET, René. **Elogio da globalização por um contestador assumido**. Tradução de: Clóvis Marques. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 2003. 157p.

_____. **Dos princípios para a organização de uma governança mundial**. In: GOLDMANN, Sacha. (org.) **O mundo não tem mais tempo a perder: apelo por uma governança mundial solidária e responsável**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 2014. 63-80p.

PEGORARO, Olinto Antonio. **Ética e Bioética: da subsistência à existência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. 133p.

_____. **Ética dos maiores mestres através da história**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. 191p.

PEPPARD, Christiana. O novo e o velho na Encíclica de. Entrevista com João Vítor Santos. Tradução de Luís Sander **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano XV, n. 469, p. 116-119, 03 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5803&secao=460>. Acesso em 02 de março de 2017.

PERROT, Marie Dominique. **Da desmedida ordinária à desmundialização necessária**. In: ALMEIDA, José Maria de, (org.). **Desfazer o desenvolvimento para refazer o mundo**. São Paulo, SP: Editora Cidade Nova, 2009. 145-160p. Cap. 10.

PESSINI, Leo; BERTACHINI, Luciana; BARCHIFONTAINE, Christian de P.; HOSSNE, William. **Bioética em tempos de globalização**. São Paulo, SP: Editora Loyola, 2015. 219p.

PESSINI, Leo. **Introdução à edição brasileira. Van Rensselaer Potter: a pessoa e o legado**. In: **Bioética: ponte para o futuro**. Tradução de Diego Carlos Zanella. São Paulo, SP: Editora Loyola, 2016. 207p.

POTTER, Van Rensselaer. **Revista “O Mundo da Saúde”**. V. 33, nº 06, 1998.

_____. **Bioética: ponte para o futuro**. Tradução de Diego Carlos Zanella. São Paulo, SP: Editora Loyola, 2016. 207p.

QUINTANAS, Anna. Bioética, biopolítica e tanatopolítica. A obsessão doentia pela saúde perfeita. Entrevista com Márcia Junges e Patrícia Fachin. Tradução de André Langer. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XIV, n. 456, p. 28-33, 20 de outubro de 2014. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao456.pdf>>. Acesso em 01 de novembro de 2016.

RAMOS, João Daniel Dorneles. A (cosmo) lógica das relações humano-animais nas religiões afro-brasileiras. **Revista Iluminuras**. V. 17, n. 42, p. 166-189, ago/dez, 2016.

RASMUSSEN, Derek. **“Valeurs monétisées et valeurs non monétisables” (título original “The priced versus the priceless”)**. In: *Interculture* (Montreal), nº 147, outubro de 2004. **“Le terrorisme de l’argent I”**. In: LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 2009. 170p.

ROCARD, Michel. **Em busca de uma governança mundial**: In: GOLDMAN, Sacha (org.). **O mundo não tem mais tempo a perder: apelo por uma governança mundial solidária e responsável**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2014. 101-112p.

RHODES, Richard. **Prefácio**. In: MASTERS, Dexter; WAY, Katharine (orgs). **Um mundo ou nenhum: um relatório ao público sobre o pleno significado da bomba atômica**. Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo, SP. Editora Paz e Terra, 2007. 231p.

ROEGEN, Nicholas Georgescu. **O decrescimento: entropia, ecologia, economia**. Tradução de João Duarte. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2008. 226p.

ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da loucura**. Tradução de Paulo M. Oliveira. Rio de Janeiro, RJ: Editora Ediouro, 1994. 155p.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 4ª edição. Tradução de José Lins Albuquerque Filho. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002. 95p.

----- **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Studio Nobel: fundação do desenvolvimento administrativo, 1993. 103p.

SALE, Kirkpatrick. **Inimigos do futuro: a guerra dos luditas contra a revolução industrial e o desemprego**. Tradução de: Valéria Rodrigues. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1995. 278p.

SÁNCHEZ, Tomás Parra. **Dicionário da Bíblia**. 6ª reimpressão. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1997. 229p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O Fórum foi uma iniciativa de inclusão sem precedentes. **Revista IHU On-line**. 20 de janeiro de 2016. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/551001-boaventuradesousasantos>>. Acesso em 22 de outubro de 2016.

SCHAFER, Lothar. Somos parte de um processo cósmico que está em andamento. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano V, n. 140, p. 07-12, 08 de maio de 2005. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao140.pdf>>. Acesso em 04 de março de 2017.

SHELLNHUBER, Hans Joachin. Uma base comum: a encíclica papal, a ciência e a preservação do planeta Terra. Tradução de Luís Sander. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano XV, n. 469, p. 10-15, 03 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao469.pdf>>. Acesso em: 17 de agosto de 2016.

SCHUMACHER, Ernst Friedrich. **O negócio é ser pequeno**. 4ª edição. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. 261p.

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo SP: Editora Edipro, 2016. 159p

SEABORG, Glenn T. **The Erewhon Machine: the possibilities for reconciling goals by away of new technology, em Sam Schutt, ed., Economic, growth and environment, Baltimore**: John Hopkins Press, p. 125-138 1972. In: ROEGEN, Nicholas Georgescu. **O decrescimento: entropia, ecologia economia**. Tradução de João Duarte. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2008. 226p.

SEBASTIÃO, Luís Miguel. Teilhard de Chardin: um anti-Darwin. Entrevista com Graziela Wolfart e Márcia Junges. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano IX, n. 304, p. 20-22, 17 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao304.pdf>>. Acesso em 03 de março de 2017.

SEN, Amartya; KLIKSBERG, Bernardo. **As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado**. Tradução de Bernardo Ajzenberg e Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 404p.

----- **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 461p.

----- **Sobre Ética e Economia**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 143p.

SGANZERLA, Anor; OLIVEIRA, Jelson; MORETTO, Geovani. **Responsabilidade**. In: **Vida, técnica e responsabilidade: três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas**. São Paulo, SP: Paulus, 2015. 195p.

SIMÕES, Jefferson. O humanismo como resgate ético à ciência tecnocrática. Entrevista com João Vítor Santos. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano XV, n. 469, p. 18-23, 03 de agosto de 2015. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5803&secao=460>. Acesso em 12 de setembro de 2016.

SIMONIS, U.E. **“Beyond growth: elements of sustainable development”**. Berlim: Wissenschaftszentrum, 1990. *In*: SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Studio Nobel: fundação do desenvolvimento administrativo, 1993. 103p.

SLOTEDIJK, Peter. **Imperativo categórico e imperativo absoluto**. *In*: GOLDMANN Sacha. (org.) **O mundo não tem mais tempo a perder: apelo por uma governança mundial solidária e responsável**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 53-62p.

STEFFEN, Clemente. **Lutzenberger: Uma vida em favor da vida. A nossa amizade nasceu na Agapan**. Entrevista com Clemente Steffen. Cadernos IHU em formação. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano II, n. 07, p. 102-106. 2006. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/formacao/007cadernosihuemformacao.pdf>>. Acesso em 18 de julho de 2016.

STREETEN, Paul. **Globalização: ameaça ou oportunidade?** *In*: ABRAMOVAY, Ricardo; ARBIX, Glauco; ZILBOVICIUS, Mauro (Orgs.). Razões e ficções do desenvolvimento. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2001. 71-155p. Cap. 06.

STRONG, M.F. **Statement to ministerial conference of the organization of African Unity. Abujah**, Nigéria, 31 de maio, 1991. *In*: SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Studio Nobel: fundação do desenvolvimento administrativo, 1993. 103p.

VATIN, Francois. **Trois essais sur la genèse de la pensée sociologique: politique, épistémologie, cosmologie**. La Découverte, Paris, 2005. *In*: LATOUCHE, Serge. **O desafio do decrescimento**. Tradução de Antonio Viegas. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2006. 276p.

VEIGA, José Eli da. **Sustentabilidade: a legitimação de um novo valor**. 2ª edição. São Paulo: Editora Senac, 2010. 160p.

----- **Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI**. 3ª edição. Rio de Janeiro: editora Garamond, 2008. 226p.

VIRILIO, Paul. **L'espace critique. Essai sur l'urbanism et les nouvelles technologies**. Christian Bourgois, Paris, 1984. *In*: LATOUCHE, Serge. **O desafio do decrescimento**. Tradução de Antonio Viegas. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2006. 276p.

WALDMAN, Maurício. Manifesto Eco Modernista e Laudato Si: duas visões da crise ecológica. Entrevista com João Vítor Santos. **Revista IHU On-Line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano XV, n. 469, p. 45-51, 03 de agosto de 2015. 03 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5803&secao=460>. Acesso em 12 de setembro de 2016.

WELZER, Herald. ***Climate Wars: What People Will Be Killed For in the 21st Century, 2012, p.174s.*** In: BAUMAN, Zygmunt. A riqueza de poucos beneficia todos nós? Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 2015. 103p.

WOODWARD, Herbert N. **Capitalismo sem crescimento.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar editores, 1976. 205p.